

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Adriana Emerick Garcia Homem

**A espiritualidade da mulher no contexto
eclesiástico pentecostal brasileiro:
uma espiritualidade de resistência a partir
de Frida Vingren**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi

Rio de Janeiro,
fevereiro de 2025

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Adriana Emerick Garcia Homem

**A espiritualidade da mulher no contexto
eclesiástico pentecostal brasileiro:
uma espiritualidade de resistência a partir
de Frida Vingren**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela
Comissão Examinadora abaixo:

Francilaide de Queiroz Ronsi
Orientadora
PUC-Rio

Luis Corrêa Lima
PUC-Rio

Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa
UFS

Rio de Janeiro, 10 de março de 2025

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibido sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Adriana Emerick Garcia Homem

Graduou-se em Teologia (Faculdades Evangélicas de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia) e Pós-Graduada em Antigo e Novo Testamento (Faecad-RJ). Pós-Graduada em Terapia Sistêmica Familiar (Logos-RJ). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Pastoral, atuando principalmente nos seguintes temas: pentecostalismo, família, fé, herança e justiça.

Ficha Catalográfica

Homem, Adriana Emerick Garcia

A espiritualidade da mulher no contexto eclesial pentecostal brasileiro : uma espiritualidade de resistência a partir de Frida Vingren / Adriana Emerick Garcia Homem ; orientadora: Francilaide de Queiroz Ronsi. – 2025.

102 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Espírito Santo. 3. Pentecostalismo. 4. Assembleia de Deus. 5. Mulher assembleiana. 6. Frida Vingren. I. Ronsi, Francilaide de Queiroz. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD:200

Para a minha amada família, Alexandre, Ana
Carolina e Débora suporte e compreensão.
Vocês são base e porto seguro.

Agradecimentos

À Jesus Cristo nosso Senhor por ser meu guia iluminando e me conduzir nesta jornada acadêmica.

À minha orientadora, Profa. Dra. Francilaide de Queiroz Ronsi, por sua dedicação e paciência para comigo, seu zelo é admirável.

À minha família fonte de inspiração. Meu esposo Alexandre pelo incentivo e por acreditar sempre que chegaria até aqui. Às minhas filhas, Ana Carolina e Débora, que foram meus suportes em tantos momentos.

À PUC-Rio, aos docentes do Departamento de Teologia da PUC-Rio, Coordenação e Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio, pela atenção, dedicação e orientação. Sem a estrutura e o suporte de todos vocês da PUC-Rio eu não teria concluído com êxito as pesquisas de minha jornada acadêmica, esse apoio foi fundamental na realização desse trabalho acadêmico.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pelo apoio para a realização dessa pesquisa.

Resumo

Homem, Adriana Emerick Garcia; Ronsi, Francilaide de Queiroz. **A espiritualidade da mulher no contexto eclesial pentecostal brasileiro: uma espiritualidade de resistência a partir de Frida Vingren**. Rio de Janeiro, 2025, 98p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Pesquisar sobre a espiritualidade da mulher no contexto eclesial pentecostal brasileiro, especificamente nos primórdios da fundação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, em Belém-PA no ano de 1911, se torna fundamental nesta pesquisa, determinando um recorte histórico-cultural da importante atuação delas nesta denominação cristã encontrada por todo território nacional. Embora não reconhecidas plenamente nesta denominação, elas buscam se assemelhar em toda vida espiritual e prática ao seu Senhor, Jesus Cristo. A práxis da mulher cristã pentecostal assembleiana, como se mostra atualmente no cenário religioso brasileiro, em que elas estão em evidência, após um longo período de silêncio imposto por sua liderança masculina, se deve ao ímpeto da missionária pentecostal suíça Frida Vingren, esposa do fundador da Igreja Assembleia de Deus, Gunna Vingren. Ao assumir a maior parte das tarefas missionárias na Igreja, por ocasião da saúde frágil do seu esposo, Frida Vingren, na mesma força do Espírito Santo que foi derramado em Pentecostes sobre homens e mulheres, prosseguiu em sua caminhada missionária no Brasil, como a primeira pastora da denominação. Ainda que não reconhecida oficialmente mesmo em pleno século XXI, porque silenciada e vilipendiada por seus algozes brasileiros e conterrâneos. Se as mulheres das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil avançam para o reconhecimento do trabalho pastoral que exercem continuamente, com excelência, na pregação, na ação social, no grupo de oração, nos cânticos, no ensino e tantas outras tarefas que a elas são delegadas, sem abandonar a responsabilidade cultural também imposta a elas historicamente, como administradora familiar, isso se deve ao incentivo histórico dado a elas nos primórdios da Igreja Assembleia de Deus no Brasil pelas atividades exercidas por Frida, ainda que a maior parte das assembleianas desconheça a importância e a pérola de grande valor que foi Frida Vingren para as mulheres da denominação. Portanto, esta pesquisa é denúncia, reparação e divulgação, daquela que sofreu e sofre o peso da mão dos algozes cristãos do seu tempo, uma história que ainda permanece nas sombras da denominação perdurando por mais de 100 anos, por mais contraditório, estranho e absurdo que esta afirmação transparece quando se imagina numa denominação que deve viver o Cristo de Deus plenamente.

Palavras-chave:

Espírito Santo; Pentecostalismo; Assembleia de Deus; mulher assembleiana; Frida Vingren.

Abstract

Homem, Adriana Emerick Garcia; Ronsi, Francilaide de Queiroz. **Women's spirituality in the Brazilian Pentecostal ecclesiastical context: a spirituality of resistance based on Frida Vingren.** Rio de Janeiro, 2025, 98p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Researching women's spirituality in the Brazilian Pentecostal ecclesiastical context, specifically in the early days of the founding of the Assembly of God Church in Brazil, in Belém-PA in 1911, is essential in this research, determining a historical-cultural outline of their important role in this Christian denomination found throughout the country. Although not fully recognized in this denomination, they seek to resemble their Lord, Jesus Christ, in all their spiritual and practical lives. The practice of the Pentecostal Christian Assembly woman, as it is currently shown in the Brazilian religious scene, where they are in the spotlight after a long period of silence imposed by their male leadership, is due to the impetus of the Swiss Pentecostal missionary Frida Vingren, wife of the founder of the Assembly of God Church, Gunna Vingren. By taking on most of the missionary tasks in the Church, on the occasion of her husband's fragile health, Frida Vingren, in the same strength of the Holy Spirit that was poured out on men and women at Pentecost, continued her missionary journey in Brazil, as the first female pastor of the denomination. Although not officially recognized even in the 21st century, because she was silenced and vilified by her misogynistic tormentors. If the women of the Assemblies of God Churches in Brazil are advancing towards recognition for the pastoral work that they continually carry out, with excellence, in preaching, social action, in prayer groups, in songs, in teaching and so many other tasks that are delegated to them, without abandoning the cultural responsibility also imposed on them historically, as family administrator, this is due to the historical encouragement given to them in the early days of the Assemblies of God Church in Brazil by the activities carried out by Frida, even though most of the Assemblies of God members are unaware of the importance and the pearl of great value that Frida Vingren was for the women of the denomination. Therefore, this research is a denunciation, reparation and dissemination of that which suffered and suffers the weight of the hand of the Christian misogynists of its time, a history that still remains in the shadows of the denomination lasting for more than 100 years, however contradictory, strange and absurd this statement may seem when one imagines a denomination that must live the Christ of God fully.

Keywords:

Holy Spirit; Pentecostalism; Assembly of God; Assembly of God woman; Frida Vingren.

Sumário

1.Introdução.....	10
2.Um breve histórico do Pentecostalismo no Brasil: uma atualização.....	16
2.1. A origem do pentecostalismo em Atos dos Apóstolos 1 e 2: pluralidade a partir do Espírito Santo.....	16
2.1.1 A importância da ação do Espírito Santo na Igreja Primitiva.....	18
2.2. O feminino na Escritura: o discipulado de Maria como abertura da ação do Espírito Santo às mulheres da futura Igreja em Jerusalém.....	22
2.2.1. A <i>ruah</i> de lahweh no Antigo Testamento: um Espírito feminino?..	23
2.2.2. A manifestação do Espírito Santo em Jesus de Nazaré: a <i>pneuma</i> no Novo Testamento.....	26
2.2.3. A peculiaridade do discipulado no feminino: o discipulado de Maria.....	30
2.3. O contexto histórico do Pentecostalismo no Brasil: o protestantismo missionário e a importância das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus para as camadas populares.....	34
3. A manifestação do Espírito Santo nas mulheres assembleianas no Brasil.....	43
3.1. Diferenças e aproximações entre os movimentos Pentecostal e Neopentecostal no Brasil.....	43
3.1.1. Pentecostalismo: breve história, conceito e características.....	44
3.1.2. Neopentecostalismo: breve história, conceito e características.....	46
3.2 Vozes femininas silenciadas na Convenção Geral de 1930.....	50
3.3. O silenciamento de Frida Maria Strandberg Vingren de fato aconteceu?.....	61
4. Espiritualidade feminina como lugar de resistência.....	78
4.1. A espiritualidade integradora de Frida Vingren: importantes recomendações às mulheres assembleianas.....	82
4.2. As atividades das mulheres pentecostais: o círculo de oração.....	92
5. Conclusão.....	100
6. Referências bibliográficas.....	103

1 Introdução

Tratar da temática da mulher sob um panorama bíblico-histórico não é uma tarefa fácil, requer uma releitura do sistema hermenêutico arraigado na tradição judaico-cristã através dos séculos, o que nesta pesquisa não seria possível. Contudo, sabe-se que este sistema deixou como herança o papel da preponderância masculina em grande parte das culturas conhecidas, salvo raras exceções entre os povos de vida mais simples em que o sistema cultural parte do matriarcado. No Ocidente o papel legando à mulher, em inúmeros casos é secundário.

Todavia, este androcentrismo constitui-se numa distorção decorrente de uma interpretação instrumentalizada pelo contexto bíblico histórico-patriarcal. O intuito desta pesquisa é apontar, a partir da revisão de alguns paradigmas, pensar e repensar o papel da mulher, sobretudo, na experiência pentecostal, no sentido de uma hermenêutica feminina, a partir da relação delas com o seu Sagrado dentro da tradição histórica judaico-cristã, com Iahweh no texto veterotestamentário, com Jesus de Nazaré nos Evangelhos e, por fim, na manifestação/efusão do Espírito Santo sobre elas no Pentecostes, que lhes outorgou a mesma autoridade dada aos homens, para servir a Jesus Cristo, simbolizado em sua Igreja.

A alocação do feminino no contexto religioso, que acontece e se estabelece desde as religiões pagãs, também é uma verdade e realidade no contexto do cristianismo, bem como no movimento pentecostal, desde o seu início até os dias atuais. A relação da mulher com o sagrado e seu papel de protagonismo diante dele, é asseverado pela postura feminina de entrega em vida, adoração e serviço diante do mistério divino que diante dela se encontra e com a qual ela se relaciona misticamente.

Logo, a participação e experimentação do sagrado não pode se limitar a ser “uma coisa de homem”, uma vez que o universo feminino também é atingido por tal envolvimento. De igual forma, o protagonismo diante do sagrado não pode – ou pelo menos não deveria – se limitar a um protagonismo masculino, uma vez que o mistério divino a todos se manifesta, sem distinção.

É visível, mundialmente, que as mulheres têm conquistado inúmeros espaços na sociedade que antes só concentravam e cabiam à presença masculina. Principalmente no mudo do trabalho elas têm ocupado postos de grande responsabilidade e distinção, liderando empresa de grande porte em todas as áreas,

em que há enorme investimento econômico, assumindo o posto de CEO (Chief Executive Officer), em português, Diretoras Executivas, o mais alto cargo dentro de uma empresa de grande porte, conforme se apresenta no desenvolvimento do capitalismo do nosso tempo.

Evidente que ainda há uma resistência dos homens, que se revela misógina, preconceito explícito atestando mesmo em pleno século XXI. Ainda que século recheado de enormes avanços tecnológicos, mas atrasado consideravelmente quanto ao trato dado a elas, principalmente quando elas exigem que se cumpram as leis, os direitos que foram conquistados com muita dor, suor, lágrimas e sangue delas derramado. A liberdade plena para elas ainda é motivo de muitas batalhas, ainda há muito a se fazer.

A raiva que muitas delas nutrem, legitimamente, é que nos espaços em que deveriam contar com o apoio para suas causas, encontram as portas fechadas, pior, há uma imposição, um enquadramento cultural originário da tradição religiosa judaico-cristã.

Evidente que este enquadramento não pode ser considerado fielmente como judaico-cristão, porque aí o Cristo de Deus, Jesus de Nazaré, entra na questão, e conforme sua práxis no mundo, suas palavras em diversas ocasiões foram ácidas, exortadoras, o que neste caso também não se mostrou diferente, quando os Evangelhos revelam os diversos encontros que ele teve com elas, em particular nesta pesquisa, a relação do Mestre com a família que ele tanto amava, Marta, Maria e Lázaro.

Mas a irritabilidade feminina, identificada em algumas delas, neste aspecto particular da religião, aqui restrito ao cristianismo de corte protestante pentecostal, centrado na Igreja Assembleia de Deus, é que elas não encontram um espaço de plena liberdade, ou seja, neste segmento pentecostal cristão elas são também historicamente enquadradas. É justo afirmar que esta não é uma ação que se limita aos “valores” das Igrejas Assembleias de Deus, inúmeras outras denominações, filhas do protestantismo agem de igual forma, igrejas de recorte religioso pentecostal e neopentecostal, embora neste último segmento já há avanços em relação a elas como pastoras, ordenadas legitimamente, como se usa no jargão evangélico, para este exercício.

Portanto, em algumas denominações/igrejas evangélicas quebrou-se o enquadramento que as limitavam à certos trabalhos dentro da Igreja, como no

berçário, na educação (Escola Bíblica Dominical) infantil, de jovens e adultos, no Círculo de Oração, na Assistência Social, além de outras seções comuns nas Igrejas pentecostais e neopentecostais, que as tem em funções semelhantes que já exercem em seus lares, como no âmbito da limpeza predial e na cozinha da Igreja.

Não há dúvida que as mulheres evangélicas, pentecostais e neopentecostais, atuam muito mais nas Igrejas e nos lares do que os homens, porém, essa atuação jamais as levou ao reconhecimento de que podem assumir a liderança dessas igrejas como líderes ou dentro do cristianismo do tipo brasileiro pentecostal, como pastoras.

Esta pesquisa se torna relevante para o cenário atual pentecostal brasileiro, portanto, que vai além do nosso objeto de pesquisa central, a importância das mulheres assembleianas para a denominação pentecostal Assembleia de Deus, porque de certa maneira, o que aqui será apresentado toca em todas as mulheres do contexto religioso protestante do país.

As Igrejas Assembleias de Deus, por assim dizer, se tornam um laboratório fértil para a valorização da mulher cristã no Brasil, portanto, além da ação das mulheres assembleianas, embora a pesquisa concentre os seus esforços nesta denominação.

Intenciona-se, a partir do que é apresentado nesta pesquisa, que a mulher cristã possa alcançar sua plena liberdade e valor dentro das igrejas pentecostais, neopentecostais e tradicionais.

Mas não só reconhecimento, isto de certa maneira muitas denominações protestantes já fazem, como a própria Igreja Assembleia de Deus, mas este reconhecimento por vezes leva em si a aparência de um “cala boca”, “mantenha-se em seu lugar”, “contente-se com isso”. A mulher pentecostal, cristã no geral, merece mais, e é isto que esta pesquisa vem reivindicar.

O ponto de partida que fundamenta esta pesquisa do feminino e sua importância para a religião cristã, está dentro da denominação centenária no Brasil, a Igreja Assembleia de Deus, fundada em 1911 em Belém do Pará, e possui para isso, argumentos plausíveis, que serão apresentados segundo as temáticas principais, dos capítulos que se seguem abaixo.

No capítulo de abertura: “Um breve histórico do Pentecostalismo no Brasil: uma atualização”, apresenta-se um panorama sobre o movimento, mas tendo como ponto de partida a ação do Espírito Santo já em Pentecostes, como se apresenta no

Livro de Atos dos Apóstolos em seus primeiros capítulos. O movimento da pesquisa, portanto, partiu do fim, da efusão do Espírito Santo sobre as mulheres junto com os homens em Jerusalém, para que depois pudesse ser reconstruída a ação delas, na Igreja primitiva, tendo como símbolo desta abertura do discipulado, a cena que se desenvolve no encontro entre Jesus de Nazaré, Maria, aquela que é discipulada, e sua irmã Marta, que é convidada por Jesus para também fazer parte daquele movimento de aprendizado.

Caminhando neste percurso ao passado, mostrar-se-á a manifestação do Espírito Santo no contexto veterotestamentário, a *ruah* de Iahweh e no ambiente histórico-cultural do Novo Testamento, a *pneuma*, a força que operava na vida de Jesus de Nazaré para que ele realizasse sinais e prodígios anunciando o Reino do Pai. Encerrando este primeiro momento da pesquisa, chegar-se-á ao contexto histórico do protestantismo de missão no Brasil, o surgimento da Igreja Assembleia de Deus em Belém do Pará e sua particularidade missionária de aproximação junto aos populares, aos pobres nordestinos, que no primeiro instante, foram os que logo aceitaram a mensagem dos missionários suíços que por aqui iniciavam seus trabalhos.

O segundo capítulo da pesquisa: “A manifestação do Espírito Santo nas mulheres assembleianas no Brasil”, busca mostrar o incômodo que elas causavam dentro daquele contexto histórico-cultural conforme se apresentava no Brasil, o fato histórico e relevante desta questão está na apresentação e análise da Convenção de 1930. Antes, porém. Achou-se importante apresentar as características dos movimentos pentecostal e neopentecostal, a fim de verificar as aproximações e distanciamentos destes movimento que são praticamente irmãos, mas com personalidades diferentes.

Este capítulo se encerra com a apresentação daquela que é o símbolo de luta e resistência contra todo preconceito religioso protestante pentecostal daquele momento histórico dentro do espaço eclesial da Igreja Assembleia de Deus. Frida Vingren, sempre apresentada em segundo plano, como a esposa do fundador, porém, foi mais que isto, sem ela as Igrejas Assembleias de Deus certamente não teriam força para continuar e se propagar sobre todo o território brasileiro. Foi, portanto, mais do que mãe e esposa, assumiu também a função de pastora, liderando, cultos, grupos de oração e outras atividades, além de exercer a função de redatora de dois jornais importantes para a divulgação da fé protestante no Brasil,

contribuindo com belíssimos hinos, poemas e textos críticos, principalmente no período posterior ao Congresso de 1930, que só foi convocado para que pudesse silenciá-la, mas como se verá, foi em vão.

No último capítulo: “Espiritualidade feminina como lugar de resistência”, será apresentado o feminino como o centro da discussão, o *lócus*, em que a fé feminina é posta em prática dentro do exercício hermenêutico desenvolvido por elas na força do Espírito Santo, fora dos padrões pré-estabelecidos pelo enquadramento do homem religioso construído ao longo do desenvolvimento judaico-cristão.

Neste aspecto, retorna ao centro e como finalização desta pesquisa, a “invisível mulher do fundador” da Igreja Assembleia de Deus, Frida Vingren, retorna para a exigência de uma urgente correção histórica dentro da denominação, elevando-a ao seu lugar de direito, retirando-a das sombras em que foi colocada e apresentando-a como mulher iluminada na força do Espírito Santo, que realizou uma grande obra missionária no Brasil, até mesmo superior a obra do seu esposo Gunna Vingren, que constantemente enfermo deixou a liderança da igreja a cargo de sua esposa, assim como outros importantes trabalhos missionários pelo Brasil.

A Convenção das Assembleias de Deus em 1930, só convocada pelo “incômodo” chamado Frida Vingren, não a abalou, ao contrário, lhe deu mais forças para continuar a batalha, ainda que absurda, pois dentro de um segmento cristão, mas necessária. Nesta batalha é que pode se verificar a atuação do Espírito Santo na vida de Frida, dando-lhe força não somente para enfrentar os seus algozes, mas também para romper as barreiras impostas pela hermenêutica do macho diante de suas interpretações da Palavra de Deus.

Neste aspecto, dentro deste processo de ruptura, se vê Frida Vingren como uma revolucionária, que convoca todas as mulheres assembleianas a uma prática religiosa de liberdade na abertura que o próprio Deus concede a elas, não mais como coadjuvantes, mas como interligadas com o Sagrado e potencializadas pela ação do Espírito Santo em suas vidas.

Por ser perseguida pelos algozes de sua época e tê-los enfrentado com sabedoria na força do Espírito, Frida foi pioneira também em outro aspecto, fazendo-se símbolo e incentivo para que outras assembleianas pudessem resistir as investidas misóginas que buscavam silenciá-las em suas funções, pois pré-determinadas por uma estrutura de poder criada pelos líderes da denominação e que adquiriu força controladora, normatizadora, através dos tempos.

A ruptura das assembleianas com o poder absoluto patriarcal da denominação, assim como dentro de inúmeras outras igrejas filhas do protestantismo, é compreendida quando elas se unem para determinadas atividades dentro da própria igreja, que são atividades oficiais, aceitas pela liderança masculina, mas que o pleno controle dessas atividades está nas mãos delas. Assim, o último capítulo se encerra com Círculo de Oração, pois compreende-se que esta importante reunião na história das Igrejas Assembleias de Deus, vai além da espiritualidade comum neste tipo de reunião, pois chama às mulheres assembleianas a entrar em contato com o Sagrado dentro de uma religiosidade particular, na condução da reunião, com a leitura e interpretação da Palavra de Deus, dentro das especificidades femininas que conduzem a reunião, junto ao uma hermenêutica da mulher, que lê a Palavra de Deus e espera que ele responda às suas orações, em que envolve o aspecto profético, o que é comum dentro do pentecostalismo vivido nas Assembleias de Deus, em que elas, mais uma vez, possuem pleno domínio deste êxtase religioso, mas este é um assunto para pesquisas futuras.

2 Um breve histórico do Pentecostalismo no Brasil: uma atualização

Para compreender a história do pentecostalismo no Brasil e sua manifestação no feminino dentro das Igrejas Assembleias de Deus, é necessário retornar ao tema da manifestação do Espírito Santo na Igreja Primitiva, lá onde ela se estabeleceu para o mundo, em Jerusalém.

É a partir da efusão do Espírito Santo, que Jesus de Nazaré havia prometido em reunião com seus discípulos e algumas mulheres, entre elas sua mãe, que se traça um caminho de sua atividade no feminino, que de Jerusalém também alcança os confins da terra, chegando até os nossos dias com a participação delas, as mulheres, nas Assembleias de Deus, no Brasil.

Sobre o que se entende acerca do Espírito, serão apresentadas algumas considerações a partir do hebraico e do grego, a *ruah* de Iahweh e a *pneuma* que age em Jesus.

Entende-se que o papel da mulher é fundamental para a Igreja de Cristo. Neste aspecto, Maria, irmã de Marta e Lázaro, uma família fundamental no ministério de Jesus, é personagem exemplar, de abertura ao discipulado feminino.

Concluindo este capítulo, serão apresentados alguns pontos fundamentais para percepção do tipo de protestantismo que chegou ao Brasil, já incluindo a importância das igrejas Assembleias de Deus no país em sua missão nas periferias brasileiras. Este último subtema servirá como preâmbulo ao próximo capítulo, em que será aprofundado o papel da mulher nas Assembleias de Deus no Brasil em seu percurso histórico.

2.1 – A origem do Pentecostalismo em Atos dos Apóstolos 1 e 2: pluralidade a partir do Espírito Santo.

Neste subtema importa perceber, à maneira de Lucas, mas também bíblico teológica, a origem da efusão, do derramamento do Espírito Santo nos capítulos 1 e 2 do livro de Atos dos Apóstolos, marco que se entende como a origem da Igreja em Jerusalém.

A Igreja de Jerusalém só veio a existir no mundo em função do derramamento do Espírito Santo sobre as vidas que deram origem a ela.

O Movimento Pentecostal tem analogia com o evento registrado no livro de Atos dos Apóstolos. Quarenta dias após a ressurreição (At 1.3), Cristo reuniu os seus discípulos no monte das Oliveiras (At 1.12), antes de ser elevado aos céus, determinou ao grupo que não se ausentassem de Jerusalém (At 1.4), mas que esperassem o derramamento do Espírito Santo (At 1.8). Em obediência [...] permaneceram reunidos em oração [...] (At 1.13,14). Ao cumprir-se o dia da Festa do Pentecostes, todos “foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas” (At 2.4).¹

¹ BAPTISTA, D. R. de A. História das Assembleias de Deus, p. 17.

Os versos do capítulo primeiro do livro de Atos dos Apóstolos apresentam um contexto de fé e esperança a partir da obediência, segundo o discipulado que os doze receberam junto a Jesus, embora Judas, neste momento, já estivesse morto.

Os discípulos, em obediência, deveriam permanecer em Jerusalém, a fim de receberem a força do Espírito Santo para testemunhá-lo por todos os cantos da terra. A efusão do Espírito Santo tem um ponto de partida geográfico, central, de Jerusalém para os confins da terra.

Mesmo após a morte e ressurreição de Jesus, permanece entre os discípulos aquela forma teológica mais antiga, a saber, sobre a restauração do Reino de Israel, tão cara à tradição judaica (At 1,6-7). Jesus é enfático neste tema e o direciona ao seu Pai e à sua autoridade para tal resolução. O que importa a Jesus, naquele momento de reunião com seu grupo, é que eles obedeçam a ordem de aguardar o derramamento do Espírito Santo, em Jerusalém.

Transparece, portanto, que a descida do Espírito Santo trará uma nova consciência, uma maturidade que os fará deixar algumas tradições definitivamente para trás, como a teologia da realeza de Israel. Após Pentecostes, já não importará alguns temas teológicos do passado, mas uma Igreja que nasce e está aberta para as coisas futuras, diálogos fundamentados pela presença e atuação do Espírito Santo em suas vidas.

A produção lucana sobre o nascimento da Igreja em seus primeiros momentos no mundo, em Atos dos Apóstolos, já em seus primeiros capítulos, apresenta uma ênfase sobre a importância do evento da efusão do Espírito Santo. Todo o livro dos Atos dos Apóstolos deve ser lido e interpretado dentro da temática do derramamento e atuação do Espírito Santo, sem o qual não haveria a Igreja, que parte de Jerusalém e alcança muitos outros cantos daquele contorno geográfico conhecido pelo evangelista, e que, historicamente, alcançou o mundo como percebido hoje dentro da História do Cristianismo.

A fé que se deseja verificar, certamente nas ações de Teófilo, ganha expansão nas comunidades fundadas em seguida. Teófilo é o “amigo de Deus”. Em Atos dos Apóstolos são os “amigos de Deus” que devem mostrar sua fidelidade a Jesus de Nazaré, não somente em orações, mas na prática imitadora das obras realizadas por Jesus na Palestina do seu tempo.

Já sinalizava o anjo para o grupo que estava com Jesus no monte das Oliveiras, quando da ascensão do Senhor aos céus,

dito isto, foi elevado à vista deles, e uma nuvem o ocultou a seus olhos. Estando a olhar atentamente para o céu, enquanto ele se ia, dois homens vestidos de branco encontraram-se junto deles e lhes disseram: “Homens da Galiléia, por que estais aí a olhar para o céu? Este Jesus, que foi arrebatado dentre vós para o céu, assim virá, do mesmo modo como o vistes partir para o céu.”²

O relato de Lucas neste ponto, dá a percepção de que grandes coisas seriam realizadas pela Igreja, que já está às portas de ser instituída pelo evento que ocorrerá em Pentecostes. Se abriu um novo tempo, a era do Espírito Santo, não uma era divorciada da Trindade, mas a presença da Trindade, agora efetivada pelo Espírito que impulsiona, anima a expansão da Igreja, tendo como referência as ações realizadas pelo Mestre, presentes na memória daquele grupo.

2.1.1 – A Importância da ação do Espírito Santo na Igreja Primitiva

O Espírito Santo foi derramado sobre o grupo que se reuniu naquela sala em Jerusalém, mas que Espírito é esse? Quais suas funcionalidades para os irmãos e irmãs dentro da Igreja de Jerusalém, assim como para as futuras Igrejas que serão inauguradas a partir desse momento?

A manifestação do Espírito Santo recai sobre toda a carne, ele que é inclusive, a força que gera a unidade dentro da pluralidade na Igreja cristã, que se confirma na primeira Igreja em Jerusalém. O livro de Atos dos Apóstolos vai revelando sua ação particular na vida das pessoas daquela Igreja, mas também em todos os espaços ao redor onde o anúncio de Jesus Cristo vai sendo recebido pelas pessoas.

O Espírito é o dom prometido por Deus para os últimos tempos (cf. Lc 24,49; At 1,4; 2,16ss; 2,33, 2,39 etc.). O Espírito Santo será antes de tudo, para os apóstolos, o dom que os habilitará para o testemunho em favor de Jesus, “constituído por Deus Senhor e Cristo” (At 2,36; cf. 1,8; 2,32; Lc 24,46-49). Esse é o testemunho que dão os apóstolos, talvez todos os discípulos, e Pedro em seu nome, no dia de Pentecostes (cf. At 2,1ss). Os que os escutam o recebem, com o batismo, o Espírito Santo (cf. 2,38). É o Espírito que faz que Pedro dê testemunho ante o Sinédrio (4,8; cf. 5,32). Também Estêvão fala perante seus acusadores, antes de ser lapidado, “cheio de Espírito Santo” (At 7,55; já segundo At 6,5 Estêvão está “cheio de fé e de Espírito Santo”). “O Espírito é o agente de todo testemunho valoroso.” A cena do dia de Pentecostes, que marca o começo da pregação apostólica, é seguida por outras semelhanças, em que também o Espírito se mostra em seus efeitos visíveis: At 4,31, “todos pregaram a palavra de Deus com valentia”, Segundo At 8,14-16 os apóstolos impõem as mãos aos de Samaria e eles recebem o Espírito Santo. Também segundo At 19, 1-6, pela imposição das mãos de Paulo aos discípulos de Éfeso eles “começam a falar em línguas e a profetizar”.³

² At 1, 9-11. Bíblia de Jerusalém.

³ LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 108-109.

Nota-se que o Espírito Santo é fundamental na vida da Igreja, é com ele que ela realiza sua missão, a de anunciar Jesus para todas as pessoas. Espírito Santo participa diretamente da vida da Igreja, o próprio Jesus já havia prenunciado o que ocorreria com aquele grupo que com Ele estava no Monte das Oliveiras: “recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra”.⁴

A força deste Espírito sobre a Igreja é o que a encoraja para dar testemunho a respeito de quem foi Jesus Cristo, uma vez que é Ele quem é anunciado por ela. A força do Espírito também pode ser percebida como coragem para testemunhar Jesus perante aqueles que antes o perseguiam, acusavam-no e buscavam assassiná-lo, o que mais tarde ocorreu quando o levaram para cruz.

São estes que Pedro também enfrenta quando faz o seu discurso perante o Sinédrio, em função da cura de um homem aleijado de nascença que na ocasião tinha mais de 40 anos (At 4,1-21).

Os exegetas da Bíblia de Jerusalém, em nota de rodapé sobre esta perícopé, informam que aquele Sinédrio representava o partido da aristocracia sacerdotal, que era contrário ao partido popular dos fariseus em seu posicionamento religioso. Neste aspecto, os fariseus estiveram mais próximos da fé cristã, pois os saduceus não criam na doutrina da ressurreição.

A força do Espírito Santo em Pedro, diante de seus algozes, faz lembrar o próprio Jesus nas situações em que condenava as críticas feitas a Ele por estes representantes do judaísmo, quando o viam realizando milagres sob a ação do Espírito Santo destinado aos sofridos.

Então Pedro, repleto do Espírito Santo, lhes disse: “Chefes do povo e anciãos! Uma vez que hoje somos interrogados judicialmente a respeito do benefício feito a um enfermo e de que maneira ele foi curado, seja manifesto a todos vós e a todo o povo de Israel: é em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes, mas a quem ressuscitou dentre os mortos, é por seu nome e por nenhum outro que este homem se apresenta curado, diante de vós. É ele *a pedra desprezada por vós, os construtores, mas que se tornou a pedra angular*. Pois não há, debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos”.⁵

Portanto, pela ação do Espírito Santo neles, muitas coisas são realizadas e a Igreja alcança maturidade religiosa, estes primeiros discípulos/apóstolos que caminharam com Jesus abandonaram algumas perspectivas da tradição judaica, por

⁴ At 1,8. Bíblia de Jerusalém.

⁵ At 4,8-12. Bíblia de Jerusalém.

exemplo, a temática da restauração da realeza de Israel. Aquela já não importava, mas sim as implicações e responsabilidades da Igreja em anunciar Jesus Cristo em palavras e obras. Isso porque “o Espírito Santo é, por conseguinte, quem guia a Igreja, os apóstolos e os outros discípulos na pregação e no testemunho de Jesus. Sem sua ação, não se teria realizado a obra evangelizadora da Igreja”⁶.

Porém, o Espírito Santo não é somente uma realidade divina que aponta para fora da Igreja, fazendo com que os apóstolos realizem sinais e prodígios por meio dele em nome de Jesus Cristo. Em sua primeira manifestação, o Espírito que é derramado sobre aquele grupo de homens e mulheres, naquela sala onde costumavam se reunir em Jerusalém, observa-se a sua face proclamadora das maravilhas de Deus. A sua efusão sobre os amigos e amigas de Jesus gerou testemunhas de lugares distantes, que ouviram as maravilhas de Deus sendo proclamadas em outras línguas, conforme atestado no texto de At 2,1-4.

Nesse sentido, os demais seguidores de Jesus, entendem que para serem um em Cristo, ou seja, estar filiado a Ele, é preciso testemunhá-lo à maneira como procurou fazê-lo suas testemunhas em Jerusalém, Samaria e nos confins da terra. Ou seja, “adquire-se o Espírito pela fé, não pelas obras da Lei (Gl 3,1-2.5.14). [...] O Espírito opera no homem não como uma força exterior, mas de dentro de nosso ser interior, porque habita em nós, foi dado ao crente.”⁷

Se o cristão acredita ser templo deste Espírito, é em função da filiação que parte de Jesus de Nazaré com o Pai. Por isso, Paulo define a Igreja como corpo, um só corpo em Cristo, formando, portanto, um só Espírito.

Em 1 Cor 6,19 em um contexto semelhante, se nos diz que nosso corpo é Templo do Espírito Santo; essa condição relaciona-se com a união com Jesus, de cujo corpo somos membros e com o qual formamos um só “espírito” (cf. 6,15ss); O Espírito que habita em nós é, ao mesmo tempo, a força de Cristo que nos une a ele. Ser templo do Espírito Santo e ser membro de Cristo são, na realidade, uma e a mesma coisa. Segundo 1 Cor 3,16 somos templos de Deus porque o Espírito Santo habita em nós. A presença do Espírito em nós equivale à de Cristo (cf. Rm 8,9s).⁸

Se a Igreja se compreende uma com Cristo, no seu Espírito, tudo o quanto Ele realizou na força deste Espírito é extensivo à sua Igreja pelo mundo. Contudo, o Espírito possui sua maneira particular de agir na Igreja, é ele quem distribui os dons e os carismas aos filhos e filhas de Deus, mas sem renunciar à unidade que se dá

⁶ LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 109.

⁷ LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 111.

⁸ LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 111.

em Cristo. Neste sentido, cabe mais um esclarecimento sobre este Espírito do Pai e do Filho. É possível definir, a partir dos textos neotestamentários, que o Espírito é uma pessoa, um sujeito?

Neste sentido, não se pode atribuir as características do Pai e do Filho ao Espírito, ficando mais complexa a compreensão deste Espírito como pessoa. Mas as suas ações, nos relatos do livro de Atos dos Apóstolos, colocam este mesmo Espírito como um sujeito, que age diretamente na vida da Igreja.

Se é ele quem age em prol dos filhos e filhas de Deus, se é tratado também como consolador, porque acolhe, mas também protege, por exemplo, impedindo que os apóstolos sigam em determinada viagem, alerta e dá sabedoria a Igreja para resolver os seus problemas de ordem social e teológica, como na distribuição do pão às viúvas (At 6), na questão do primeiro Concílio em Jerusalém (At 15), na agitação causada em Antioquia, se os gentios deveriam ou não, cumprir o rito da circuncisão. Enfim, sua atuação é direta na vida da Igreja, indicando os caminhos e as decisões que devem tomar.

Se ele não possui as características pessoais do Pai e do Filho, como defini-lo na sua ação direta na vida da Igreja?

É difícil atribuir todas essas ações a uma mera força impessoal. Em conjunto, pode-se afirmar que no Novo Testamento o Espírito Santo aparece, embora não na mesma medida que o Pai e ou Jesus, como um “sujeito” (usando com a devida cautela essas palavras), como “alguém” mais do que como algo, como quem está dotado de liberdade e não como mero instrumento sem iniciativa. Devemos ter em conta, por outra parte, que tanto nos escritos paulinos como nos de João, há um notável paralelismo entre as ações atribuídas a Jesus e as que correspondem às do Espírito Santo. Se há semelhanças é mesmo coincidência nas ações, deve havê-las também nas características do ser de ambos.⁹

No texto do batismo, segundo o relato lucano (Lc 3,21-22), o Espírito desce sobre Ele, que estava em oração, após o céu se abrir. Logo após será impulsionado por este mesmo Espírito a estar no deserto e ser tentado pelo diabo. Vencendo-o, iniciará sua pregação na Galileia, nas regiões vizinhas, anunciando o Reino de Deus com muitos sinais e prodígios. Portanto, Ele tem a companhia e a força do Espírito Santo, é este que o guiará, que esteve ao seu lado, ou seja, em todos os momentos, até mesmo em sua prisão, tortura e assassinato. E isto se aplica à sua Igreja ainda hoje.

⁹ LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 115.

Como relatado nos Evangelhos, Jesus não realiza o anúncio do Reino do Pai solitariamente, antes, chama alguns homens conforme o Espírito lhe impulsionou a fazê-lo, discipulando-os (as) para que após sua morte e ressurreição, procedessem como Ele, com a na mesma força do Espírito Santo.

Jesus também discipulou mulheres, informando que o Reino dos Céus era também o destino delas e com isso lhes cabiam algumas responsabilidades na futura Igreja. Neste sentido, é necessário reafirmar algumas realizações a respeito do Espírito Santo e do feminino na Escritura.

2.2 O feminino na Escritura: o discipulado de Maria como abertura da ação do Espírito Santo às mulheres da futura Igreja em Jerusalém

Jesus realiza todos os seus sinais, anunciando a chegada do Reino de Deus na força do Espírito Santo, este que o acompanha em toda sua atividade no mundo.

Neste aspecto, cabe agora perceber a manifestação, a partir dos textos da Torá, em hebraico, e do Novo Testamento, em grego, um aceno fundamental ao que se objetiva nesta pesquisa, sobre Espírito, o mesmo, portanto, que impulsiona já em Jesus o discipulado de homens e mulheres.

Assim, Maria, irmã de Marta e Lázaro, é uma personagem que abre as portas para que o caminho do feminino tenha sua reconhecida importância em todas as atividades dentro da futura Igreja cristã.

Se é por Jesus que o Espírito age ao discipular Maria, ela “que escolheu a melhor parte”, ou seja, aprender com o Mestre, este sinal é revelador para o feminino na cristandade, indicando que o papel delas está muito além do que foi definido pelos homens dentro da estrutura eclesiástico-social.

2.2.1 - A *ruah* de lahweh no Antigo Testamento: um Espírito feminino?

Infelizmente por uma imposição masculina, os homens religiosos junto às suas experiências de fé, realizaram os seus testemunhos afirmando a presença do Espírito de Deus no mundo com qualidades que remetem ao masculino e ao seu imaginário. Neste aspecto, “a figura paternal é a que se impõe no imaginário cristão.”¹⁰

Apesar desta perspectiva que ainda possui grande apelo no meio teológico cristão, muito já se caminhou na pesquisa em virtude da percepção deste Espírito,

¹⁰ ROCHA, A. Espírito Santo, p. 19.

agora apontado em sua característica feminina. Nas três religiões que utilizam a Escritura ou parte dela, as chamadas “religiões do livro”, Judaísmo, Islam e Cristianismo, Deus é percebido dentro do gênero masculino, com grandes evidências que remetem às suas características, sempre perpassado pela cultura destas expressões religiosas em seus desenvolvimentos históricos, unidos às suas construções teológicas.

A teologia foca sua atenção epistemológica dentro das análises do humano religioso, logo, dentro de sua criatividade cultural que se expande também ao campo da construção teológica. Portanto, não se estuda Deus em si, mas o que o humano experimenta em seu contato com o seu sagrado e que resulta em teologia(s) específica(s). A percepção monoteísta de que Deus se ajusta e se revela como masculino é expressão cultural comum às religiões do livro.

Portanto, dentro deste mesmo percurso da criatividade cultural humana, é possível compreender Deus com os olhos do feminino, utilizando como padrão a experiência de fé feminina junto ao mesmo sagrado monoteísta.

Naturalmente Deus não tem sexo. Mas as nossas palavras para falar de Deus são aplicadas ao gênero humano. O ser humano é imagem de Deus e pode fornecer analogias que permitem dizer algo de Deus. Na Bíblia, a imagem de Deus é o ser humano, homem e mulher igualmente. Por conseguinte, tanto os comportamentos masculinos como femininos podem fornecer analogias para exprimir o que é Deus. Por isso a Bíblia fala em Deus usando nomes masculinos e femininos.¹¹

O próprio texto sagrado dos cristãos em todo o seu conjunto não nega a presença marcante do feminino e sua relação particular com o sagrado em meio a um mundo excessivamente masculinizado. A presença masculina nos testemunhos de fé, por exemplo, nos escritos veterotestamentários é esmagadora quando diante dos testemunhos de fé femininos. Contudo, a presença feminina está lá e não só nas entrelinhas da fé masculina, como pode-se verificar, por exemplo, no livro de Rute.

A palavra hebraica *ruah* é do gênero feminino e significa, em geral, hálito, vento, sopro, potência criadora, respiração de Deus ou do homem e aparece 389 vezes no texto do Antigo Testamento. A palavra grega *pneuma* pertence ao gênero neutro e também pode significar vento, hálito, sopro, suspiro, princípio vital. A tradução para língua latina que posteriormente gerou o português não encontrou uma forma feminina ou neutra para *ruah* e *pneuma*, deixando-nos o vocábulo *spiritus*, masculino, que em português originou espírito – o espírito. Em decorrência desse processo de tradução e, conseqüentemente, de interpretação, tornou-se profundamente estranho para nós pensarmos o divino a partir do imaginário feminino. Voltando-nos, porém, para as línguas originais das Escrituras, deparamos com uma possibilidade de refletir e comunicar Deus, na pessoa do Espírito, de tal

¹¹ COMBLIN, J. O Espírito Santo e a libertação, p. 59.

forma que tanto no universo masculino como o feminino sejam tomados como capazes de comunicar analogamente aquele que nos fez – homens e mulheres – à sua imagem e semelhança.¹²

Na tradição judaica, segundo, portanto, também o Antigo Testamento, o papel do Espírito e suas características já estão apresentados no texto da criação conforme o relato no livro do Gênesis, em seu primeiro capítulo. Ele paira sobre as águas, assim como um beija-flor paira no ar. O Espírito conserva toda a potência de Deus e, neste aspecto, toda a vida da obra criadora de Deus, mas, este mesmo Espírito é também conservador e gerador daquilo que foi criado e do que viria a ser pelo poder do Deus criador. Ele é o sopro de vida nas almas viventes, de homens e mulheres.

Desde sua direta apresentação e participação nos atos criadores de Deus, este Espírito passa a ser uma força constante ao longo de todo Antigo Testamento, nas inúmeras teologias por ele apresentadas, isto é, este Espírito, a *ruah* de Iahweh é uma realidade presente na vida de todo o povo. Inclusive alimentando a fé e a esperança dos excluídos em Israel, aqui também estão certamente incluídas as mulheres, pois a *ruah* é manifestação divina na criação do homem e da mulher, como atesta o relato do Gênesis no capítulo 1,27, “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”¹³, onde a série de bênçãos que se seguem são destinadas a ambos nas seguintes expressões verbais: multiplicar, encher, submeter e dominar.

Portanto, a *ruah* não se faz só ativa no Gênesis em meio a criação divina, mas é marcante por todo o Pentateuco, nos Profetas e nos Escritos sapienciais, com uma multiplicidade de valores característicos à sua atuação que sempre gera vida.

A *ruah* de Deus é sempre dinâmica, jamais estática, ela transforma e renova as vidas, não só em seu aspecto individual, mas principalmente na Igreja, pois estabelece a vida em comunidade, em sua imprevisibilidade e dando neste dinamismo marcante liberdade aos indivíduos. Contudo, impulsionando nas comunidades reunidas, o domínio religioso e moral, transformando os corações duros, de pedra, em corações de carne, conforme atesta o texto do profeta Ezequiel em seu *Oráculo sobre os montes de Israel*:

Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei no vosso íntimo o meu espírito

¹² ROCHA, A. Espírito Santo, p. 23-24.

¹³ Gn 1,27. Bíblia de Jerusalém.

e fareis com que andeis de acordo com os meus estatutos e guardeis as minhas normas e as pratiqueis.¹⁴

Segundo a percepção do profeta, a *ruah* de Iahweh renova a vida humana, direcionando os(as) filhos(as) de Deus para que, no caso de Israel, andem nos estatutos direcionados ao povo, guardando-os, mas também praticando-os, que se revela nas ações de testemunho, de justiça que aquele povo possui em suas responsabilidades para com todos(as). Só a *ruah* de Iahweh pode mudar o coração humano em prol da justiça e da santidade, o que garante a Israel os favores do seu Deus.

Nas teologias de Israel, a *ruah* de Iahweh nunca se apresenta como uma pessoa, mas como a força do próprio Deus de Israel. Uma força percebida desde a criação que intervém constantemente junto a história de homens e mulheres, porém a partir deles mesmos em suas ações no mundo dentro de suas histórias junto às suas expressões culturais.

Esta força de Deus (At 1,8) age dentro do humano, portanto, modifica-o. “É, no entanto, do ponto de vista teológico que essa dupla dimensão ganha ainda mais importância. *Ruah* é a realidade que reúne, numa dinâmica de vitalidade, inclusão e cooperação, o teológico e o antropológico.”¹⁵

Geralmente em certos grupos religiosos cristãos, o Espírito, seja em sua forma veterotestamentária *ruah*, ou neotestamentária, *pneuma*, é tão só compreendido sob certos aspectos que remetem a espiritualidade do humano. Mas há um outro dado da força e do poder de Deus na ação do Espírito no humano, em homens e mulheres, pouco percebido nos espaços religiosos deste mundo atual.

Esta plena força e poder do Espírito age sobre o humano, transformando homens e mulheres integralmente, ou seja, em sua totalidade. Portanto, a *ruah* de Iahweh, este teológico, age sobre o antropológico, não os obrigando a fazer o que não desejam, pois a relação de ambos com Deus é pela via do amor que está presente na manifestação do Espírito neles.

No entanto, não há transformação do humano se não houver a presença do Espírito do Absoluto neles, em relação, e toda transformação que parte da força e da ação de Deus não violenta homens e mulheres, mas dá a eles dignidade em suas vidas.

¹⁴ Ez 36, 26-27. Bíblia de Jerusalém.

¹⁵ ROCHA, A. Espírito Santo, p. 27.

O Espírito que traz dignidade a homens e mulheres, transformando-os(as) para que possam redirecionar não só as suas histórias de vida, mas também na Igreja, na comunidade religiosa que está no mundo e precisa ser sinal do Espírito que nela sopra continuamente, a fim de que sejam testemunhas de Deus na história.

A responsabilidade da Igreja no Espírito gera a necessidade de mudança plena, que não é uma atitude egoísta diante do mundo, mas uma ação que o transforma pelo Espírito que gerou novos homens e mulheres. Isso porque “a humanização, assim, só é possível em virtude dessa vitalidade materna do Deus Espírito que escolhe habitar no corpo de homens e mulheres.”¹⁶

2.2.2. A manifestação do Espírito Santo em Jesus de Nazaré: a *pneuma* no Novo Testamento

Nos Evangelhos há uma presença marcante do Espírito Santo coordenando toda a vida em torno da vinda do salvador do mundo. Este Espírito já atuava mesmo antes do nascimento de Jesus, quando Maria achou-se grávida pelo Espírito Santo (Mc 1,8).

O Evangelho de Lucas é rico em detalhes, cuidadoso em seus relatos, aos quais ele mesmo atesta como uma “acurada investigação de tudo desde o princípio. (1,3b).”.

Lucas apresenta a ação do Espírito Santo já na gravidez de Isabel, prima de Maria, quando daria à luz àquele que anunciaria a chegada do libertador, João, que iria exercer sua missão cheio do Espírito. Logo após estes fatos narrados, Lucas informa que o anjo Gabriel aparece a Maria, que confusa, não compreende como irá gerar o Santo, já que é virgem. Gabriel lhe anuncia que tudo será por obra do Espírito.

No Evangelho de João há uma ênfase no ensino de Jesus a respeito da atuação do Espírito Santo entre eles, por meio do diálogo que mantém com Nicodemos.

Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito (Jo 3)”. Jesus causa impacto com essa afirmação e ensina que o Espírito faz renascer o homem e a mulher, ambos renascem à imagem e semelhança de Deus; é o Espírito que age trazendo vida onde havia morte. Esse acento contínuo na tarefa de vivificar, gerar e regenerar é próprio do universo feminino. Os homens e mulheres novos nascem das entranhas de Deus, nascem desse útero divino que é o Espírito.¹⁷

¹⁶ ROCHA, A. Espírito Santo, p. 28.

¹⁷ ROCHA, A. Espírito Santo, p. 29.

Destaca-se aqui o que o Espírito Santo opera na vida de homens e mulheres, na sua capacidade de fazer renascer, modificando o humano por toda sua trajetória de vida. Mas não somente isso, ele é muito mais abrangente quando da sua atuação na vida de Jesus. Nas palavras de Maria Clara Bingemer, quanto às múltiplas ações deste Espírito segundo o Evangelho de João, encontramos:

João salienta a dimensão mística e afetiva da missão do Espírito Santo [...]. O Espírito Santo é o prometido por Jesus, é o outro Paráclito, isto é, assistente, protetor, defensor, advogado, consolador, amigo. Ele habita nos fiéis e permanece com eles como um princípio de ação.¹⁸

As qualidades do Espírito Santo, apresentadas acima, são o diagnóstico da própria vida de Jesus de Nazaré, de sua missão no mundo junto aos mais sofridos do seu tempo. Se o Filho e o Pai são um só, o Espírito Santo também atua da mesma forma junto a eles, e mais, estas ações são encontradas na Igreja manifestada em Jerusalém, em suas ações no mundo. A Igreja anuncia Cristo ao mundo, imitando sua práxis de vida. O Espírito, após ser derramado sobre homens e mulheres, motiva-os, impulsiona-os para que o anunciem nas mesmas condições. “O Espírito de Jesus, que não é outro senão a *ruah*, é o Espírito que anima todo aquele que se dispõe a segui-lo.”¹⁹

A *ruah* e a *pneuma* são o mesmo Espírito, fosse na missão de Jesus ao anunciar o Reino de Deus, fosse na Igreja de Jerusalém que passou a anunciar o Cristo. Se na tradição judaica há uma predileção pelo homem como o centro das relações humanas, em que as mulheres são apenas coadjuvantes, salvo poucas exceções, com o Pentecostes este paradigma é quebrado. “O renascimento ou vitalidade operado no Pentecoste é estrutural: homens e mulheres experimentam novas relações de caráter igualitário.”²⁰

O Espírito é também percebido como vento impetuoso, isto é, ele também possui características revolucionárias, mas ímpeto que não causa desordem, mas que põe todas as coisas em seu devido lugar. Neste sentido, este Espírito age em homens e mulheres na Igreja de Jerusalém gerando neles solidariedade uns com os outros, mas também com os que vêm de fora, nesta abertura ao outro, homens e mulheres que vêm de outras partes daquele mundo conhecido e que agora formam uma unidade religiosa no Espírito de Jesus.

¹⁸ BINGEMER, 2003, p. 102 citado por ROCHA, 2008, p. 30.

¹⁹ ROCHA, A. Espírito Santo, p. 30.

²⁰ ROCHA, A. Espírito Santo, p. 31.

Mais uma vez, é requerida a imagem da *ruah* de Iahweh, este Espírito criador, que gera e dá à luz a nova Igreja que não mais opera nos limites da ação humana, esta que agora é manifestada por intermédio do Espírito que a vivifica, que opera no amor e na solidariedade do Cristo de Deus.

No nascimento da Igreja, como foi descrito no sermão do Pentecostes, de Pedro (At. 2), essa concepção foi tirada da Bíblia hebraica para falar das novas experiências e fundamentá-las teologicamente. A imagem materna do nascimento – nesse dia a jovem Igreja veio à luz pela primeira vez – não é de forma alguma casual, pois no centro do sermão de Pedro estão afirmações sobre o Espírito, tiradas do Antigo Testamento. Lucas conta nos primeiros capítulos de Atos como essa força desceu sobre todos – homens e mulheres – que estavam reunidos e descreve o evento como um vento impetuoso que causou uma compreensão entre todos: Cada um entendia o outro como se falasse em sua própria língua. Como no texto veterotestamentário do profeta Joel, citado por Pedro, a ação dessa *Ruah* acontece de três maneiras: na primeira, profetizarão filhos e filhas, isto é, as diferenças sexuais desaparecem em relação ao profetizar [...]. Todos recebem a mesma *Ruah*.²¹

Esta *ruah* que continuamente agiu na história de Israel e que se manifesta visivelmente na infante Igreja em Jerusalém, fazendo com que ela cresça e se mova em direção aos mais necessitados, como atesta o livro de Atos dos Apóstolos.

Neste sentido, é preciso mencionar o conceito de Trindade conforme apresentado pelo apóstolo Paulo, que faz uma distinção das pessoas e apresenta em cada uma delas o seu aspecto divino. “O Pai age como princípio, Filho como mediador e o Espírito é o agente pelo qual Pai e Filho nos repassam o poder divino de vivificação.”²²

O humano é modificado ao receber o Espírito Santo, este que se une ao espírito humano e causa-lhe a modificação de vida. O humano não deve se fechar em si mesmo, mas se manter aberto às experiências que o Espírito lhe proporciona continuamente. Uma vez tendo recebido esta força do Espírito em sua vida, não significa que irá anular sua condição humana, mas os frutos deste novo homem e desta nova mulher, confirmam que foram chamados a viver neste mundo, como testemunhas de Jesus Cristo, por meio do Espírito que repousa sobre eles e elas.

A experiência que o Espírito proporciona aos homens e às mulheres não apenas se estabelece e se fixa no falar em línguas (glossolalia), mas vai mais além, impulsiona-os a uma práxis que se assemelha a de Jesus no mundo. O ser humano é moldado pela presença do Espírito de Jesus, que o impulsiona a práxis de vida ao

²¹ STAUMANN, p. 106-116, citado por ROCHA, 2008, p. 31.

²² GUIMARÃES, 1973, p. 79, citado por ROCHA, 2008, p. 32.

qual foi chamado desde o princípio a viver, em harmonia com o seu criador, desde que ele se abra ao convite de viver em função deste Espírito que lhe é ofertado a partir da graça de Deus em Jesus Cristo.

É o que informa o Mário de França Miranda em sua obra, “A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça”:

Todo e qualquer humano, por ter sido criado em Cristo, está intrinsecamente afetado pela graça, está constantemente sob o apelo de Deus, está sempre sob o dinamismo da atração divina. Do ponto de vista teológico, não sociológico ou cultural, não existe o âmbito do natural, do profano, do salvificamente neutro. Em qualquer setor da existência e da atividade humana estou vivendo minha resposta ou minha recusa a Deus, que transcendem enunciados ou práticas religiosas. Pois o que é decisivo, no que concerne à minha salvação, é acolher livremente este Deus que vem gratuitamente ao meu encontro na minha vida familiar, profissional, cultural, afetiva, religiosa, de lazer etc. Essa teologia foi assumida claramente pelo Concílio Vaticano II (GS 34).²³

2.2.3 – A peculiaridade do discipulado no feminino: o discipulado de Maria

O Espírito Santo dado ao grupo que estava no monte das Oliveiras, estendeu-se também às mulheres, elas que foram importantes ao ministério de Jesus, assim como nas viagens missionárias de Paulo²⁴.

Jesus discipulou mulheres, como é possível observar por meio da pena de Lucas, na perícopes que na Bíblia de Jerusalém leva o título de Marta e Maria, esta última como símbolo de um discipulado destinado a elas, à parte do modelo que era realizado junto aos doze, afinal, discipular uma mulher em plena luz do dia naquela Palestina nos tempos de Jesus seria um enorme escândalo.

Lucas reporta-se da seguinte maneira:

Estando em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa. **Sua irmã, chamada Maria, ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra.** Marta estava ocupada pelo muito serviço. Parando, por

²³ MIRANDA, M de F. A salvação de Jesus Cristo, p. 57.

²⁴ Na carta Aos Romanos (Rm 16), Paulo faz menção a homens e mulheres que foram fundamentais ao seu ministério. É Febe, a diaconisa da Igreja de Cencréia, a portadora da carta. Paulo pede aos irmãos e irmãs da comunidade reunida em Roma que a recebam no Senhor, dignamente, como convém aos santos do Senhor, assistindo-a em tudo o que necessitar, porque ela ajudou a muitos, inclusive a ele. Outro ponto de destaque neste mesmo capítulo, é encontrado quanto a Andrônico e Júnia, aos quais Paulo se refere como parentes e companheiros de prisão. Os exegetas da Bíblia de Jerusalém, no comentário da nota de rodapé sobre este casal, os consideram apóstolos (a) em sentido lato. Um capítulo onde tantas mulheres são mencionadas por sua fidelidade ao Senhor, poderia ser mais bem explorado nas Bíblias de estudo.

fim, disse: “Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude”. O Senhor, porém, respondeu: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.”²⁵

Os preparativos para refeição de Jesus são secundários, um novo alimento está sendo administrado, suas palavras: Ele que é o pão que desceu do céu para habitar conosco. Maria está sendo alimentada segundo o discipulado que o Mestre lhe ensina. Marta não consegue enxergar o que está acontecendo, sua vida está condicionada ao modelo que sua cultura lhe impôs.

A Escritura Sagrada foi construída com elementos literários que remetem aos cinco sentidos da capacidade humana, junto a eles estão expressões corporais, ações, movimentos que fazem imaginar, as cenas, por exemplo, que são apresentadas por Lucas nesta perícopes do seu Evangelho.

Na perícopes acima, há movimentos, falas e diálogos tensos que envolvem três personagens, Jesus, Maria e Marta. Num primeiro instante esta passagem poderia apenas simbolizar uma questão do serviço caseiro, comum e obrigatório àquelas mulheres, segundo aquela determinação cultural, quando na casa estivesse a presença de um homem.

Ainda que Jesus não fosse um homem qualquer, já percebido assim por aquelas mulheres, o evento revela uma trivialidade da cultura judaica, a presença do homem da casa ou de um homem na casa, requer algumas atividades das mulheres presentes em torno dele, é preciso servi-lo urgentemente.

Porém, como Jesus refaz as relações culturais, portanto, pessoais, não condena que Maria esteja sentada aos seus pés, escutando-o. Não se trata de um ouvir qualquer por parte dela, e nem um falar qualquer por parte dele, como numa conversa fútil. O sentido do texto também não revela um diálogo de Maria com Jesus, ela prefere o silêncio, portanto exerce a arte da escuta.

Diálogo, e mesmo assim tenso, só há quando se revela a indignação de Marta, por estar ali fazendo o que lhe era comum diariamente, está assombrada e irritada porque Maria, estando em casa, não exerce o serviço que lhe era obrigatório.

Silenciar os lábios é uma das coisas mais difíceis para homens e mulheres que vivem em lugares (trabalho, família, escola, igreja...) tão barulhentos como os nossos. Estamos tão acostumados aos muitos ruídos que desaprendemos a arte de silenciar os lábios, para ouvir com mais clareza o que nos diz o coração. Como diz Rûmî, o

²⁵ Lc 10, 38-42. Bíblia de Jerusalém. Grifo nosso.

grande poeta e místico islâmico: “Quando se aquecem os lábios, mil línguas ferem o coração”. Por mais paradoxal que pareça, é do duro desafio de silenciar que nasce o ouvir. Não um ouvir qualquer, mas o daquela Palavra que pode mudar toda a vida. Só posso ouvir essa Palavra se meus ruídos, geradores de muitas palavras inúteis, forem silenciados.²⁶

Maria, nas palavras do próprio Mestre, que testemunha sua ação de estar sentada, ouvindo-o, “escolheu a melhor parte”. Maria não estava ouvindo uma coisa qualquer, estava sendo discipulada e, embora a discípula tenha o seu momento de falar, de dialogar com o Mestre, ao que Jesus está sempre aberto a fazer, até mesmo com seus algozes. No entanto, Maria compreendeu que naquele momento, à exigência do discipulado requeria apenas ouvir, desfrutar das Palavras de vida do Mestre Jesus que podem mudar toda uma vida.

Embora o contexto histórico-social seja bem distinto do de hoje, certamente que nos tempos de Jesus havia também muitas turbulências sociais. Ruídos, gritos, murmúrios, choros etc., as quais Ele nunca esteve indiferente, antes se aproximou destes sons, geralmente emitidos pelos mais sofridos do seu tempo, buscando atendê-los(as) em suas necessidades mais urgentes de vida.

Maria não estava emitindo nenhum som naquele momento, certamente que muito já havia, por exemplo, chorado, mas aquele era o instante de ouvir, de aprender do Mestre, não para que se evitassem choros futuros, mas para viver a vida de uma outra maneira, com fé e esperança, alicerçada nas Palavras de vida de Jesus, ainda que em meio aos seus muitos choros futuros, um deles, certamente quando da morte do seu Mestre.

Como autoridade naquela casa, Jesus não silenciou Marta, escutou sua reclamação. Para alguns exegetas, a frase de Lucas, “pouca coisa é necessária, até mesmo uma só”, seria um jogo de palavras que indicaria num primeiro momento, que não era preciso uma quantidade maior de alimentos para aquela refeição e, ao mesmo tempo, que importava mais do que o alimento, imitar o gesto de Maria.

Segundo o versículo 3 de João 10, Jesus, o bom pastor, “chama as suas ovelhas pelo nome”. Ele as conhece, tem com elas uma relação para além das superficialidades que outro tipo de metáfora poderia sugerir (por exemplo, a dos bois e boiadeiros, em que os animais são tocados aos bandos sem nenhuma individualidade). Na relação que Jesus pretende manter com seus discípulos e discípulas [...] a individualidade de seus seguidores está preservada, o desejo de cada um deles é afirmado. Ele conhece os nomes de cada um, ou seja, reconhece a individualidade dos seus seguidores. O seguimento de Jesus é antes de tudo uma relação de profundidade que se fortalece na dinâmica de ouvir e ser ouvido. Se por um lado o pastor conhece o nome de suas

²⁶ ROCHA, A. Celebração dos sentidos, p. 48.

ovelhas (porque as ouve), por outro “as ovelhas ouvem a sua voz” (Jo 10,3). A profundidade do que acostumamos chamar de discipulado depende não tanto da quantidade de disposição de ouvir e ser ouvido pelo Mestre. Também as relações que devemos manter entre nós, ovelhas/discípulos, de dentro ou de fora de nossos apriscos (Jo 10,16), se quiserem profundas, devem contemplar essa dinâmica de escuta cuidadosa e respeitosa do outro.²⁷

O Mestre ouviu as reclamações de Marta, seu comportamento naquele contexto sociocultural, quanto ao trato com as mulheres era legítimo. Marta já havia internalizado este comportamento, afinal o recebera desde sua infância em sua unidade familiar, mas como Jesus refaz as relações humanas e deseja discipular também as mulheres com as quais se relaciona, pois o Reino de Deus está aberto também para elas, tão sofridas em suas vidas, tolhidas de inúmeras liberdades.

Maria teve os mesmos ensinamentos que sua irmã, de como uma mulher deveria se comportar num lar judeu, mas resolveu ousar, conhecendo o seu Mestre e o seu trato com as mulheres, preferiu naquele dia romper com o padrão cultural estabelecido, importava mais aprender do Mestre do que se ocupar com aqueles valores culturais que a aprisionavam.

Neste aspecto, há um outro personagem fundamental à teologia da Igreja cristã no Novo Testamento, em que confessa com suas próprias palavras sobre o significado e a importância do aprendizado no seu tempo, estar “aos pés de alguém”, simbolizava aprendizado. Paulo de Tarso assim se expressava em determinado momento do seu discurso, em hebraico, aos judeus de Jerusalém: “Eu sou judeu, nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus, como vós todos no dia de hoje.”²⁸

Neste subtema foram apresentadas algumas características da atuação da *ruah* de Iahweh no Antigo Testamento e da *pneuma*, no Novo Testamento. Neste último caso, especificamente, deu-se ênfase à importância da atuação deste Espírito na vida de Maria, irmã de Marta e Lázaro, família amada por Jesus e que o abençoava em suas necessidades ao longo de sua missão toda vez que ele estava por perto.

Maria é um dos raros momentos, senão o único, em que a Escritura apresenta uma mulher sendo discipulada por um mestre. Neste aspecto, é ela quem abre as

²⁷ ROCHA, A. Celebração dos sentidos, p. 58.

²⁸ At 22,3. Bíblia de Jerusalém.

portas para o que viria a acontecer na Igreja de Jerusalém conforme registrado nos Atos dos Apóstolos.

O Espírito Santo (*pneuma*) enche Maria de fé e esperança ao ser discipulada por Jesus naquele encontro. Discipulado que também foi direcionado hipoteticamente para sua irmã Marta, segundo as palavras do próprio Jesus, “pouca coisa é necessária, até mesmo uma só”. Jesus ao discipular Maria abre um novo horizonte teológico para as mulheres, elas também são chamadas a crescer na graça e no conhecimento apresentado por Jesus, é inegável que ele escolhe doze homens para seu discipulado, mas em momentos particulares, está sempre a ensinar e a discipular as mulheres com as quais encontra constantemente em sua missão.

O judaísmo determinava o papel das suas mulheres segundo sua Lei, havia um veto a elas para que não assumissem alguns papéis sociais destinados somente aos homens em Israel, mas Jesus, rompe com este veto e as chama para o exercício do conhecimento por meio do discipulado.

No próximo subtema serão apresentados alguns pontos fundamentais a respeito do contexto histórico do Pentecostalismo no Brasil, como ele chega e se desenvolve em solo brasileiro.

2.3 O contexto histórico do Pentecostalismo no Brasil: o protestantismo missionário e a importância das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus para as camadas populares

A obra que trará norteamento a este momento da pesquisa é clássica no campo de estudos do movimento pentecostal no Brasil. Antonio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho são professores e autores do livro em questão: “Introdução ao protestantismo no Brasil”, publicado pelas Edições Loyola, em 1990.

Portanto, torna-se ainda de maior importância apresentar um diálogo sobre alguns pontos contidos nela, até mesmo porque foi publicada numa editora de grande envergadura teológica acadêmica. Neste sentido, em sua perspectiva crítica, “ajuda não apenas os católicos romanos a melhor compreender o fenômeno protestante no Brasil, mas também as próprias denominações a procurar novas maneiras de auto-interpretação.”²⁹

²⁹ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 09.

Os autores são de tradição religiosa protestante, foram professores do Programa Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, do Centro de Pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior.

Logo no primeiro capítulo desta obra: “Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil”, de autoria de Mendonça, estão as seguintes palavras.

O que chamamos de “protestantismo brasileiro” na verdade são vários protestantismos. Esses protestantismos se inseriram no Brasil primeiramente como resultado do movimento imigratório iniciado no começo do século XIX, depois em decorrência de grande expansão missionária ocorrida na mesma época. Esse quadro torna-se ainda mais complexo com a eclosão do pentecostalismo, tanto “clássico” quanto de cura divina, e com o estabelecimento no país de um grande número de organizações protestantes desvinculadas das Igrejas tradicionais.³⁰

O protestantismo é um movimento complexo que surge da Reforma no século XVI. O catolicismo, mesmo diverso, conseguiu manter sua unidade, isto é, sua forma conciliar, o que não ocorreu dentro da tradição protestante, por isso, segundo Mendonça, “é mais adequado falar em “protestantismos” (luterano, calvinista, metodista etc.) que em protestantismo brasileiro.”³¹

Como todo movimento cultural, o protestantismo europeu, portanto, em seu continente de origem, foi se alterando ao longo de sua existência. O protestantismo que chegou em terras brasileiras foi o de origem norte-americana. No entanto, bem antes da chegada deste “protestantismo de missão” norte-americano, houve tentativas de se estruturar o protestantismo europeu no Brasil no mesmo século da Reforma e no século seguinte a ela, como informa Mendonça.

Depois de duas tentativas fracassadas – protestantes franceses se estabeleceram no Rio de Janeiro entre 1555 e 1560 e protestantes holandeses se estabeleceram no Nordeste entre 1630 e 1654 – a tradição protestante finalmente inseriu-se no Brasil no começo do século XIX.³²

Esse protestantismo que, definitivamente, chega ao Brasil no século XIX é rotulado de “protestantismo de imigração”, ou seja, são apenas estrangeiros europeus que aportaram no Brasil em busca de oportunidades, de construir uma vida melhor, não tendo, portanto, nenhum vínculo com uma atitude missionária.

Esta abertura foi uma concessão do governo brasileiro do período, que em 1810 abre os seus portos ao comércio inglês, estendendo-se à imigração europeia,

³⁰ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 11.

³¹ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 11.

³² MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 12.

particularmente alemã. A Constituição de 1824 permitiu a presença de cultos não católicos no país, nos limites da tolerância, abrindo de vez as portas do Brasil às confissões de fé protestante.

Aportaram por aqui, anglicanos e episcopais, que são os anglicanos norte-americanos, contudo, o maior movimento dentro do “protestantismo de imigração”, veio com a chegada maciça de luteranos no país.

O “protestantismo de missão” chega ao Brasil em 1850, com a finalidade específica de expandir sua fé. E, “através deles instalaram-se no Brasil a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal.”³³

As origens deste “protestantismo de missão” no Brasil, vindo dos Estados Unidos em 1850, têm suas origens históricas europeias, especificamente na Grã-Bretanha. A Igreja inglesa se separou de Roma pelo seu Ato de Supremacia de 1535 e, para se aproximar do protestantismo de corte calvinista e luterano, passou por uma reforma instituída pelo movimento religioso puritano.

O movimento puritano exigia uma radical reforma litúrgica à maneira dos calvinistas, além disto, o clero deveria adotar também a radicalidade do seu comportamento ético. Em meio a esta reforma ocorre uma divisão nesta Igreja e alguns dos seus partidários partem para os Estados Unidos em 1620.

No Brasil, o movimento missionário vindo dos Estados Unidos influenciou diretamente as Igrejas brasileiras “filhas” deste movimento, isto significa que as alterações propostas por este movimento de missões, originário em solo americano, era seguido por suas missões aqui no país. Mas há um descompasso histórico importante que precisa ser destacado.

Quando este “protestantismo de missão” chega ao Brasil, a sociedade brasileira já havia estabelecido seus principais valores culturais, mas que estavam “atrasados” quando comparados com a nação americana, por isso este tipo de protestantismo é recebido no Brasil como inovação, movimento cultural de vanguarda, do progresso e da modernidade.

De certo modo, o protestantismo histórico brasileiro de origem missionária tende a reproduzir, no interior de suas comunidades, os traços da religião civil norte-americana, o que contribui para aprofundar o vazio existente entre ele e a sociedade. Na medida em que esse protestantismo reforça sua auto-identificação ao preço de seu relacionamento com a sociedade, torna-se pouco atraente para as camadas populares ao defender valores burgueses de colorido estranho ao *spectrum* cultural brasileiro. A assimilação dos valores da religião civil norte-americana, expressos em

³³ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 12.

termos religiosos protestantes, dá-se através de três canais principais: a mídia, a literatura e as missões modernas que se movem especialmente nos parâmetros das organizações paraeclesiásticas. Qualquer observação, mesmo superficial, mostra que esses canais estão voltados para grupos protestantes tradicionais, que, por sua natureza, são mais sensíveis aos valores burgueses.³⁴

Nota-se nas palavras de Mendonça, que o protestantismo de missão que chega ao Brasil no século XIX tem em sua divulgação e adesão uma camada social específica da população brasileira. Se sua pretensão era evangelizar a sociedade brasileira como um todo, o resultado foi uma adesão particular da burguesia brasileira à época, mais bem preparada para até mesmo compreender a metodologia missionária norte-americana que foi trazida para cultura brasileira que se expressava naquele momento histórico.

Este protestantismo de missão ganhou adesão junto a camada mais abastada da sociedade brasileira, por se identificar com o padrão americano de vida, com sua economia em pleno crescimento que se destacava no mundo em seu avanço industrial.

No século XIX, os Estados Unidos adotaram uma política de protecionismo econômico, buscando promover o crescimento industrial e proteger os produtores nacionais da concorrência estrangeira. Essa política foi influenciada por várias teorias econômicas da época, como o sistema mercantilista e a teoria das vantagens comparativas.³⁵

Mendonça faz menção ao *spectrum* cultural brasileiro que estranha a mensagem do protestantismo de missão. Esta mensagem, que não alcança todos os grupos que formam a sociedade brasileira, também envolve outras questões. As mídias disponíveis no Brasil do século XIX, as mais utilizadas eram, a imprensa, livros e panfletos. Contudo, o analfabetismo no Brasil era alarmante. Portanto, entre a classe popular este tipo de protestantismo não teve o apelo esperado.

O primeiro recenseamento da população brasileira foi realizado em 1872, o único durante o período monárquico, já que o segundo censo seria feito somente em 1890, sob governo republicano. São esses levantamentos que nos oferecem as informações mais confiáveis sobre o analfabetismo no Brasil durante o século XIX. Os estudos de Alceu Ferraro, pesquisador que analisa o analfabetismo no Brasil a partir dos censos demográficos, mostram que não houve alterações nas taxas entre 1872 e 1890: mais de 82% da população brasileira era analfabeta [...]. A queda nessa porcentagem só se verificaria no século XX e a casa dos 50% seria alcançada mais de sessenta anos após o fim da monarquia, conforme mostra o recenseamento de 1940.³⁶

³⁴ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V.. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 14.

³⁵ GALA, P. No século XIX os Estados Unidos adotaram uma política de forte protecionismo econômico.

³⁶ BRÁULIO, P. O analfabetismo no Brasil caiu de 92% para 56% durante o Segundo Reinado?

As aspirações de educadores, por um sistema educacional liberal naquele momento, reforçaram que a educação deveria ser movimentada pelo campo político, ou seja, dentro do conceito de laicidade. Por aqui, a sociedade, dentro desta ótica protestante de missão, não seria transformada pela educação com sinais de uma cultura protestante, mas viria com a conversão genuína dos indivíduos, que aos poucos transformariam a sociedade.

Como apresenta Mendonça, este protestantismo de missão que chegou ao Brasil, trouxe em si o conhecido “*american way of life*”, visão cultural agressiva e agregada à sua forma de interpretar o mundo por meio do seu tipo de religião protestante. Os norte-americanos se sentiram no dever de “transferir para América Latina os benefícios do “sonho americano”, ou do “estilo americano de vida”, cujos componentes são patriotismo, racismo e protestantismo.”³⁷

Estas características da cultura norte-americana só poderiam ter uma forte adesão à burguesia brasileira, vale lembrar que quando o protestantismo de missão surge no país, ainda vivíamos os horrores da escravidão, que por aqui durou 353 anos e só tem o seu término com a criação da Lei Áurea em 1888.

O protestantismo de missão, com características fortemente culturais norte-americanas, é fruto de um diálogo com o exigente protestantismo de corte calvinista. Este movimento religioso possui um forte conteúdo moral, o que pode ser atestado na análise de Antonio Gouvêa Mendonça.

Apesar de já um tanto enfraquecida, a doutrina calvinista da predestinação ainda teve forças para se inserir em alguns setores missionários e influir na aplicação de muitos recursos humanos e financeiros na educação, segundo a crença de que as oportunidades do ambiente religioso favoreciam o florescimento dos eleitos. Reforçava esta vertente a ideia de que a cultura protestante, fluindo através da educação, acabaria por transformar a sociedade para melhor e inseri-la no *corpus christianum*. [...] A conversão era individual e consistia no rompimento abrupto do indivíduo com seu meio cultural através da adoção de novos padrões de conduta opostos àqueles em que havia sido criado.³⁸

A novidade do protestantismo de missão, visto como movimento de vanguarda, manifestava-se na transformação do indivíduo, em seu comportamento na sociedade, por meio de uma ética protestante fincada no princípio calvinista do conceito de predestinação, que no contexto brasileiro também significava uma ruptura radical com sua cultura. Essa ética conversionista sempre foi preterida pelos

³⁷ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 31.

³⁸ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 32.

líderes do movimento no país. Dentro deste cenário religioso, que se fixou em parte do contexto social no Brasil, é que surge o Pentecostalismo.

Ainda dentro das pesquisas do pentecostalismo brasileiro, do professor Antonio Gouvêa Mendonça, vamos agora compreender em linhas gerais que movimento foi este, que se desenvolve melhor no país nos anos de 1910 e 1911, com o surgimento das duas principais Igrejas Pentecostais, a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil.

Contudo, é preciso compreender o conceito de Igreja segundo o que informa o professor Mendonça, pois para este autor há um questionamento sobre se as “agências de cura” podem estar incluídas dentro do conceito de Igrejas. Este questionamento é pertinente por parte de Mendonça, pois ele identificou que muitos espaços pentecostais, nos anos de 1950 até 1970, foram registrados como pessoa física, o que se assemelha mais a uma perspectiva, segundo ele, de “agências de cura”.

Entende-se por Igreja uma comunidade local, regional ou nacional, com um mínimo de estabilidade, com certa liderança burocrática razoavelmente estabelecida e com um corpo de doutrinas mais ou menos delineado, situado acima das vontades individuais. Poucos grupos pentecostais se enquadram nesse conceito. A maioria dos grupos, geralmente pequenos, são empreendimentos locais e de liderança individual, sem estabilidade e sem doutrina definida. São designados “pentecostais” por exclusão em relação às Igrejas históricas, e pela prática da cura divina. O título mais adequado para esses grupos seria o de “agências de cura divina”, já que além da ausência das características de Igreja não possuem corpo de fiéis fixo, mas uma população flutuante à qual prestam serviço religioso mediante contribuição por parte do beneficiado. A relação benefício/remuneração se aproxima bastante do princípio do “dar para receber”.³⁹

Neste aspecto, Mendonça propõe uma divisão, as Igrejas pentecostais e, por outro lado, as chamadas “agências de cura divina”. São estas diferenças que podem trazer uma luz ou pistas para encontrar as Igrejas, legitimamente, pentecostais dentre daquelas que não possuem as características de uma Igreja, que são as agências de cura divina.

Dentro da perspectiva teológica, o pentecostalismo tem sua origem no movimento de santidade “que, por sua vez, deve muito ao conceito wesleyano de perfeição cristã como segunda obra da graça, distinta da justificação.”⁴⁰

³⁹ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 47.

⁴⁰ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 47.

O movimento pentecostal também tem sua origem em solo americano, na Escola Bíblia de Topeka, que Charles Pahram, quando defendeu “a ideia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o batismo do Espírito Santo.”⁴¹

Um dos discípulos de Pahram, o pregador W. J. Seymour, fez uma pregação numa Igreja na localidade de Los Angeles (EUA).

Baseando seu sermão em At 2,4, Seymour declarou que Deus tem uma terceira bênção, além da santificação, isto é, o batismo do Espírito Santo. Nelly Terry, escandalizada, expulsou-o da Igreja. Seymour promoveu reuniões em casas da cidade e, no dia 6 de abril de 1906, numa dessas reuniões, um menino de oito anos falou em línguas, seguido de outras pessoas. Iniciava-se assim, pelo menos formalmente, o movimento pentecostal.⁴²

Nesse sentido, o pentecostalismo brasileiro está ligado ao movimento que ocorreu em Los Angeles. Daniel Berg, um sueco que estava em terras brasileiras, precisamente em Belém do Pará onde trabalhava como missionário de uma Igreja Batista, na qual ele provocou uma cisão, e se uniu ao seu compatriota, Gunnar Vingren, e fundaram as Assembleias de Deus em 1911, no Pará.

As Igrejas Assembleias de Deus são a Igreja mais popular do Brasil, evidente que a este dado está atrelado ao seu enorme número de adeptos pelo país, que em sua origem social são de vida simples, ou seja, de baixa renda. “Só nas imediações dos seus grandes templos-sede, nas cidades maiores, é que esta composição se altera rumo aos setores sociais intermediários.”⁴³

Dentro desta composição, pode-se afirmar que “a maioria das congregações, no entanto, é composta pelas camadas mais populares dos habitantes da cidade e do campo.”⁴⁴

As Igrejas Assembleias de Deus simbolizam o pentecostalismo clássico em sua postura conversionista e suas Igrejas locais possuem autonomia. Mesmo sendo um segmento religioso em que a grande maioria dos seus membros vem das camadas mais simples da população, esta Igreja possui farto material teológico, vinculado às temáticas que perfazem o modo de ser assembleiano dentro da realidade social brasileira.

⁴¹ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 47.

⁴² MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 47.

⁴³ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 51.

⁴⁴ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 51.

Neste sentido, observa-se novamente o quadro da alfabetização no Brasil, que sofre modificações significativas dentro deste espectro, se não há uma escolarização acadêmica na grande maioria de sua membresia⁴⁵, fato é que entre eles o analfabetismo é uma raridade. Encontram-se “institutos bíblicos que preparam sua liderança e já começam a sistematizar a teologia através de sucessiva publicação de textos teológicos.”⁴⁶

Um movimento que pode ser percebido, mesmo hoje nas Assembleias de Deus, está voltado para as questões dos usos e costumes direcionados ao comportamento de sua membresia. Segundo o professor Mendonça, em suas constatações, à época de sua publicação já poderiam ser identificadas algumas alterações.

Há informação de que nas Assembleias de Deus começam a se verificar conflitos entre conservadores e alguns segmentos tendentes a modificar costumes tradicionais pentecostais e, em particular das Assembleias, com referência às vestes, principalmente das mulheres, ao uso da televisão, rádio, cinema etc. A ascensão social e o acesso à instrução acabam atingindo seriamente os pentecostais. Deve haver, por isso, muita desistência. Entretanto, as Assembleias de Deus não somente se renovam, mas crescem na medida em que os bolsões de pobreza aumentam na cidade e no campo. A liturgia livre, a possibilidade sempre aberta de acesso às lideranças, o apoio e solidariedade comunitários, assim como a probabilidade de manejo religioso do cotidiano, constituem atração permanente por parte das Assembleias de Deus às classes populares.⁴⁷

Desde a publicação desta obra, em 1990, em mais de uma década de pesquisas sobre o assunto, os professores Antonio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho perceberam, em suas análises sobre o movimento Pentecostal das Assembleias de Deus, constantes alterações, o que à época também se manifestava em seu crescimento de membros. Já há algum tempo as Igrejas Assembleias de Deus revelam os seus projetos de entrada na vida política brasileira.

Neste início de século 21, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil continua implantando um projeto de desenvolvimento de sua participação mais ativa na sociedade do nosso querido país. Criou-se o Conselho Político da CGADB que tem por finalidade coordenar o projeto “Cidadania AD Brasil”, que desenvolve a consciência política na liderança das Assembleias de Deus no Brasil e gerencia o lançamento de candidatos oficiais da denominação nos pleitos eleitorais em todo Brasil. Hoje as Assembleias de Deus contam com 22 deputados federais, 38 deputados estaduais e 1.010 vereadores. Na área cultural, a CGADB inova com o ambicioso projeto de implantação da Faculdade Evangélica de Ciências, Tecnologia

⁴⁵ Membresia é o termo comum adotado em algumas Igrejas protestantes pentecostais, para se referir aos membros de uma determinada Igreja, como no caso estudado sobre as Igrejas Assembleias de Deus.

⁴⁶ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V.. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 51.

⁴⁷ MENDONÇA, A. G.; FILHO, P. V. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 47.

e Biotecnologia da CGADB – FAECAD, oferecendo a princípio quatro cursos: administração de empresas, comércio exterior, direito e teologia. A FAECAD já obteve o reconhecimento do MEC e as atividades da mesma começaram no mês de agosto de 2005.⁴⁸

Desde sua origem, em 1911, as Igrejas pentecostais Assembleia de Deus possuem um importante papel na sociedade brasileira, principalmente nas camadas populares, uma marca de sua ação missionária no Brasil.

Embora este caráter missionário tenha assumido outras perspectivas, que em determinados casos são estranhas a Jesus de Nazaré e ao anúncio do Reino de Deus, como sua presença na política brasileira, houve uma larga expansão em outros setores, como, por exemplo, na educação teológica, que presa pelos valores cristãos à luz do pentecostalismo que é afirmado pela denominação.

A Igreja Assembleia de Deus é fruto do protestantismo de missão, neste sentido, Frida Vingren, esposa de Gunar Vingren, um dos pastores fundadores da denominação, deve ser tratada com a dignidade que merece. Sua história ao lado do seu esposo nas Assembleias de Deus deve ser contada segundo as bases históricas que se encontram disponíveis dentro e fora da denominação.

O próximo capítulo irá procurar esclarecer o papel do feminino dentro das Igrejas Assembleias de Deus, se tais vozes foram silenciadas ou se mulheres como Frida Vingren foram colocadas no ostracismo, invisibilizadas pela força dos homens dentro da denominação.

⁴⁸ História da CGADB.

3 A manifestação do Espírito Santo nas mulheres assembleianas no Brasil

Neste capítulo serão apresentadas algumas características importantes, em primeiro lugar, sobre as diferenças entre os movimentos Pentecostal e Neopentecostal, este último, que nasce do Pentecostalismo. Esta distinção é importante porque há muitas dúvidas sobre os tipos de teologias que são praticadas nestes dois movimentos.

Feitas as devidas correções, será retomada a discussão sobre a atuação dos missionários suecos que chegaram em Belém do Pará e se fixaram numa Igreja Batista, realizando cultos improvisados, centrados na atuação do Espírito Santo na vida dos fiéis, principalmente na evidência do “falar em línguas estranhas”, como se costuma dizer entre os membros da Igreja Assembleia de Deus e outras denominações cristãs.

Neste aspecto, destaca-se a importância de duas irmãs, Celina Martins Albuquerque e Maria de Jesus Nazaré Araújo, certamente o ocorrido com estas irmãs resultou na expulsão de dezoito membros da Igreja Batista em Jerusalém, além dos missionários suecos, que residiam dentro da Igreja e realizavam cultos improvisados.

Dentro destes aspectos que serão tratados, novas questões sobre o modo de agir Pentecostal dos assembleianos, assim são chamados os membros da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, serão apresentados e alguns deles centrados no gênero feminino.

Encerrando este capítulo, será apresentada a questão que envolve nossa personagem principal e sua importância para os primeiros anos da Igreja Assembleia de Deus, a irmã Frida Maria Strandberg Vingren, esposa de Gunna Vingren, ela que chega ao Brasil após o estabelecimento definitivo do seu esposo no país.

3.1 Diferenças e aproximações entre os movimentos Pentecostal e Neopentecostal no Brasil

Para compreender o Espírito Santo e sua manifestação nas mulheres das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil atual é preciso compreender, ainda que em linhas gerais, mais sobre o Pentecostalismo no Brasil e, por extensão, o movimento religioso posterior que tem origem nele, o Neopentecostalismo.

3.1.1. Pentecostalismo: breve história, conceito e características

Segundo o professor e especialista da História das Assembleias de Deus no Brasil, professor Gedeon Freire de Alencar, o Pentecostalismo se define da seguinte forma:

Doutrina da contemporaneidade dos dons espirituais com ênfase na glossolalia: rígidas normas morais e éticas, em uma busca incessante de santidade; uma forte rede de relacionamento interno; liderança carismática; abordagem milenarista. Movimento religioso evangélico onde há manifestações chamadas pentecostais, expressão dos dons espirituais como profecia, cura, falar em línguas estranhas.⁴⁹

O Pentecostalismo moderno possui suas bases na experiência religiosa ocorrida em Jerusalém, o êxtase ocorrido durante a festa de Pentecostes. Ao longo da História do Cristianismo este fenômeno se repetiu por inúmeras vezes e hoje ainda se faz presente em muitas igrejas conhecidas como Pentecostais e Neopentecostais.

Em meio a estes períodos históricos se destacam as manifestações avivalistas ocorridas nos EUA, em que a ênfase estava concentrada no Batismo com o Espírito Santo. “No início do século XX, *A Missão da fé Apostólica*, na rua Azuza, em Los Angeles, torna-se o principal centro irradiador, sob a liderança de W. J. Seymour (1870-1922), um garçom negro ex-escravo.”⁵⁰

No Brasil, o Pentecostalismo chega em 1910 com o presbiterano Luigi Francescon (1866-1964), “que inicia a Congregação Cristã, em São Paulo. Igreja ultracalvinista, nasce e se mantém, em seus quarenta primeiros anos, exclusivamente dentro da colônia italiana.”⁵¹

Dentro do escopo desta pesquisa, é preciso mencionar, o que ocorrerá de maneira mais aprofundada mais à frente, que em 1911 Gunnar Vingren e Daniel Berg, estes suecos batistas, em Belém do Pará, em seu serviço missionário, organizam a Missão da Fé Apostólica, que em 1918 assume o nome de Assembleia de Deus.

É comprovado cientificamente que o pentecostalismo alcançou majoritariamente os pobres, ou seja, famílias de baixa renda e com pouca escolaridade, no entanto,

⁴⁹ ALENCAR, G. F. de. Pentecostalismo, p. 774.

⁵⁰ ALENCAR, G. F. de. Pentecostalismo, p. 775.

⁵¹ ALENCAR, G. F. de. Pentecostalismo, p. 775.

na terceira geração pentecostal brasileira, já existe uma presença quantitativa de pentecostais em classes sociais mais altas, além do processo de ascensão social muito enfatizado no neopentecostalismo. Uma novidade dos últimos anos é o surgimento de Faculdades Teológicas e também seculares dentro da Assembleia de Deus, que constitui, de acordo com o Censo 2000, a maior denominação evangélica do Brasil, sendo 31% dos 26 milhões de evangélicos brasileiros e 46% dos de origem pentecostal. No total, segundo estimativa da Sepal (Serviço de Evangelização para América Latina), o pentecostalismo representa 70% dos estimados 40 milhões de evangélicos do Brasil.⁵²

É praticamente inexistente uma linha unívoca de atuação quando se pensa o pentecostalismo em sua atuação social e teológica, portanto ele é heterodoxo. compreensão e atuação deste pentecostalismo se mostram, que são certamente “pentecostais”, porém a forma de compreensão e atuação deste pentecostalismo se mostra bem diversa quando se estuda mais a fundo o que eles compreendem com o rótulo “pentecostal”.

Segundo o sociólogo da religião Paul Freston, citado por Gideon Freire de Alencar, há três *ondas* do pentecostalismo identificadas por aquele em seus estudos sobre este segmento religioso:

na *primeira onda*, de 1910 a 1950, temos o *pentecostalismo clássico*, representado pela Congregação Cristã e Assembleia de Deus. Período em que o país de uma população majoritária rural, essas igrejas nascem e se formam a partir de fluxos migratórios periféricos, com ênfases teológicas na glossolalia e cura e com matizes escatológicas fortes. A *segunda onda* acontece nas décadas de 50 a 60, e os principais representantes deste período são as igrejas do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Brasil para Cristo (1955), e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962).⁵³

Após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil passa por inúmeras transformações sociais, como na indústria e na urbanização. Mesmo neste período de transformações sociais, políticas e econômicas, o movimento pentecostal brasileiro ainda mantém sua ênfase teológica-espiritual, glossolalia, cura e escatologia. Como o período é de desenvolvimento industrial e urbano, isto atinge diretamente às Igrejas pentecostais, que, portanto, iniciam um processo de ocupação na geografia urbana, mas sem perder suas principais características que as definem como pentecostais. Um exemplo do envolvimento nestes avanços no campo político, social e econômico do Brasil é a adesão dos pentecostais “ao uso dos meios de comunicação, no caso o rádio, para propagar sua mensagem.”.⁵⁴

A terceira onda é caracterizada pelo chamado neopentecostalismo, que tem início no final da década de 70. Conquanto se possa estabelecer como a principal representante

⁵² ALENCAR, G. F. de. Pentecostalismo, p. 775.

⁵³ ALENCAR, G. F. de. Pentecostalismo, p. 775.

⁵⁴ ALENCAR, G. F. de. Pentecostalismo, p. 775.

deste período a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), é impossível se estabelecer algum parâmetro teológico, moral ou eclesiológico sobre este período, pois há uma pluralização absoluta no mundo pentecostal.⁵⁵

3.1.2 – Neopentecostalismo: breve história, conceito e características

Todo movimento religioso, por mais esforço que faça para se manter imutável as transformações históricas, chegará a uma ocasião em que enfrentará momentos de crise, a não ser que busque, minimamente, dialogar com as imposições culturais que vão se revelando; e este fenômeno ocorreu com o Pentecostalismo que deu origem ao Neopentecostalismo.

Acima foi mencionado sobre o fenômeno público pentecostal da rua Azuza, em Los Angeles (EUA), sob a liderança de um negro ex-escravo, William Seymour (1870-1922). O pentecostalismo rapidamente ganhou países e continentes como, Estados Unidos, América Latina, África e Ásia.

Como o pentecostalismo sempre foi um movimento plástico⁵⁶, devido às formas culturais dos próprios países e continentes em que ele se fixou, não há como sistematizá-lo por um único padrão de comportamento religioso dos seus adeptos. Contribuindo para esta hermenêutica religiosa do pentecostalismo, houve a expansão do movimento também para a Escandinávia, Reino Unido, África e América Latina.

Diante desse crescimento e processo de transformação mais ou menos aceleradas, podemos observar que nenhuma manifestação religiosa, inclusive o Protestantismo e o Pentecostalismo, se instala e se repete em lugares diferentes para onde é levada sem que sofra alterações, retraduições e aclimações.⁵⁷

⁵⁵ ALENCAR, G. F. de. Pentecostalismo, p. 775.

⁵⁶ Observa-se desde a chegada do Pentecostalismo no Brasil sua plasticidade. As missões norte-americanas que chegaram ao país tiveram que se adaptar ao contexto histórico, político, econômico e cultural brasileiro. Este último elemento, a cultura brasileira, sempre se revelou diverso, uma pluralidade que vingou ao longo da História do Brasil com a diversidade de povos que passaram por aqui e que se fundiram (caldo cultural), com os povos originários. Um exemplo desta capacidade de plasticidade do protestantismo no Brasil, está relacionado às missões realizadas na zona rural e na zona urbana. Durante o Império as agências missionárias tiveram melhor recepção entre as fazendas, sítios e outros espaços específicos do contexto rural, já a receptividade na zona urbana foi mais difícil, com muitas características de intolerância religiosa, o que fez com que as missões protestantes no perímetro urbano elaborassem novas estratégias para anunciar a Palavra de Deus e conquistar prosélitos. Para saber mais:

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Em particular o capítulo 4. A ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA; 4.1 Educação e a estratégia missionária, p. 141-167.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁵⁷ CAMPOS, L. S. Neopentecostalismo, p. 706.

O primeiro desafio é como identificar o Neopentecostalismo a partir do movimento que lhe deu origem e que já existe há mais de 100 anos. Quais são as principais diferenças entre esses movimentos, o que o Neopentecostalismo possui de “novo” que o “velho” Pentecostalismo, ainda vivo, não possui. O contrário também vale, o que o “velho” Pentecostalismo que se sustenta e ainda atrai novos seguidores, por que eles não migraram definitivamente para a novidade Neopentecostal? São simples perguntas, embora pertinentes, que precisam de algum tipo de análise.

Partindo destas questões, a palavra neopentecostalismo pode trazer alguma elucidação. No Brasil, na América Latina e nos Estados Unidos, esta palavra possui conceitos e práticas distintas. Nos Estados Unidos, por exemplo, o neopentecostalismo está associado a “renovação carismática, que recusam abandonar as igrejas tradicionais, fazendo surgir dentro ou ao lado delas formas de adaptação do velho protestantismo com o novo pentecostalismo.”⁵⁸

Estes movimentos citados surgiram nos Estados Unidos ao final dos anos 60 do século XX, com os episcopais, menonitas, luteranos, metodistas, presbiterianos e mesmo entre os católicos, para maior precisão temporal, a partir do ano de 1967.

Já no Brasil, diversos autores como Paul Freston (1993), Antônio Gouveia Mendonça (1997), Ricardo Mariano (1999), para citar apenas alguns, têm usado o termo “neopentecostal” para designar novos movimentos religiosos e instituições que procuram se diferenciar na teologia e na prática daqueles grupos pentecostais batizados de “clássicos” ou das igrejas evangélicas “históricas”, assim chamadas devido as suas ligações com a Reforma do século XVI.⁵⁹

Acima foram citadas as três *ondas pentecostais* elaboradas pelo inglês naturalizado brasileiro, Paul Freston.⁶⁰ A terceira onda, citada acima, que se inicia com a Igreja Universal do Reino de Deus nos anos 70 do século passado, e que nesta terceira onda surgem outras denominações como a Comunidade Sara a Nossa Terra, Igreja Renascer em Cristo além de muitas outras.

⁵⁸ CAMPOS, L. S. Neopentecostalismo, p. 706.

⁵⁹ CAMPOS, L. S. Neopentecostalismo, p. 708.

⁶⁰ Paul Freston, inglês naturalizado brasileiro, é professor emérito de religião e política em contexto global na Balsillie School of International Affairs e na Wilfrid Laurier University, em Waterloo, Ontário, Canadá, e professor colaborador do programa de pós-graduação em sociologia na Universidade Federal de São Carlos. Publicou, entre outros, *Religião e Política, Sim; Igreja e Estado, Não é Nem Monge, Nem Executivo* (ambos pela Editora Ultimato). Também é autor de *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America* e co-organizador de *Cambridge History of Religions in Latin America* (ambos pela Cambridge University Press). Retirado do site:

https://books.google.com.br/books/about/Cristianismo_Antigo_para_Tempos_Novos.html?id=2435EAAQBAJ&source=kp_author_description&redir_esc=y

Acesso em: 05 de nov. 2014.

Estes rotulados “novos pentecostais” intensificaram algumas modalidades ritualísticas, “que somente de uma forma secundária estavam presentes no movimento pentecostal clássico, tais como: a cura divina, busca de sinais, prodígios e maravilhas, práticas de exorcismo de espíritos maus ou demônios.”⁶¹

Estas adaptações ao “espírito do novo tempo”, à sociedade urbanizada, industrial e da comunicação em massa, às ênfases mais antigas, marcas do pentecostalismo foram enfraquecidas ou caíram em desuso, como usos e costumes, glossolalia, interpretado entre pentecostais como o falar em línguas estranhas, e a forte insistência na santificação como um dos sinais da presença do Espírito Santo na vida dos fiéis.

No campo teológico,

temos observado no neopentecostalismo uma ênfase no corpo e no momento presente, propondo uma inserção político-partidária que enfraquece a tendência anteriormente existente de uma fuga em direção à “Jerusalém celestial”, que, segundo Antonio Gouvea Mendonça (1995), foi uma característica do protestantismo que se estabeleceu no Brasil no século XIX.⁶²

Portanto, o que consideram como a salvação da alma vai perdendo sua importância frente a valorização do corpo, hedonismo, este que vai se firmando junto ao já mencionado “espírito” deste novo tempo.

Por outro lado, essa maior preocupação com a vida presente facilitou a disseminação entre os novos de uma filosofia surgida nas religiões e filosofias orientais, com algum embasamento no pensamento hebraico pré-exílico, que é a Teologia da Prosperidade.⁶³

Outra característica aos neopentecostais está em suas lideranças, o que reflete o seu aspecto de organização eclesial, centrado na figura do líder, como amplamente pode-se identificar, por exemplo, nos líderes destes segmentos em seus programas midiáticos de largo alcance pelo país. Os títulos dados aos líderes deste segmento religioso são iguais ou se assemelham. Bispos, apóstolos, missionários, identificam o ramo religioso ao qual pertencem.

Os tradicionais possuem um modelo que se identifica mais com a liderança “carismática”, em que certo tipo de profecia é continuamente utilizado, o que pode

⁶¹ CAMPOS, L. S. Neopentecostalismo, p. 708.

⁶² CAMPOS, L. S. Neopentecostalismo, p. 708.

⁶³ CAMPOS, L. S. Neopentecostalismo, p. 708.

ser compreendido na esteira do pensamento do sociólogo alemão, Max Weber (1864-1920), nas palavras da socióloga Cecília Loreto Mariz⁶⁴:

o mago seria aquele que obriga os seres do mundo sobrenatural a realizar o que solicita. Os magos seriam indivíduos dotados de poderes especiais – o mana, o maga, ou carisma como prefere Weber – que os tornavam capazes de negociar ou mesmo “forçar” os deuses, espíritos ou entidades sobrenaturais a realizar o que quisessem. Esta atitude em relação ao sagrado e sobrenatural contrasta muito com a dos sacerdotes. Este jamais poderiam forçar o deus ou deuses a agir, mas tinham uma atitude de submissão, de reverência ao sobrenatural, implorando por clemência. O fracasso da súplica feita pelo sacerdote é interpretado como sinal do enorme poder do sobrenatural que escolhe não atender aquela súplica. Em contraste, o mago, quando fracassa, pode ser abandonado por seus fiéis, seu fracasso indica que o seu carisma o abandonou.⁶⁵

Percebe-se nas análises da Sociologia da Religião de Max Weber, segundo o artigo da professora Cecília Loreto Mariz, que a palavra “carisma” no uso que dela faz Weber, significa poder para manipular o sagrado. Este aspecto, comum aos magos do antigo Oriente, pode ser colocado lado a lado com os líderes das igrejas neopentecostais mencionadas.

Pode ser uma resposta sobre algumas questões mencionadas mais acima, a presença maciça de fiéis nestes movimentos neopentecostais, se dá, portanto, pelo carisma (poder) deste apóstolo, missionário ou bispo, que tomou este empréstimo histórico-cultural do antigo Oriente e fez uma releitura hermenêutica, utilizando o mesmo método, antes pertencente ao mago autônomo.

Evidente que a palavra “mago” assusta e, pelo senso comum religioso ainda hoje, é percebida como algo negativo, assemelhando-se a feitiçaria ou bruxaria. No entanto, a postura destes líderes neopentecostais está muito próxima a dos “magos” do antigo Oriente, onde observa-se, que tanto os fiéis como seus líderes acabam imitando o modelo carismático, em que eles (as) são estimulados a determinar/obrigar que o sagrado lhes favoreça em quaisquer que forem as suas causas de vida, preferencialmente no campo da prosperidade.

O Neopentecostalismo consegue se reinventar rapidamente, além desta releitura apresentada, a respeito do carisma do “mago”, há um outro fator que ainda remete em certo sentido as palavras de Cecília Mariz na utilização da sociologia de Max Weber.

⁶⁴ Cecília Loreto Mariz, doutora em Sociologia pela Universidade de Boston e até a publicação do seu artigo é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

⁶⁵ MARIZ, C. L. A sociologia da religião de Max Weber, p. 80-81.

Ao que parece, os líderes neopentecostais conseguem aglutinar tanto o carisma do mago, como sujeito religioso autônomo e o carisma do sacerdote, que não pertence a ele, mas a instituição que ele serve.

Nas denominações e movimentos neopentecostais, há uma rede de templos, ligados a uma central única, para onde convergem todas as contribuições, que vão para um cofre único. Como resultado, há maiores possibilidades dessas denominações no seu planejamento e expansão, conseguindo melhor participação e visibilidade na mídia. Essa tendência levou os neopentecostais à aquisição de espaços nas emissoras de rádio e de televisão no horário nobre ou então a comprar as suas próprias estações de rádio e TV.⁶⁶

Esta agressividade midiática, particular do movimento neopentecostal, atingindo vorazmente às massas, fez com que o movimento fosse identificado com o modelo capitalista de empresas comerciais, o método é o uso excessivo do chamado *Marketing Religioso*, como se pode atestar no surgimento e crescimento alarmante da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Este é um sinal bem transparente de como utiliza os seus métodos de “magia” junto aos pobres e que se recusa a dialogar com qualquer outro segmento religioso que seja contra sua forma de atuação religiosa, “resultando em um tipo de pentecostalismo profundamente adaptado a tempos de pós-modernidade e de exclusão social gerada pela aplicação de mecanismos econômicos baseados no neoliberalismo.”⁶⁷

3.2 - Vozes Femininas Silenciadas na Convenção Geral de 1930.

Não há como escrever a história da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, sem mencionar os suecos Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1973), são estes missionários que pertenciam a famílias protestantes de origem humilde, que após um período em solo norte-americano partem rumo ao Brasil em sua continuidade missionária.

Destaca-se que Gunnar Vingren recebe o “batismo no Espírito Santo” em outubro de 1910 e foi na Igreja Batista Sueca, localizada no Estado de Indiana nos Estados Unidos, que o missionário tem a revelação que provavelmente marcou definitivamente sua vida cristã.

Nesta Igreja, num culto de oração, consta que o irmão Adolfo Ullidin, recebeu a visita do Espírito Santo em sua vida e começou a profetizar para Gunnar Vingren,

⁶⁶ CAMPOS, L. S. Neopentecostalismo, p. 709.

⁶⁷ CAMPOS, L. S. Neopentecostalismo, p. 709.

revelando que ele deveria partir para o Pará. Outro aspecto interessante desta profecia, é que Vingren seria enviado às pessoas com um nível social muito simples, ou seja, deveria trabalhar junto aos pobres. Na profecia também foram citados outros aspectos da missão de Vingren, como a Língua Portuguesa e o alimento bem simples que estaria disponível ao missionário, ou seja, características bem comuns do contexto à época da capital de Belém, ao norte do Brasil.

Os missionários suecos, Vingren e Berg cheios de fervor se preparam para levar as primeiras pregações as terras estrangeiras, especificamente no Brasil. Nessa época, [em] Belém do Pará [...], havia classes sociais marginalizadas por todo tipo de má sorte, pela pobreza, pela malária, lepra e doenças diversas e outros males.⁶⁸

Um outro fato marcante nesta profecia do irmão Adolfo Ulldin, é que ele e Gunnar Vingren, não faziam ideia de onde ficava o Pará. A solução veio com a ida de ambos a uma biblioteca da cidade. Este mesmo irmão Ulldin foi fundamental em outra ocasião determinante para a vinda de Vingren ao Brasil, pois desde a primeira revelação/profecia ele começou a estar mais próximo de um outro nome fundamental ao processo de missões no Brasil, Daniel Berg.

Ambos foram visitar Adolfo Ulldin e ao encontrá-lo, em sua cozinha, mais uma vez o poder de Deus o visitou e profetizou que Daniel Berger deveria acompanhar Gunnar Vingren para o trabalho missionário a ser realizado juntos aos pobres em Belém do Pará.

Após uma longa viagem em um navio a vapor, Gunnar Vingren e Daniel Berg chegam ao Brasil, em Belém do Pará. Não havia ninguém lhes esperando, assim como não falavam nenhuma palavra da língua portuguesa.

Os primeiros meses destes missionários no Brasil foram de muitas dificuldades, o idioma, os poucos recursos financeiros e sem nenhum contato conhecido, era desfavorável à sobrevivência dos missionários.

Mas já havia no Brasil, naquele momento, no início da segunda década do século XX, outros estrangeiros que falavam inglês e já estavam exercendo alguma atividade missionária em Belém do Pará.

Vingren e Berg, encontram um jornal no quarto do hotel que estavam instalados e, mesmo sem saber falar ou ler em português observaram um nome conhecido, redator do jornal, um pastor da Igreja Metodista que conheceram enquanto estavam nos Estados Unidos.

⁶⁸ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 43.

A partir dali as coisas se tornaram um pouco mais fáceis, o pastor metodista lhes conseguiu um pequeno quarto no porão da Igreja para aloca-los. Vingren e Berg começaram, a partir dali, a realizar sua obra missionária. Embora residindo numa Igreja Metodista, buscaram se filiar numa Igreja Batista.

Lá cantavam os hinos em inglês e oravam pelas vidas dos fiéis e o Espírito Santo ia realizando sua obra entre eles. Nesta relação entre os irmãos da Igreja Batista, que estavam orando a Deus pelo envio de missionários, e outras viagens realizadas por Belém do Pará com irmãos de outras denominações, a Língua Portuguesa foi se tornando mais compreensível para os missionários, mas não o suficiente para que o trabalho missionário fosse mais sólido.

Estes missionários também não poderiam viver às custas de gente tão humilde, portanto, ficou decidido que Daniel Berg iria trabalhar, o que acabou acontecendo como fundidor, enquanto Gunna Vingren de dia estudaria a Língua Portuguesa e à noite daria aula ao amigo.

Com muito esforço começamos a estudar a língua. Procurávamos também manter contato com os irmãos e a participar dos cultos da igreja batista. Por não termos dinheiro para pagar as aulas, Daniel procurou emprego e conseguiu uma vaga numa fundição. Ali ele passou a trabalhar de dia, enquanto eu estudava o idioma. À noite eu ensinava a ele o que aprendera durante o dia.⁶⁹

Com o tempo muitas pessoas começaram a visitá-los pedindo orações em seu pequeno quarto no porão da Igreja Metodista, local em que cultos noturnos foram improvisados, onde muitos foram batizados com o Espírito Santo⁷⁰ e outras pessoas foram curadas.

As visitas dos membros da igreja ao nosso quarto – corredor eram cada vez mais intensas. Desejavam orações por suas vidas. Alguns já tinham recebido o batismo com o Espírito Santo e muitos doentes haviam sido curados. Resolvemos, por isso, improvisar cultos à noite naquele local apertado. No contato que eles tinham conosco, notaram que vivíamos o que pregávamos. Tanto a vida de oração como a vida de fé. (...). Por essa razão, passávamos tardes e noites orando em nosso pequeno quarto. Mas naquele lugar simples e desconfortável as bênçãos e o poder de Deus desciam.⁷¹

⁶⁹ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 56.

⁷⁰ Dentro da concepção teológica dos Pentecostais, o termo “batismo com o Espírito Santo”, não é identificado como um fenômeno religioso em que os fiéis, tomados pela Espírito de Deus”, somente falam na “visita” do Espírito Santo, êxtase religioso, línguas de outros povos, no jargão, línguas das nações, mas que também podem manifestar línguas desconhecidas pelo saber humano. Um outro fato é que em certas denominações Pentecostais esta é uma forte evidência/confirmação de que o fiel possui uma vida que agrada a Deus. Pois, segundo se compreende, Deus jamais enviaria esta manifestação do Espírito Santo na vida dos seus filhos (as) se eles (as) não estivessem se voltando para ele com uma atitude de vida espiritual exemplar.

⁷¹ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 56.

A primeira evidência histórica é a de que a criação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil surge da ação destes missionários numa Igreja Batista, onde nos cultos liderados por eles havia constantemente as evidências da ação do Espírito Santo. Este Espírito se manifestava também em homens e mulheres que os procuravam a fim de receberem orações.

A segunda evidência histórica, dentro deste aspecto da criação da Igreja Assembleia de Deus, é um tanto quanto irônica, pois a ruptura entre a Igreja Batista onde os missionários realizavam e participavam dos cultos, além das reuniões no porão em que estavam instalados, veio por intermédio do ocorrido com uma mulher em sua experiência da manifestação do Espírito Santo em sua vida.

A personagem central desta ruptura, que será apresentada mais adiante, foi a irmã Celina Albuquerque (1876-1966), esta irmã fazia parte do corpo de membros da Igreja Batista em Belém do Pará, e consta que foi a primeira pessoa desta Igreja a receber o “batismo com o Espírito Santo”.

Dentro dos objetivos desta pesquisa este fato não pode ser desconsiderado, pois fica evidenciado, historicamente, que a Igreja Assembleia de Deus nasce das evidências do Espírito Santo na vida da irmã Celina Albuquerque, pois o que lhe ocorreu é o que vai gerar a expulsão dos missionários da Igreja Batista e a fundação da primeira Igreja Assembleia de Deus.

Durante aquela semana tivemos cultos de oração cada noite na casa de uma irmã, que tinha uma enfermidade incurável nos lábios e nós sentíamos tristeza, porque ela não podia assistir aos cultos na igreja. O primeiro que fiz foi perguntar se ela cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos então para que ela deixasse desde aquele instante, todos os remédios que estava tomando. Oramos por ela, e o Senhor Jesus a curou completamente.⁷²

Os missionários revelam que no dia seguinte a este ocorrido com a irmã Celina, aliás, que viria a pertencer a primeira Igreja Assembleia de Deus, outras manifestações carismáticas voltaram a acontecer, com mais uma irmã, de nome Nazaré que foi batizada com o Espírito Santo entoando um cântico de louvor a Deus. A partir destes fatos com a irmã Celina e a irmã Nazaré, muitos irmãos e irmãs da Igreja Batista começaram a aceitar que tais manifestações só poderiam vir da parte de Deus e do seu Espírito Santo.

⁷² CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 56.

Estas evidências causaram impacto nos irmãos e irmãs da Igreja Batista, mas também suspeitas e descontentamentos por parte da liderança daquela Igreja. Vingren considerava todos estes acontecimentos como positivos, o que dentro do jargão Pentecostal, significa que a chama viva do Espírito Santo que ele tinha experimentado nos Estados Unidos, também se manifestava entre os irmãos e irmãs no Brasil.

Na Igreja Batista havia um outro missionário sueco enviado dos Estados Unidos para realizar o trabalho missionário no Brasil, seu nome, Erik Nilsson. Ele foi um dos que não aprovavam a forma como as coisas estavam sendo conduzidas nos cultos e alertou os missionários sobre suas “práticas”, como afirma Vingren. “No início ele nos ouviu silenciosamente. Mas em outra oportunidade disse-nos que deveríamos deixar fora da nossa mensagem aquele versículo que fala de Jesus batizar com o Espírito Santo, “pois propaga divisões”, argumentou ele.”⁷³

Entre os Pentecostais também é comum o termo “batalha espiritual”, ou seja, há entre os fiéis de grande parte das Igrejas Pentecostais a compreensão de que quanto mais se luta contra os desejos da “carne”, buscando, portanto, uma vida minimamente de santidade com Deus, o inimigo, o diabo, levanta-se contra esses fiéis, procurando destruir suas vidas.

Esta compreensão não é nova dentro da teologia dos Pentecostais no Brasil, Vingren, quando foi alertado pelo missionário Batista Erik Nilsson, de que não deveria pregar o versículo que Jesus fala do batismo com o Espírito Santo, Vingren interpretou o alerta do missionário imediatamente como uma ação do inimigo contra o poder do Espírito Santo que estava sendo manifestado com muitos sinais nas vidas daqueles irmãos e irmãs da Igreja Batista. “O inimigo havia preparado uma cilada muito astuta para nos desviar da vontade de Deus, e dessa maneira desfazer completamente o plano do Senhor para a obra pentecostal no Brasil por nosso intermédio.”⁷⁴

Já que a interpretação dos missionários caminhava para uma “batalha espiritual”, eles então intensificaram o trabalho, até mesmo porque muitos os procuravam, fosse por curiosidade ou por acreditar na nova doutrina do “batismo com o Espírito Santo”. Portanto, acreditavam estar vivendo o próprio texto de Atos

⁷³ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 57.

⁷⁴ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 57.

dos Apóstolos quando da instituição dos diáconos em função do problema da distribuição do pão diário para as viúvas apenas dos hebreus e não para as viúvas dos helenistas⁷⁵. Contenda que foi resolvida com a nomeação de sete diáconos para tratar da questão. Problema solucionado, o texto termina com as seguintes palavras: “E a palavra de Deus crescia. O número dos discípulos multiplicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável grupo de sacerdotes obedecia à fé.”⁷⁶

No entanto, as “investidas do inimigo” iriam continuar contra a ação dos missionários dentro daquela Igreja Batista em Belém do Pará. Havia na Igreja um espaço para que os missionários realizassem suas reuniões. Certa noite, num desses cultos improvisados neste espaço, o pastor da Igreja encontrou um grupo reunido entoando hinos e fazendo orações, outra típica ação das Igrejas Pentecostais, entre um hino de louvor a Deus e outro, há sempre a prática da oração.

Neste modelo de liturgia das Igrejas Pentecostais, é comum que em meio aos louvores e as orações, ocorram “manifestações” do Espírito Santo, a evidência mais comum é o “falar em línguas”, no jargão do povo das Igrejas Pentecostais, mas também é comum que ocorram profecias, que tanto pode ser expressa na língua vernácula ou mesmo em uma “língua estranha”, contudo haverá a necessidade de haver um intérprete. Neste sentido, esta manifestação do Espírito Santo nas Igrejas Pentecostais pode ocorrer tanto com os homens ou com as mulheres da Igreja.

Estes irmãos e irmãs que evidenciam estes dons dentro das Igrejas Pentecostais, logo são compreendidos pelos membros da Igreja como dotados de certos “poderes”, o que se aproxima da ideia de “carisma”, conforme a sociologia de Max Weber apresentada mais acima nesta pesquisa.

Enfim, retornando ao culto na Igreja Batista realizado no espaço onde Vingren e Berg improvisavam suas reuniões, ao receberem a visita do pastor da Igreja, o convidaram a participar.

Nós nos levantamos, e depois de saudá-lo o convidamos para participar daquele culto improvisado. Ele recusou o nosso convite e declarou que havia chegado a hora de tomar uma decisão. [...] Disse que ultimamente ouvira discussões acerca de

⁷⁵ A Bíblia de Jerusalém, na nota de rodapé deste texto de At 6,1-7 (Instituição dos Sete), nos informa que os helenistas citados no texto, eram os judeus que haviam vivido fora da Palestina, eles haviam tomado a cultura grega para si e liam a Bíblia em grego em sinagogas particulares. Já os hebreus citados no texto, o motivo da contenda, por causa de suas viúvas que recebiam o pão diário, enquanto as dos helenistas não, eram os judeus rotulados de “autóctones”, eles falavam aramaico e liam a Bíblia em hebraico nas sinagogas.

⁷⁶ At 6,7. Bíblia de Jerusalém.

doutrinas, coisa que nunca antes acontecera. Acusou-nos de havermos semeado dúvidas e inquietações no meio dos irmãos e sermos separatistas.⁷⁷

Um dos missionários, Gunna Vingren, tentou argumentar dizendo que jamais intentaram uma divisão na Igreja, e afirmou que se todos participassem da experiência com o Espírito Santo, seriam mais do que uma Igreja, tornando-se uma só família. A debate continuou, o pastor afirmou que o texto sagrado fala a respeito do batismo com o Espírito Santo e da cura de enfermidades realizadas por Jesus, contudo, reafirmava que tais acontecimentos só foram vividos pelos apóstolos.

Tomando a palavra, mais uma vez, em sua defesa, Vingren, dirigindo-se ao pastor da Igreja, afirmou.

Caro irmão, não devemos permitir que assuntos tão importantes se transformem em discussão pessoal. Somos servos de Deus, e desejamos, por isso, estar na verdade, pois aquele a quem nós pregamos é a Verdade [...]. O que importa é que o número de almas salvas aumente cada vez mais. [...] A verdade do batismo com o Espírito Santo e da cura divina que Jesus pode realizar em nossos dias.⁷⁸

Vingren esperava que os irmãos e irmãs presentes no culto levantassem suas vozes em sua defesa, mas somente um diácono, dos mais antigos da Igreja saiu em sua defesa. O diácono direcionando suas palavras ao pastor, disse que ninguém estava traindo os ensinamentos recebidos, mas que algo novo havia ocorrido com eles, que antes lhes era desconhecido, ou seja, a fé e o poder do Espírito Santo agindo em suas vidas. Acrescentou ainda que o pastor não era culpado, pois ele desconhecia essas verdades, portanto, não podendo ensiná-las à Igreja.

Este diácono, assim como Vingren, estava desejoso que o pastor se juntasse ao grupo e recebesse tais bênção, já que todos os membros da Igreja já haviam abraçado a novidade, o que segundo as palavras do diácono, representava “um plano mais elevado, e mais perto do céu.”.⁷⁹

Um culto extraordinário foi convocado e, com toda Igreja presente, houve uma votação para saber se a Igreja estava de acordo com o que estava ocorrendo, o que o pastor rotulou de “nova seita dos missionários”. Dezoito membros se levantaram concordando com o trabalho realizado pelos missionários suecos, estes foram imediatamente desligados da Igreja Batista junto com os missionários, que

⁷⁷ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 58.

⁷⁸ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 58-59.

⁷⁹ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 59.

devido a tal decisão também perderam o pequeno quarto em que viviam dentro da Igreja. Estes eventos ocorreram em 13 de junho de 1911.

Após a expulsão dos dezoito membros e dos missionários suecos, os cultos continuaram a ser realizados nas casas dos antigos membros da Igreja Batista, precisamente, o primeiro culto ocorreu na rua Siqueira Mendes, 67, na casa da irmã Celina Albuquerque. Irmã Celina foi a primeira crente batizada com o Espírito Santo no Brasil.”⁸⁰

O doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP, Gedeon Freire de Alencar, em sua tese publicada: “Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011”, aborda em sua profunda pesquisa, também sobre a importância das mulheres para as Igrejas Assembleias de Deus, portanto, ele também faz menção a estas duas personagens fundamentais ao surgimento da Igreja no Brasil.

Para Alencar, as mulheres pentecostais são símbolos de primazia dentro do movimento, particularmente na fundação da Igreja Assembleia de Deus.

No livro de Atos, as mulheres não são as primeiras, mas, segundo o relato, recebem o Espírito Santo no mesmo dia, local e da mesma forma que os homens. Isso indica alguma paridade? Já no movimento pentecostal, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, elas foram as primeiras a falar em línguas. Agness N. Ozman Laberce (1870-1937), aluna da Escola de Parham, em 1906, e Celina Martins Albuquerque (1876-1966) em uma reunião de oração, fato que vai culminar com a expulsão do grupo no dia 13 de junho de 1911 da Igreja Batista em Belém. Originalmente, elas são iguais ou têm primazia, mas no decorrer da história, elas são visceralmente marginalizadas. Em 1914, Maria de Jesus Nazaré Araujo, a segunda a ser batizada, foi a pioneira pentecostal no Ceará. E são muitas outras histórias de mulheres que levam a mensagem pentecostal, iniciam e constroem as igrejas, mas, no momento da inauguração do templo, ou colocação dos nomes na história oficial, são esquecidas.⁸¹

No contexto cultural brasileiro ainda permanece esta postura patriarcal em todos os setores de nossa sociedade, as mulheres geralmente quando se destacam em seus papéis sociais ou profissionais, logo são em sua grande maioria silenciadas ou tornadas invisíveis.

A Igrejas Pentecostais que tanto zelam pela Escritura, pelo evento da descida do Espírito Santo, que se lançou da mesma maneira aos homens e as mulheres reunidas naquele local onde costumavam estar com Jesus, se negam a reconhecer o importante papel das mulheres, sua primazia dentro das denominações Pentecostais como afirma Alencar.

⁸⁰ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 60.

⁸¹ ALENCAR, G. F. de. Matriz Pentecostal Brasileira, p. 115-116.

Há, portanto, uma grave distorção hermenêutica do texto, colocando os aspectos culturais acima da Escritura. No Antigo Testamento há muitas evidências quanto a esta pouca importância do feminino, a pouca menção delas em relação aos homens na História de Israel, simboliza que este silenciamento parte de uma imposição patriarcal cultural, portanto de Israel, que interpreta sua experiência com Iahweh dentro desta perspectiva, em que o homem deve sempre estar em evidência, como no jargão da maior parte das Igrejas Pentecostais, “o homem é o cabeça da casa”.

A história da fundação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil está ligada aos missionários suecos, Gunna Vingren e Daniel Berg, são eles que sempre são mencionados prioritariamente. No entanto, a fundação da denominação está ligada à descida do Espírito Santo, experimentada primeiro no Brasil com as irmãs Celina e Nazaré. Mais à frente nesta pesquisa será mencionada uma outra personagem, aquela que é o centro da pesquisa, Frida Maria Strandberg (1891-1940), que, segundo Alencar (2013), foi a invisível esposa do fundador, ou seja, unindo-se neste aspecto, as irmãs Celina e Nazaré.

Segundo Alencar, às Igrejas Assembleias de Deus desde sua fundação em 1911 e em décadas seguintes, revela-se como um movimento. Ou seja, o autor até mesmo a compara com a Igreja de Atos dos Apóstolos, que, em seus primeiros dias, não tem liderança institucional e oficial com cargos e títulos. Não tem templo, por conseguinte nenhuma distinção entre clero e membresia; nem gênero ou seleção de raças, pois, segundo o relato bíblico, a “promessa é para todos.”⁸²

A Igreja Assembleia de Deus cresceu e acabou por se institucionalizar ao longo de sua história, entretanto, esta que não é fixa nem absoluta. Mas como movimento, à maneira da Igreja de Atos, tem que se estruturar devido às novas demandas sociais e históricas. Como no texto de Atos 6,1-7, havia uma demanda urgente a ser resolvida e a solução foi criar uma instituição, os sete diáconos, embora homens, mas “cheios do Espírito Santo”.

O episódio é ímpar: toda problemática se dá porque a igreja cresce e, com isso, a membresia pobre aumenta. Então a igreja inicia uma distribuição diária de alimentos para as viúvas judias, enquanto as viúvas gregas são “esquecidas diariamente”. É um problema econômico, político e racial que produz a necessidade da instituição. A igreja se reúne e resolve. Na solução em “oração e sob inspiração do Espírito Santo”,

⁸² ALENCAR, G. F. de. Matriz Pentecostal Brasileira, p. 81.

ficam explícitas: as hierarquias, o preterimento das mulheres e a distinção da membresia.⁸³

É inegável que há uma comparação dos primeiros anos da Igreja Assembleia de Deus no Brasil com os relatos dos primeiros anos da Igreja de Atos, ou seja, o movimento Pentecostal age de forma muito semelhante. Embora seja, portanto, um movimento inspirado no relato bíblico da Igreja de Atos dos Apóstolos, na condução da atuação do Espírito Santo, com as características marcantes na oração, revelação e tudo sob a orientação deste Espírito, nada impede ou deixa as Igrejas Pentecostais livres das incertezas históricas que vão surgindo de tempos em tempos e que exigem a reunião de todos, sem exceção, a fim de solucionarem os problemas.

Mas há quem discorde desta autodenominação de “movimento”, nestes primeiros anos de existência da Igreja Assembleia de Deus. Alencar, citando L. Pethrus, biógrafo de Gunnar Vingren, em 1968 afirmou a seguinte questão:

Muitos esforços têm sido feitos para dividir esse *movimento*; outros têm procurado organizá-lo como uma *denominação*, mas até agora sem êxito. As igrejas, conforme foram formadas e fundadas pelos pioneiros Vingren e Berg segundo o *modelo apostólico*, continuam até hoje levando adiante essa poderosa obra de Deus (Vingren, 1973: 6, grifos meus).⁸⁴

Alencar questiona o fragmento acima de L. Pethrus, biógrafo de Vingren, quando ele se refere a Igreja Assembleia de Deus como “movimento” e “denominação”, não estaria se referindo ao contexto cultural sueco, em que as igrejas eram livres, em posição contrária à igreja estatal deste país. Para Alencar, não há dúvidas que o início se dá como “movimento” e, mesmo atualmente, mantem-se com algumas características, ainda que em 1946, trinta e cinco anos após a sua fundação, em uma Convenção em Recife, a Igreja Assembleia de Deus assume uma personalidade jurídica.

A Convenção Geral das Assembleias de Deus, ocorrida nos dias de 12 a 18 de setembro de 1930, em Natal, no Rio Grande do Norte, foi a primeira convenção das Assembleias de Deus no Brasil. Foi uma convocação urgente, a fim de “resolver certas questões que se prendem ao progresso e a harmonia da causa do Senhor”.⁸⁵

⁸³ ALENCAR, G. F. de. Matriz Pentecostal Brasileira, p. 81.

⁸⁴ ALENCAR, G. F. de. Matriz Pentecostal Brasileira, p. 81.

⁸⁵ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 124.

Segundo Gedeon Alencar, esta convenção tinha o objetivo de remover alguns obstáculos que estavam complicando, impedindo a causa de Jesus Cristo. O próprio Alencar nos revela quais eram as pautas desta Convenção.

1. As relações conflituosas entre brasileiros e suecos;
2. Entre as igrejas do Norte/Nordeste e Sul e Sudeste;
3. Jornal Boa Semente (Belém-PA) e Som Alegre (Rio de Janeiro);
4. Atuação das mulheres na igreja.⁸⁶

Como elucida Alencar, o último ponto é a razão daqueles que o sucedem. Aliás, seria menos vergonhoso, revelando todo o preconceito contra as mulheres da Convenção, se invertessem de ponta à cabeça os pontos acima, pois a Convenção Geral das Assembleias de Deus de 1930 existiu, em seu caráter urgentíssimo, apenas para tratar do maior problema que impedia a harmonia e o avanço, segundo os algozes de Frida, da causa de Jesus Cristo, as mulheres, em especial, o destaque não intencional que estava tendo Frida Vingren em sua tarefa missionária, causando o ódio tanto de suecos como de nordestinos, que se compreendiam como os donos da Igreja em portanto, do Reino de Deus.

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Assim deve ser somente quando não existiam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar.⁸⁷

Estas palavras, podem parecer puro preconceito, em relação às mulheres exercendo o serviço de pastoras, mas por serem vindas de Gunna Vingren, elas podem revelar um outro sentido aos pontos apresentados na Convenção Geral das Assembleias de Deus de 1930.

Alencar nos informa que certamente havia mulheres pastoras, óbvio, senão não teria razão da convocação geral, por isso elas foram impedidas de exercer a função dali por diante. No entanto, a exceção se dava quando não houvesse “irmãos capacitados” para o exercício desta função.

Portanto, como as Igrejas Assembleias de Deus cresciam pelo país, a proibição dada às mulheres, de que não poderiam exercer a função de pastoras não se sustentava em todos os casos porque não havia homens o suficiente e preparados

⁸⁶ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 124.

⁸⁷ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 124-125.

para o exercício da função. Havia uma brecha na “lei”, portanto, a Igreja local deveria decidir sobre tal resolução.

Esta resolução também revela que, em certas regiões, havia mulheres mais capacitadas do que os homens da Igreja para pastorear a comunidade de fé. Neste sentido, Frida foi mais do que uma pastora, pois pregava, escrevia hinos, poesias e era editora de jornais, como se apresentará no ponto seguinte.

3.3 O silenciamento de Frida Maria Strandberg Vingren de fato aconteceu?

Silêncio como imposição, à maneira como muitos segmentos religiosos atuam no mundo, certamente que Frida não sofreu, pois como será exposto, Frida foi mais uma dessas personagens históricas que viveu profundamente marcada por sua realidade social e religiosa, do seu tempo, sendo mulher, destacou-se mais ainda numa época em que a elas os papéis sociais já estavam pré-definidos. Na verdade, ela superou os obstáculos, o seu silenciamento é, portanto, uma articulação dos homens ao longo da História das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil, como se confirmaria mais à frente.

Na Bíblia Hebraica, para os cristãos, Antigo ou Primeiro Testamento, já é possível perceber um certo silêncio e invisibilidade quanto ao valor das mulheres dentro da História de Israel que pode ser percebido ao longo dos testemunhos de fé da Bíblia Hebraica/Antigo Testamento. Logo, um livro de enorme tradição patriarcal. Portanto, a Bíblia Hebraica constantemente serviu de modelo para estruturar o papel das mulheres ao longo da História.

Como a História do Ocidente está ligada diretamente ao cristianismo, estes “valores” da cultura judaica quanto ao papel da mulher em sua cultura, apresentados em seu texto sagrado, a Bíblia Hebraica, foram assumidos também pelas Igrejas cristãs, não fazendo a correta hermenêutica e distinção histórico temporal.

Se o modo de proceder de Jesus fosse observado, honestamente, no seu trato com as mulheres judias e estrangeiras do seu tempo, seria outro o valor dado a elas no mundo Ocidental, ao menos nos países que têm o cristianismo como a grande força religiosa da nação.

Dentro deste aspecto, o que grande parte da Igreja cristã, aqui em particular, a Igreja Assembleia de Deus fez, mas que não se resume só a ela, foi se orientar muito mais pelos testemunhos religiosos dos judeus no Antigo Testamento, que

notificam aos seus leitores quanto ao papel do feminino em Israel. Ou seja, o particular, a cultura judaica que parte do registro do seu texto sagrado, tornou-se geral no espaço das Igrejas cristãs ao longo da História do Cristianismo e, como essa noção se expandiu, foi dando esta forma do feminino a muitas culturas ocidentais.

O papel da mulher fora da Igreja, ou seja, na sociedade, também foi coordenado por este tipo de hermenêutica voltada bem mais aos testemunhos de fé do Antigo Testamento.

Em todo contexto histórico em que o cristianismo se apresentou como novidade, como no caso do proto Brasil, portanto na *sociedade tupiniquim*, porque dos povos originários (povo Tupi), foi a Igreja que transformou a cultura, o modelo daquela forma social de vida simples, quando comparada ao modelo europeu que aqui se estabeleceu com a invasão dos portugueses em 1500.

Portanto, a formação da urbanização brasileira, até então inexistente com a diversidade indígena autóctone na terra *brasilis*, é creditada às bases religiosas cristãs que se estabeleceram no país. Esta urbanização é um símbolo da Igreja, que traz progresso à sociedade neste aspecto, e como consequência transforma o comportamento social, portanto, familiar; tornando o gênero feminino no Brasil, à maneira europeia, que por sua vez, sendo um continente majoritariamente cristão, compreende o papel da mulher no mundo Ocidental fundamentado na tradição religiosa judaico-cristã, evidente que, na terra tupiniquim, mulheres foram esculpidas à maneira vinculada do momento histórico religioso brasileiro de tradição cristã europeia.

É verdade que há no Antigo Testamento mulheres que se destacam em sua atuação, isso é inegável, mas suas atuações são em menor número quando comparadas aos homens. Em muitos relatos, elas, apenas são mostradas como coadjuvantes dentro da história religiosa de Israel.

No entanto, como Jesus de Nazaré veio para colocar tudo em ordem, e seus discípulos e discípulas procuraram imitá-lo em suas vidas, há nos Evangelhos uma ressignificação do valor das mulheres junto a ele, nos encontros que ele teve com elas ao longo de sua missão. Neste sentido, é necessário mencionar a genealogia do Evangelho de Mateus para que se confirme, em mais um aspecto, os objetivos desta pesquisa.

Nem todos os teólogos e teólogas assumem a tarefa de “teologizar” sobre genealogias, mas há quem faça. Ainda que muitas genealogias, em certos casos, sejam artificiais, portanto, elaborada teologicamente a fim de servir aos interesses do seu autor, apontando para um interesse teológico que vai além do que se poderia imaginar numa leitura despretensiosa.

Ninguém duvida que, na prática, a situação da mulher, desde tempos imemoriais, vem sendo relegada a um plano menor desde muito cedo na história da humanidade. Atendo-nos ao mundo bíblico, é sintomático o lugar que ocupa nos famosos “dez mandamentos”, especialmente na versão que deles nos oferece o livro do Êxodo. O cap. 20,17 diz textualmente: “Não cobiçarás a casa de teu próximo. Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem o seu servo, sua serva, seu boi ou seu jumento, nada que pertença a teu próximo.” A mulher é colocada em igualdade de condições com a casa, o boi, o jumento... É provável que naqueles tempos não existisse um Movimento Feminista de Libertação, porém a formulação já lhes deve ter parecido inadequada, porque na recompilação do decálogo (Dt 5,21) a mulher aparece em primeiro lugar.⁸⁸

No relato do Êxodo exposto acima, a mulher é, por analogia, propriedade do homem, já que é colocada junto às suas posses de conquista material, ainda que no texto do Deuteronômio a mulher seja citada logo na abertura do verso 21, esta condição que lhe foi dada, como “posse” do seu marido em Êxodo 20,17, ainda permanece, independente do deslocamento apresentado no texto. “Não cobiçarás a mulher do teu próximo; nem desejarás para ti a casa do teu próximo, nem o seu campo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo.”⁸⁹

Neste aspecto, nota-se que ambos os textos estão destinados à conduta que os homens de Israel devem ter em relação às “coisas” uns dos outros, pois só se pode cobiçar os bens que possui, aquilo que é de outrem, portanto, sua posse, seu direito por lei em Israel.

Enfim, dada esta condição apresentada nestes textos do Pentateuco, cabe agora apresentar três personagens que se destacam neste contexto em que o homem, em Israel, tem a posse sobre a mulher, o que pode ser interpretado nos aspectos destes dois textos apresentados da Lei.

Cabe agora responder às seguintes perguntas, a partir das personagens, Tamar, Rahab e Bat-Sheba, que serão tratadas a seguir: Por que nossa primeira personagem, Tamar (Gn 38), cujo nome significa “palmeira”, cobre o rosto com um

⁸⁸ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 153.

⁸⁹ Dt 5,21. Bíblia de Jerusalém.

véu e é percebida como prostituta pelo seu sogro Judá que se deita com ela? Por que nossa segunda personagem, Rahab (Js 2, 1-24), esta estrangeira, cujo nome significa “lagar”, “ampla” o “grande”, prostituta de ofício, acolheu os espiões de Josué, em Jericó? Por fim, por que nossa terceira personagem, Bat-Sheba (2Sm 11), “nome que significa “filha dos 7” = “filha da plenitude” = “a exuberante”⁹⁰, esta última acepção corroborada pela descrição do redator final do texto, “mulher de Uriá”, o hitita, e filha de Eliâm: “era muito bonita” (2Sm 11,2-3) ”⁹¹, casada com Urias, cometeu adultério juntamente com o rei Davi?

A fim de deixar tais questões mais complexas, o porquê destas três estarem presentes na genealogia de Jesus, ou seja, sendo apresentadas como fazendo parte de sua estirpe, portanto, a genealogia de Mateus é possivelmente artificial, teologicamente formulada? Se toda construção teológica tem suas intenções, quais seriam a de Mateus?

Sabe-se que no Antigo Testamento a mulher é punida com a morte, em determinados casos estipulados pela lei dos judeus, como por exemplo, prostituição e adultério, embora, no caso deste último, a pena também está destinada aos homens. Contudo, estas personagens destacadas, mulheres sofridas, tiveram que superar os ditames histórico-culturais dos seus dias, e por isso, são, de certa maneira, percebidas como mulheres dignas segundo a leitura que o Antigo Testamento possui quando retrata este gênero a partir dos relatos que faz destas três personagens.

Quanto a Tamar, o AT reconhece seu zelo por forçar o seu sogro a cumprir a Lei do Senhor. A acolhida dada por Rahab aos espiões de Israel é reconhecida e sua fé será relembrada pela Epístola aos Hebreus (11,31) e pela Epístola de Tiago (2,25). Com relação a Bat-Sheba, sua inteligência em fazer valerem os direitos de seu filho Salomão como sucessor ao trono de Davi.⁹²

Evidente que essa valorização dada a estas mulheres dentro de um contexto cultural, de forte tendência religiosa moral, embora valorizando-as, não permaneceu ao longo da Bíblia Hebraica/Antigo Testamento e, nem ao longo da História do Cristianismo.

Este gênero no Antigo Testamento é muito mais percebido com uma série de falhas, pecados, que desde sempre, neste aspecto, recaem sobre Eva, aquela que

⁹⁰ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 154-155.

⁹¹ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 155.

⁹² BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 153.

cedeu à tentação, ao fruto proibido, imagem utilizada constantemente nas pregações de inúmeras Igrejas evangélicas, independentemente de sua origem histórico-denominacional.

Mais à frente isto se confirmará, colocar o gênero feminino em certas áreas dentro das denominações evangélicas, como: Ensino Religioso, Círculo de Oração, Ação Social etc., embora, sem dúvida, fundamentais à vida da Igreja como Corpo de Cristo, remetem, é verdade, ao valor dado a elas, porém, isto não significa ser um dado positivo plenamente, já que ainda permanecem como coadjuvantes dentro de grande parte das denominações cristãs, aqui particularmente as Igrejas Assembleias de Deus, que historicamente são filhas da Reforma Protestante.

A narrativa de Gênesis (Gn 1,2-4a) sobre a criação, coloca homem e mulher como criados por Deus no mesmo momento. “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele criou, homem e mulher ele os criou.”.⁹³

Geralmente conhecida como o “primeiro relato da criação”, destoa muito neste aspecto apresentado, da outra narrativa a respeito da formação do homem e da mulher em Gn 2,4a-3. Deus, nesta narrativa, cria primeiro o homem e o põe no Jardim de Éden, a ele dá uma série de poderes, dentro das limitações humanas, coloca-o para trabalhar, cultivar e o guardar. Ou seja, o homem é posto no Jardim de Éden como um administrador de parte da criação.

Iahweh Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda.” Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria; cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse. O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe a homem. Então o homem exclamou: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada ‘mulher’, porque foi tirada do homem! Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne. Ora, os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam.”⁹⁴

Observa-se, que de certa maneira, este fragmento acima, assemelha-se a questão apresentada acima no Êxodo. A mulher surge, segundo a pena do escritor do texto, após todos os outros animais serem criados do solo, todas as feras selvagens, todas aves do céu, por fim, Deus deu poder, autonomia ao homem de

⁹³ Gn 1,27. Bíblia de Jerusalém.

⁹⁴ Gn 2, 18-25. Bíblia de Jerusalém.

dar-lhes nomes, o que simboliza domínio sobre eles, quanto a mulher, somente foi criada após todos estes eventos.

É inegável que o texto fala da mulher como tendo sido criada a partir do homem, de sua costela, o que configura a imagem do casamento. No entanto, neste texto da criação do homem e da mulher, esta última fica como um elemento secundário. Ela é modelada a partir da costela do seu companheiro e não da mesma forma que ele.

Fica evidente, segundo o escritor do relato da criação, que há uma distinção. “Então Iahweh Deus modelou o homem com a alergia do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.”⁹⁵

Em hebraico, a palavra que remete ao “hálito de vida”, de Iahweh para Adão, é o “termo “nefesh”, que designa o ser animado por um sopro vital (manifestado também pelo “espírito”, ruah: 6,17+; Is 11,2+; cf. Sl 6,5+).⁹⁶

Enfim, os relatos da criação do homem e da mulher nos dois primeiros capítulos do livro do Gênesis são díspares, e pelo que se aborda nesta pesquisa, há uma preferência ao segundo relato, por todos aqueles que desejam a superioridade do homem sobre a mulher dentro das formas religiosas que configuram o cristianismo protestante/evangélico.

Este último texto dá as bases para esta distinção, inclusive ao absurdo, o que realmente chega a acontecer, de anunciar um Deus em que a distinção parte dele mesmo, reduzindo a figura feminina, que não recebe, segundo o texto, a “nefesh” de Iahweh, o autor silencia quanto a isso, parece desejar, que embora criados por Iahweh, o homem tem proeminência sobre a mulher, ela vem ao mundo a partir dele

Com o judeu Jesus de Nazaré, a história é outra, e retornando à sua genealogia teológica em Mateus isso ficará mais claro ainda, com as três personagens já citadas e que serão mais aprofundadas.

É evidente que essa valorização feita pelo próprio AT acerca dessas mulheres não melhorou seu *status* de marginalização relativamente à mulher. Todavia, considerado em si mesmo, o fato de que o AT valorize o zelo pela lei de Deus, a acolhida que permite uma vitória e uma mulher utilizada sexualmente por um rei tão querido pela tradição israelita como Davi constitui um sintoma muito claro de que a mentalidade veterotestamentária não só tinha tanta obsessão pelo sexo como amiúde acreditamos, mas também, acima dessa obsessão, de que o povo de Israel reconheceu

⁹⁵ Gn 2,7. Bíblia de Jerusalém.

⁹⁶ Comentário da nota de rodapé do exegeta da Bíblia de Jerusalém, sobre Iahweh ter “insuflado em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.”. Gn 2,7.

nesses comportamentos meios de levar adiante a história de Israel como história de salvação.⁹⁷

O objetivo de Mateus é colocar num primeiro momento, com alguns personagens principais da fé de Israel, como Abraão, o pai de Israel e Davi, seguindo, portanto, à sua monarquia, apresentar Jesus mais à frente como Filho de Deus (Mt 3,16-17).

Mateus, portanto, intencionalmente apresenta essas mulheres na genealogia de Jesus. Tamar utiliza de sua sabedoria e cria um estratagema para fazer com que Judá, o seu sogro, o patriarca, cumprisse à lei, portanto revelando o pecado que ele cometeu ao não cumpri-la. Em Tamar também é possível a observação do zelo maternal, o que importa mais a ela não é a atividade sexual, mas a descendência, o que acaba se afirmando quando se faz de prostituta e engravida do seu sogro.

Tamar havia sido viúva por algumas vezes e ainda se achava assim, o que revela no seu tempo desamparo, estava em desespero, a fim de garantir sua sobrevivência se fez de prostituta.

Tamar é mulher de coragem, pois certamente sabia dos riscos da prostituição em Israel, aliás, esteve próxima de ser assassinada na fogueira, como atesta a narrativa de Gênesis 38. Neste aspecto,

o autor bíblico não se preocupa, absolutamente, com o “meio” utilizado por Tamar. Importa-lhe deixar clara a culpabilidade de Judá por não haver cumprido o que determina a Lei do Senhor, a qual, no AT, identifica-se com sua vontade. O fato de ser uma estrangeira quem aparece como instrumento do cumprimento dessa vontade permite entrever que, para cumprir e fazer cumprir a vontade de Deus, pode constituir talvez um impedimento o “orgulho” de pensar que só os judeus tinham direito à salvação resultante do cumprimento da Lei.⁹⁸

Se Tamar fez-se de prostituta para revelar a verdadeira conduta moral do seu sogro, o patriarca Jacó, o mesmo não ocorre com Rahab, ela é prostituta, este é o seu “ganha pão”. Contudo, o mais interessante para o autor do texto, é que em nenhum momento ela é julgada por sua profissão.

Boa também sua “profissão de fé” que ela faz a Deus diante dos espiões de Israel que entraram para deitar-se com ela. No relato, essa profissão de fé é precedida por uma desobediência a seu próprio rei, que ordena explicitamente que os faça sair de casa. Essa traição ao seu rei e a seu povo é um indício, ao mesmo assim podemos deduzi-lo, de certa confiança no Deus daqueles que entraram na casa. Essa confiança é afirmada categoricamente a partir do cap. 2,8: *“Eu sei que o Senhor vos entregou a terra, que o pavor caiu sobre nós... pois o Senhor, vosso Deus, é Deus lá em cima nos céus e aqui embaixo na terra”*. [...] Por seu intermédio, esse personagem nos

⁹⁷ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 157-158.

⁹⁸ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 160.

revela que, para Israel, foi mais importante a profissão de fé por parte de uma estrangeira, e além disso, prostituta, que seu comportamento moral.⁹⁹

Rahab, assim como Tamar, também é citada no Novo Testamento de maneira honrosa, como exemplo de fé, em Hebreus (11,31), na Epístola de Tiago (2,25) suas obras são elogiadas, ou seja, a acolhida aos espiões e, talvez ainda mais contundente nas palavras no livro de Sabedoria (11,23), “afasta os olhos dos pecados de Rahab” – e elogia sua fé e suas boas obras.”.¹⁰⁰

Esta genealogia teológica de Mateus, destinada aos primeiros destinatários do seu Evangelho e posteriormente nos confins da terra, o que neste momento revela que Deus está mais desejoso de que se confie nele, do que os preceitos de ordem moral, “que é o que sempre aparece no exterior e costuma ser ambivalente, conforme demonstra muito bem Mateus”.¹⁰¹

Já Bat-Sheba, distingue-se em muitos aspectos de suas antecessoras mencionadas, mas é notável o seu silêncio ao longo de todo o ciclo, o que por outro lado, também expõe de forma significativa o pecado de Davi.

Bat-Sheba estava banhando-se, purificando-se, pois encerrava-se o seu período menstrual. Segundo Blanco, as únicas palavras colocadas na boca desta personagem são “estou grávida” (2 Sm 11,5). Davi, diante da notícia usa de malícia, manda Urias, o esposo de Bat-Sheba retornar do campo de batalha, imaginando que ele desejaria estar com sua esposa, logo este guerreiro compreenderia “naturalmente” que o filho seria seu. A surpresa é que Urias, era tão fiel ao rei Davi, que escolhe ficar “aos seus pés”, o rei então acrescenta mais um pecado e ordena colocá-lo na frente da batalha.

Urias morre em batalha e Davi é apresentado como um adúltero e homicida. O adultério em Israel é punido com a morte, para ambos, contudo, neste caso, segundo do autor, não houve dolo, afinal quem provou todas as ações, adultério e homicídio foi o rei Davi.

Bat-Sheba, após todos estes eventos continua em silêncio, aos leitores, o escritor do relato não lhes dá a certeza sobre a condição de vida dessa mulher após tudo o que lhe fez o rei Davi. Num primeiro instante, só resta ao leitor hipóteses

⁹⁹ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 160-161.

¹⁰⁰ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 161.

¹⁰¹ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 161.

hermenêuticas, portanto, se for um leitor dessa passagem que em si guarda a postura patriarcal, nem se compadecerá com a destruição da vida dessa mulher, aliás, poderá justificar que Davi era o rei, ungido, escolhido e separado por Iahweh para servi-lo, contudo foi apenas um soberano humano que revelou com seus muitos pecados e algumas virtudes, altos e baixos em sua vida diante de Iahweh. Mas e Bat-Sheba?

Desejaria ter um filho do rei? Já não seria feliz com o guerreiro Urias? Tinha planos futuros para o seu casamento? Enfim, jamais se saberá. Contudo, há uma reviravolta nesta personagem. Assim informa Blanco.

No entanto, no mesmo AT, em 1Rs (caps. 1-2), Bat-Sheba desempenha um papel mais ativo como hábil política, para fazer com que seu filho Salomão suceda a Davi, e não aquele que, por idade, deveria fazê-lo: Adonias. Daí que a figura de Bat-Sheba, dócil, submissa, humilhada, luta ativamente e com a colaboração do profeta Natan, como uma autêntica “rainha-mãe”, para que seu filho e não outro suceda ao engrandecido David. David, que será tido como cabeça da dinastia da qual Israel esperará um “Messias” e, por isso, lembrando com grande honra e estima, nomeia sucessor, por instigação de Bat-Sheba, o filho de ambos. Verdadeiramente, podemos dizer com São Paulo: onde proliferou o pecado, superabundou a graça!¹⁰²

Segundo Blanco, o autor do texto de Samuel ao falar de Bat-Sheba como “a mulher de Urias”, revela os pecados de Davi e ela também se une às outras por ser estrangeira. A intenção de Mateus em incluir estas mulheres na genealogia de Jesus, era revelar a postura real do povo judeu, que sempre viu a si mesmo como povo justo diante dele.

A representação deste “povo justo”, está em Judá e Davi, respectivamente um patriarca e o rei de Judá/Jerusalém, ao tratarem Tamar e Bat-Sheba da maneira como o fizeram, não só revelaram o seu lado perverso com as mulheres, mas, segundo Blanco, simbolizaram também toda a arrogância religiosa de Israel em se ver como povo justo diante de Iahweh.

Blanco afirma que a presença dessas mulheres no AT não modifica a condição do gênero feminino, porém, ele destaca três atitudes fundamentais.

O zelo em fazer cumprir a lei do Senhor (Tamar); a fé em Iahweh (Rahab) e a demonstração que evidencia a condição pecadora de David (Bat-Sheba), a qual não representará obstáculo para que Yahweh leve adiante seu plano de salvação do pecado, perdando o pecado.¹⁰³

¹⁰² BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 163.

¹⁰³ BLANCO, J. I. Tamar, Rahab, Bat-Sheba, p. 164.

Por fim, temos a personagem de Rute, que é também mencionada na genealogia de Jesus. Rute é moabita, portanto, estrangeira e, segundo a Torah, os estrangeiros estão dentro do projeto de acolhimento de Iahweh (Dt 26). Rute é mencionada logo após as personagens de Tamar e Rahab. O livro de Rute tem como temática principal o resgate. Rute e sua sogra, Noemi, são viúvas e necessitam urgentemente ir ao encontro de um parente que as possa resgatar, comprando um terreno, a terra de Elimelec, marido de Noemi, a fim de cumprir a Lei do Levirato em Israel.

Rute, a estrangeira, que dá nome ao livro, é quem se beneficiará, pois o resgatador (remidor) Booz, é o parente distante de Elimelec, aquele que foi marido de Noemi, que após sua perda e dos filhos, pede que lhe chamem de Mara (amarga).

Então as duas se puseram a caminho até que chegaram a Belém. E logo que entraram na cidade, todos ficaram agitados, e as mulheres comentavam: “Esta não é Noemi?” Mas Noemi respondeu-lhes: “Não me chamem de Noemi. Me chamem de Mara, pois Shadai me encheu de amargura. Parti com as mãos cheias, e Javé me traz de volta sem nada! Por que me chamam de Noemi, quando Javé se pronunciou contra mim e Shaday me trouxe aflição? Foi assim que Noemi voltou aos Campos de Moab, e junto com ela sua nora Rute, a moabita. Elas chegaram a Belém quando estava começando a colheita da cevada.”¹⁰⁴

A personagem de Noemi reflete o comportamento natural de uma mulher judia do seu tempo, inclusive em sua relação com o sagrado. Noemi atribui suas perdas, o marido Elimelec, e os filhos Maalon e Quelion, como obra das mãos de Javé; esta interpretação era comum entre os judeus, já que é Javé, quem controla a história dos seus filhos e filhas.

Booz resgata, não somente sua parenta Noemi, mas também a estrangeira Rute, com quem se unirá em matrimônio. Na genealogia de Mateus fica explícita a função de Jesus como o resgatador, também de mulheres estrangeiras que estejam em desespero, essas que ele encontra ao longo de toda sua missão como Maria Madalena¹⁰⁵ e tantas outras.

¹⁰⁴ Rt. 1,19-21. Bíblia Pastoral.

¹⁰⁵ Os Evangelhos sinalizam a ação resgatadora de Jesus junto a muitas mulheres. Como ocorre em Lucas 08, que leva como título na Bíblia de Jerusalém: “*A companhia feminina de Jesus*”. O evento ocorre no Evangelho de Lucas após Jesus perdoar os pecados de uma mulher que lhe ungiu os pés com perfume e lágrimas, beijando e enxugando-os com seus cabelos. A pecadora simboliza que o Reino de Deus é também para elas, está aberto a recebê-las e acolhê-las (Lc 7,36-50). Em Lucas 8 há o seguinte registro: “Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens.”. (Lc 8,1-3).

Ao contrário da interpretação da personagem Noemi em sua relação com Javé, Jesus, como homem de Nazaré, mostra-se acolhedor, transformador, revelando que os maus tratos às mulheres não veem do seu Pai, mas que são obra de uma geração perversa, que embora conheça a Lei de Moisés, na obrigação de acolhê-las, não o fazem, na maioria dos casos as exploram.

Destaca-se que antes de Noemi e Rute serem resgatadas por Booz, havia um parente que deveria exercer primeiro esse direito. No livro esse personagem é tratado com certo desprezo, pois ele, ao saber que teria despesas não só com Noemi, mas também com Rute, rejeita esse direito, passando-o para Booz, que estava na linha sucessória.

É verdade que Booz usa de sagacidade para com o “fulano de tal” ao dizer-lhe que o acolhimento, por direito a Noemi, se estenderia também a Rute. No entanto, a história de vida dessas personagens nos revela uma forte aliança, elas são inseparáveis! Na dura estrada da vida dividiram alegrias, dores e esperança, que por fim se concretizou na ação de Booz.

1. As consequências dessa mudança na lei do resgate são as seguintes: em primeiro lugar, o terreno já não será do *fulano de tal* que o adquire, mas continuará como posse da família de Noemi; em segundo lugar, o filho que nascer não terá o nome de *fulano de tal* [cf. Dt 25. A Lei do Levirato] que o gera, mas sim o do falecido marido de Noemi. Em outras palavras, *fulano de tal* apenas gastará dinheiro e trabalho para, no fim, ficar sem nada: sem a terra que comprou, sem o dinheiro que gastou, sem a mulher que adotou, sem o filho que gerou! Ficarão apenas com o gosto de ter ajudado a família de Noemi e Rute a sobreviver e ter um futuro!

2. Diante disso, fulano de tal respondeu: “Neste caso, para mim, não é possível resgatar, senão vou prejudicar minha herança”. Ora, é exatamente essa mentalidade egoísta que o livro de Rute quer denunciar e combater. O outro parente só pensava em si mesmo, na sua família, no seu próprio patrimônio. Não queria prejudicar a sua própria herança. Não estava disposto a sacrificar-se pelo irmão pobre, nem a olhar as necessidades do clã, da comunidade.¹⁰⁶

Mateus não coloca essas mulheres de grande valor na genealogia de Jesus de maneira despretensiosa, há um motivo mais profundo, mas só se compreende se o leitor conhece a história delas e faz a correta abordagem hermenêutica a partir da vida de Jesus relacionada diretamente a elas e suas histórias apresentadas no Antigo Testamento, este é o sentido desta genealogia dentro desta pesquisa.

Portanto, suas histórias estão relacionadas diretamente com a práxis de vida de Jesus de Nazaré, que veio para transformar a vida das mulheres sofridas do seu tempo.

¹⁰⁶ MESTERS, C. Rute, p. 60.

Neste aspecto, é possível agora pensar, séculos depois, em Frida Maria Strandberg Vingren (1891-1940), que foi a invisível esposa do fundador da Igreja Assembleia de Deus, apesar de todos os seus feitos. Portanto, invisibilidade que é prática comum em algumas sociedades cristãs ocidentais.

Frida foi uma mulher, mais uma, à frente do espírito histórico do seu tempo, aporta no Brasil em 14 de junho de 1917, em Belém do Pará. Aqui no país viveu apenas por 13 anos, mas deixando profundas marcas do seu trabalho a serviço do Reino de Deus. Passou sete anos em Belém e seis no Rio de Janeiro. Retornou em 1932 para sua terra natal, no ano seguinte morreria seu esposo, Gunna Vingren. Após sete anos da morte dele, Frida também faleceu, tinha 49 anos de idade.

Segundo Gedeon Alencar,

Ainda hoje não é reconhecida pela história oficial da igreja. Essa missionária pregava, cantava, tocava – existem vinte e quatro hinos da Harpa Cristã registrados em seu nome –, dirigia cultos na Praça Onze, em presídios, nas casas e nos templos. Trabalhou no jornal oficial da denominação, Boa Semente, em Belém, e, depois, no Rio de Janeiro, no Som Alegre. Em 1930, os dois jornais são unidos e nasce o Mensageiro da Paz (existente ainda hoje) e ela se torna sua redatora.¹⁰⁷

Todo aquele que se propõe a estudar a história das Assembleias de Deus no Brasil, conhece o nome dos seus fundadores, que realizaram tal feito histórico em 1911 em Belém do Pará. Mas e a história de Frida? Na história oficial ela é praticamente inexistente, portanto, a ela foi aplicada a “pena” da invisibilização, uma espécie de ostracismo histórico, típico dos homens poderosos dentro de muitos segmentos religiosos no Brasil e pelo mundo, na Igreja Assembleia de Deus não seria diferente, de forma irônica, Frida era sueca, portanto, mais uma estrangeira, que pode ser colocada ao lado de Tamar, Rahab e Bat-Sheba. Mas enquanto em vida no Brasil, Frida jamais se calou, mas pôs-se à serviço do Reino de Deus, com muitas palavras e obras.

A menção a Frida Vingren, como registro histórico, só é possível em virtude dos jornais mencionados, destaca-se aqui que em 1920, como revela Alencar, não era comum que as mulheres assumissem tais papéis, ainda mais como redatoras. Embora teologicamente se afirme que o Espírito Santo age de igual forma em homens e mulheres na Igreja cristã, o que é verdade, contudo, estruturalmente a prática é outra nas Igrejas. Na realidade histórica das Assembleias de Deus, as primeiras décadas de sua existência foram as mais férteis para o gênero feminino.

¹⁰⁷ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 116.

No entanto, o homem sempre possuiu a prioridade quando o assunto é rito sagrado, “a mulher, além da proibição que sobre ela recai, de participar dos rituais sagrados, fica relegada ao profano, por participar – espontânea ou obrigatoriamente – apenas do aspecto rotineiro da vida.”.¹⁰⁸ Isto não é acidental, mas há uma intencionalidade, limitando sua participação para ““o bem-estar-social” e o “bom” funcionamento das estruturas sociais.”.¹⁰⁹

Foi a história oficial que silenciou Frida, porque há inúmeros registros de sua participação missionária de enorme relevância para as Igrejas Assembleias de Deus. Hinos, poesias, artigos, enfim, foi esta sua capacidade de exercer diversas atividades teóricas que abriu o caminho para que outras mulheres assembleianas exercessem semelhante papel.

Frida foi além, seu esposo, Gunna Vingren possuía uma saúde frágil, Frida em inúmeras situações assumiu a liderança dos trabalhos destinados a ele e a outros homens. Em seu diário, Vingren, segundo Alencar, registrou as seguintes palavras, “durante a minha enfermidade, a minha esposa, junto com os obreiros da Igreja, tem assumido a responsabilidade pela obra.”.¹¹⁰ Também na revista O Semeador, há semelhante testemunho, dizendo que, “a irmã Frida tomou a frente dos cultos ao ar livre”.¹¹¹

A questão aqui não é a ausência de líderes homens, esta percepção só aumentaria o absurdo do silêncio destinado a Frida, a verdade é que ela sempre foi uma figura de destaque em meio aos homens do seu tempo que participavam dos trabalhos da Igreja Assembleia de Deus do Brasil.

Nos Estados Unidos, segundo Alencar, era comum a presença de pastoras missionárias, mas no Brasil elas não eram reconhecidas oficialmente. “Porém, em 1925, na AD [Assembleia de Deus] do Rio de Janeiro, no primeiro ano de exercício do ministério, Vingren consagrada uma mulher ao diaconato, Emília Costa.”.¹¹²

O que poderia se tornar um padrão, tornou-se uma decepção, pois na Convenção de 1930 essa conduta foi condenada. Somando-se a isso, há registros de discordâncias entre as missionárias suecas, a saber, solteiras, no Ceará na década

¹⁰⁸ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 118.

¹⁰⁹ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 119.

¹¹⁰ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 119.

¹¹¹ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 119.

¹¹² ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 119.

de 1920, com o missionário Bruno Skolimowski. Havia discordâncias que remetiam ao papel das mulheres na Igreja, ou seja, havia uma rusga também entre os próprios conterrâneos suecos. “Além de Frida, Adina Nelson (1889-1978) também se destacou como pregadora. Essa dificuldade de se lidar com o ministério feminino não é um “problema de nordestinos”, exclusivamente, mas também dos suecos na Suécia”.¹¹³

Neste aspecto, por causa de Frida, as mulheres assembleianas do seu tempo, estavam cada vez mais participantes daquele cenário religioso, contudo, sempre observadas como um problema, havia um forte preconceito, por observar que elas estavam se destacando em funções que deveriam ser atribuídas aos homens, por exemplo, “a produção musical das mulheres, pela influência de Frida, aumentava consideravelmente. E não custa lembrar: isso ocorria numa época em que as mulheres ainda não votavam, não podiam exercer cargos ou empregos públicos.”¹¹⁴

Ressalta-se neste caso, que já havia tentativas de silenciar Frida, pois os líderes nordestinos e, até mesmo o amigo de Gunna Vingren, seu conterrâneo, Samuel Nystron, “o mais ferrenho inimigo de mulheres no ministério”¹¹⁵, procuravam fazê-lo constantemente. Boicote, traição, preconceito, e muitos outros substantivos com este mesmo sentido, podem ser aplicados aos homens que desejavam desqualificar as ações de Frida no Brasil, à exceção a este tratamento covarde desferido a ela, foi o seu próprio esposo, Gunna Vingren que se sentiu muito abalado e amargurado pelo o que ocorria com sua esposa, pela tática de desmoralização que ficou conhecida como o “etos sueco-nordestino”.

Frida Vingren não contava com a característica fundamental das Ad's, que Freston (1993) denominou de “etos sueco-nordestino”. A mistura desses dois tipos de machismo a destruiu. Frida era muito independente para sua época, pois em 1917 viajava sozinha e tinha profissão definida. Numa reportagem do EH (1917, nº 22), com título “Nova Força de Trabalho para o Brasil”, lê-se o seguinte: “A nossa irmã tem frequentado um curso de oito semanas no Seminário Bíblico Sueco, um curso de dois anos no hospital de Vänersborg, e um curso de três meses na Maternidade de Estocolmo”. E mais: “a sua tarefa será primeiramente servir como “*bibelkvinna*”. Literalmente, no sueco, *bibel* é bíblia, e *kvinna* é mulher, portanto, ela foi enviada como “professora de bíblia”. Em cem anos de história, foi a única comentarista mulher das Lições Bíblicas da EBD, em 1923.”¹¹⁶

¹¹³ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 120.

¹¹⁴ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 120.

¹¹⁵ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 120.

¹¹⁶ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 121.

Alencar registra que o filho de Frida, Ivar, à época missionário na Argentina, concedeu uma entrevista que foi transcrita por Isael Araujo em seu livro: “100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil”, em que o missionário disse o seguinte a respeito de sua mãe:

tinha o dom de ensinar e pregar como ninguém, e por essa causa sofreu muita perseguição”. Dom de *pregar e ensinar*? Esse tipo de “dom”, ainda hoje não é aceito como sendo função feminina, pois *esse dom é masculino*. Nesse caso, parece, o Espírito Santo lhe deu o dom errado.¹¹⁷

Frida era uma mulher extraordinária para o seu tempo, fosse para o seu contexto histórico-cultural em sua terra natal, a Suécia, fosse em suas atividades missionárias no Brasil, que envolviam inúmeras outras funções, tudo por um único objetivo, o anúncio do Reino de Deus. Porém, qual mulher conseguiria nas primeiras décadas do século XX se destacar na sociedade brasileira, ainda mais no contexto religioso apresentado, ou seja, dentro do modelo patriarcal “sueco-nordestino”?

Evidente que Frida foi derrotada, praticamente convidada a se retirar do Brasil e retornar à sua terra natal, e o retorno à Suécia foi o suficiente para acabar com o seu ministério e eliminar sua vida. Há uma suspeita, de que Frida poderia ter morrido, só, exilada e enterrada como indigente.

Isso que Isael Araújo diz como “hipótese” não comprovada é assegurada pela documentação que Kajsa Norel (2011) apresenta em seu trabalho. Ela é a grande heroína não reconhecida da história, pois esta igreja – como quase todas – tem uma historiografia que dá visibilidade apenas aos homens. Sob esta perspectiva, cabe citar o excepcional título que Laura Sá Aragão (2004) deu a seu trabalho: “Chamadas por Deus, ignoradas por homens”. No mundo religioso, mesmo quando uma mulher se destaca, ela não pode ser “maior” que seu marido, ainda que na prática o seja, seu cargo “precisa” ser inferior ao dele.¹¹⁸

A covardia, o silêncio imposto historicamente à Frida, mesmo com sua enorme contribuição missionária para as Igrejas Assembleias de Deus no Brasil é tão hercúlea, que só em 2004, um assembleiano, Silas Daniel, publicou uma obra em que, além de expor as cartas ácidas entre Gunnar Vingren e Samuel Nystron, deu destaque em seu livro também a Frida.

Em 2007, foi a vez de Isael de Araújo resgatar e corrigir a mancha histórica provocada pelos “suecos-nordestinos” da Igreja Assembleia de Deus em relação à

¹¹⁷ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 121.

¹¹⁸ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 123.

importância de Frida para a história desta Igreja no Brasil. Infelizmente, hoje a conhecida misoginia perdura até os dias atuais na denominação.

Isael Araújo escreve assim no Dicionário do Movimento Pentecostal:

É provável que a presença de irmã Frida na reunião convencional de 1930 estivesse ligada principalmente ao destino dos jornais Boa Semente e Som Alegre. Com o apoio do marido, era ela quem, na prática, dirigia o Som Alegre, portanto, uma interessada direta na decisão (...). Mesmo aqueles que criticavam sua forte presença no jornal (seu marido a incentivava não por nepotismo, mas por Frida ser notoriamente talentosa) eram unânimes em reconhecer que ela era vocacionada para aquele trabalho, e uma das mais bem preparadas evangélicas que já pisaram em solo brasileiro (Daniel, 2004: 34).¹¹⁹

E continua Alencar citando Isael Araújo:

Substituiu o marido na direção dos cultos quando ele se ausentava (...). Era enérgica em tudo, tendo desprendimento para compreender e resolver todas as situações, num só momento. Isso contribuiu, diversas vezes, para que ela tomasse atitudes que desagravam a muitos (...). Um dado sobre o fim da vida de Frida, na Suécia, ainda não devidamente comprovado, é que ela teria morrido só, asilada, desconhecida, sendo enterrada com indigente. (Araújo 2007: 904-6).¹²⁰

Frida Maria Strandberg Vingren foi tornada invisível pelo ambiente patriarcal do seu tempo, segundo o padrão cultural nordestino daqueles dias, o que hoje pode ser compreendido por misoginia. O homem, segundo os registros históricos apresentados, que sempre esteve ao seu lado, enfrentando todo o preconceito contra as mulheres, simbolizado na figura histórica de Frida, foi seu esposo, o fundador da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, Daniel Berg.

A Igreja que nasce em Jerusalém, conforme o livro de Atos dos Apóstolos, como assim consideram os pentecostais, é uma unidade na diversidade, na pluralidade de ideias, comuns a qualquer grupo humano que deseja conviver em harmonia, esta é resultado das diferenças expressas por homens e mulheres que compõem a unidade, posteriormente chamada de Igreja cristã. É na força do Espírito Santo, derramado sobre aqueles homens e aquelas mulheres, que nasce a Igreja.

O problema do patriarcalismo nordestino dentro da fé pentecostal também contou com a negativa contribuição do amigo de Gunna Vingren, possivelmente próximo de Frida, Samuel Nystron. Ele boicotava constantemente as atividades, principalmente no jornal, de Frida, pois desenvolvia os seus textos melhores do que

¹¹⁹ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 123.

¹²⁰ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 124.

os dele. Portanto, o machismo dos líderes nordestinos se uniu ao reacionarismo sueco.

A correção histórica, quanto aos trabalhos missionários para a fundação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, o que dificilmente ocorrerá, seria a inclusão do nome de Frida Maria Strandberg Vingren ao lado do seu esposo, Daniel Vingren na fundação desta Igreja. Certamente que sem Frida não existiria a Igreja Assembleia de Deus em sua forma primeira, em sua germinação em solo brasileiro na cidade de Belém do Pará.

Frida foi silenciada com crueldade, relegando-a a um papel secundário em sua missão ao lado do seu esposo Gunna Vingren, o silêncio histórico da denominação que ajudou a fundar, a colocou numa posição irrelevante dentro do cenário da fundação da Igreja. Nem após a sua morte, Frida recebeu as homenagens póstumas que devidamente merecia, portanto, ainda se aguarda este necessário e urgente reconhecimento de sua pessoa ao patrimônio histórico da Igreja Assembleia de Deus no Brasil.

Enquanto Frida não for reconhecida, ela permanecerá silenciada na história das missões protestantes no Brasil e na origem da Igreja Assembleia de Deus. Assim, sem este reparo histórico necessário, o seu silêncio simboliza ainda a desvalorização da mulher pentecostal brasileira, principalmente dentro das Igrejas Assembleias de Deus.

No próximo capítulo, que encerra esta pesquisa, serão apresentadas algumas características dessas mulheres de valor em meio ao desenvolvimento e crescimento do pentecostalismo no Brasil, fosse no ensino religioso, na produção de hinos, na administração das igrejas locais, na ação social e, principalmente nos círculos de oração, a maior marca da mulher pentecostal no Brasil, as denominações estariam certamente enfraquecidas no cenário religioso pentecostal brasileiro sem essas contribuições.

4 Espiritualidade feminina como lugar de resistência

A espiritualidade como lugar de resistência convoca a uma dupla discussão, a primeira que reflete o infeliz divórcio entre teologia e espiritualidade e a segunda que está nas pretensões desta pesquisa, a espiritualidade feminina como “locus” de resistência. Neste aspecto, “*locus* é o lugar original e originante do discurso teológico. Significa dizer que *locus* é o lugar/ o ponto de onde partimos para falarmos da fé.”.¹²¹

Neste aspecto, há um “locus” da mulher, do feminino, que se reflete na resistência delas ao longo da História do Cristianismo, contudo, sempre lembradas como coadjuvantes, em que suas memórias, até o presente momento, só foram registradas como “notas de rodapé”. A força da mulher cristã ontem e hoje é a espiritualidade que aqui se afirma casada com a teologia. Pois, “a teologia é própria da casta dos teólogos e a espiritualidade é coisa de gente leiga – de uma casta menos favorecida do ponto de vista intelectual.”.¹²²

O divórcio entre teologia e espiritualidade trouxe sérios problemas à fé cristã, a espiritualidade se tornou esotérica dentro do cristianismo. “Diante de tal prática não um sujeito – o próprio Cristo – que convoca à vivência da fé, mas um objeto – uma energia ou coisa parecida – a ser manipulado.”.¹²³

Toda teologia que não é espiritual se degenera em exercício especulativo, abrindo espaço para novas metodologias sobre o objeto da fé, que se divide entre o texto bíblico e a vida na comunidade de fé e, que pode até distorcer a compreensão que se tem sobre Deus. Este divórcio gera a percepção de que “a teologia deve ser fiel, exclusivamente, à prática acadêmica, excluindo toda demanda comunitária (eclesial) como se ela fosse a expressão de uma fé ignorante que, no máximo, deve ser tolerada, mas nunca considerada como efetivamente relevante para o labor teológico.”.¹²⁴

A espiritualidade quando afastada da teologia cristã, perde a densidade característica dela, transformando-a em esoterismos, ou seja, em fórmulas que jamais estão acessíveis aos leigos, no caso do cristianismo a verdade que é Jesus Cristo fica acessível tão somente aos “especialistas” da fé, os teólogos e teólogas.

¹²¹ ROCHA, A. Teologia sistemática no horizonte pós-moderno, p. 175.

¹²² ROCHA, A. Pequenas doses de espiritualidade e teologia, p. 08.

¹²³ ROCHA, A. Pequenas doses de espiritualidade e teologia, p. 08.

¹²⁴ ROCHA, A. Pequenas doses de espiritualidade e teologia, p. 08.

“É a teologia quem pode contribuir com a espiritualidade no sentido de aclarar cada vez mais conteúdos inalienáveis à sua prática.”.¹²⁵

No entanto, a contribuição da teologia deixa de ser válida quando se mantém afastada da prática espiritual, fica sem sabor, ou seja, está ausente o elemento da relevância para o humano em sua jornada existencial. O que vale o rigor teológico, “se nele não puder ser percebido um veio de vitalidade capaz de animar, corrigir, interpelar a comunidade de homens e mulheres que se encontram na igreja, quanto fora dela.”.¹²⁶

Toda teologia cristã, que só pode surgir da Palavra de Deus, tendo como ponto de partida, Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus, deve se relacionar com a vida comunitária e,

estabelecer a relação entre o amor, santidade e justiça de Deus com a dignidade do humano como morada do Espírito; propor um caminho teológico para o discernimento espiritual; apontar a teologia da encarnação como critério fundamental para a vida cristã e para reflexão teológica; perceber o Espírito Santo como força e consolo e incentivador da experiência de redenção em suas múltiplas dimensões; reconhecer a Igreja como rico espaço para a maturação da teologia da espiritualidade.¹²⁷

Estes últimos aspectos, mencionados na citação acima, são plenamente encontrados na vida de Frida Vingren, embora ela fosse a “invisível” mulher do fundador da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Foi certamente o Espírito Santo quem lhe deu força e muito consolo para enfrentar as investidas que foram lançadas sobre ela. Perseguição que foi planejada pelos próprios homens da denominação recém-criada.

Frida Vingren procurou trazer a experiência da redenção para a comunidade de fé no Brasil, em especial para as mulheres assembleianas, fazendo-as maduras na fé a partir do exercício da espiritualidade, mas sem abandonar toda criação teológica que elas poderiam produzir para a propagação do Evangelho de Cristo no Brasil.

Neste aspecto, compreendendo que as mulheres precisam também romper barreiras para sua afirmação na sociedade, portanto, também avançar no campo religioso, é preciso desobedecer à ordem patriarcal. Segundo Ivone Gebara, a respeito desse verbo “desobedecer” e sua relação com a luta feminina atualmente:

¹²⁵ ROCHA, A. Pequenas doses de espiritualidade e teologia, p. 09.

¹²⁶ ROCHA, A. Pequenas doses de espiritualidade e teologia, p. 09.

¹²⁷ ROCHA, A. Pequenas doses de espiritualidade e teologia, p. 10.

Desobedecer talvez seja um dos verbos que mais caracterizam o movimento feminista. As feministas são, com frequência, acusadas de desobediência, e elas mesmas se afirmam como desobedientes a uma ordem imposta que exclui e exclui a maioria das mulheres de direitos básicos. Desobedecer é infringir ordens dadas, costumes, tradições, leis que se pretendem reguladoras de comportamentos e guardiãs da convivência comum. Em muitos processos educacionais patriarcais, as palavras que se colocam contrariamente a esse sistema – como é o caso de – *desobediência/desobediente* – são quase sinônimo e infração a regras de convivência social e, por isso, merecedoras de correção e até de punição. Da mesma forma, para as religiões monoteístas, as desobediências às leis divinas são controladas por um processo de acusação, confissão e penitência.¹²⁸

Embora Ivone Gebara tenha sua fala envolvida diretamente com as dificuldades das mulheres religiosas deste tempo, suas críticas não ficam restritas ao campo religioso. A leitura feminista de Gebara alcança todos os grupos feministas em suas causas, devido ao alcance dos seus textos.

A história da religião cristã, mas também a secular, é uma afirmação das imposições dos homens no controle da sociedade. Na religião ou fora dela, o conhecido patriarcalismo é o que estrutura a vida das sociedades, principalmente no Ocidente.

Neste aspecto, qualquer crítica feita por elas às imposições patriarcais, soa como desobediência. Por isso, a compreensão que em nada é absurda, quando afirma-se que toda mulher, em algum momento de sua história de vida, corre o risco de ser rotulada de desobediente, e por isso, receber as “punições”; sempre criadas e aplicadas pelos patriarcas no poder, sejam nos casos das leis que regem a sociedade, como as criminais, sejam nas inúmeras leis religiosas, a começar pela Torah dos judeus que rege, infelizmente, neste e em outros aspectos, a vida da Igreja cristã.

Gebara informa que o verbo obedecer em sua etimologia está diretamente ligado ao verbo ouvir, porém, ouvir com seriedade não é um ouvir qualquer, desatencioso, mas que envolve cumplicidade, cuidado, com o outro e a outra. Uma ação que envolve o dever de toda a sociedade, principalmente a Igreja. O ato de ouvir deve ser realizado com seriedade, a fim de produzir ações práticas para o bem-estar comum. No entanto, Gebara amplia seu raciocínio, apontando que,

a realidade percebida, ouvida e não acatada se torna primeiro desobediência dos privilegiados, dos que não ouvem com atenção a realidade da vida, dos que fecham seus ouvidos aos clamores de necessitados e necessitadas e lhes impõe fardos pesados. Então, se dá a rebelião de injustiçados e injustiçadas à ordem desordenada imposta.¹²⁹

¹²⁸ DINIZ, D; GEBARA, I. Esperança feminista, p. 268.

¹²⁹ DINIZ, D; GEBARA, I. Esperança feminista, p. 269.

Como dito acima, Gebara em seu feminismo traz à tona uma plena compreensão da realidade à sua volta, o que inclui as muitas injustiças sociais que se apresentam como escândalo nesses tempos. A desobediência, portanto, também entra no campo dos estudos das Ciências Sociais. Gebara nos traz à reflexão que os privilegiados desobedecem aos gritos dos pobres que estão ao seu redor, próximos a eles. Há, portanto, uma rebeldia dos privilegiados, que ouvem os gritos dos sofridos, mas se mantém “surdos” no momento da ação e, isso se estende também ao campo religioso, aos muitos privilegiados que congregam nas Igrejas Católicas e Evangélicas. A crítica de Gebara parte da condição da mulher na sociedade brasileira e mundial, porém, é ampliada e chega aos grupos sociais mais vulneráveis. “O interessante na linha da compreensão desse verbo pelo feminismo é que, na realidade, ele nos leva a perceber que a obediência a uma ordem estabelecida e afirmada como legalidade pode ser obediência a uma ordem má ou injusta.”¹³⁰

A concepção de Gebara é que a desobediência a estes sistemas patriarcais que dominam a sociedade é salutar, tanto ao movimento feminista, como para outros grupos humanos que sofrem com este mesmo tipo de padrão imposto de comportamento social, o que inclui elementos que extrapolam as questões de gênero ou que trazem à reflexão que tais discussões estão sempre imbricadas. Isto é, por exemplo, tratar de feminismo sem perceber os danos econômicos que são impostos as mulheres, em que há casos conhecidos em que elas exercem as mesmas funções ou superiores aos homens na sociedade, mas suas remunerações são menores. Gebara propõe a morte da ordem patriarcal para que outras surjam certamente mais justas às mulheres e a outras minorias sociais:

nossa cultura e, nela, algumas religiões nos fizeram acreditar que um dia a história humana será de reconciliação total entre homens e mulheres, entre os grupos humanos mais diversos e todos os habitantes do planeta. Apesar de nossa aposta pela melhora de nossas relações, não é salutar desenvolver uma espécie de romantismo de final feliz sobre nossa própria condição. Por isso, setores feministas têm buscado outra forma de obediência, a ser vivida como educação contínua e prática. A obediência provisória e renovável como amor à vida, à humanidade, ao planeta. A criatividade e reinterpretação de tradições culturais, religiosas e políticas. Uma nova obediência se torna necessária, e ela não é espontânea, exige processos pedagógicos aplicáveis a cada uma de nós individual e coletivamente para que algo possa ser mudado.¹³¹

¹³⁰ DINIZ, D; GEBARA, I. Esperança feminista, p. 269.

¹³¹ DINIZ, D; GEBARA, I. Esperança feminista, p. 275.

O hiato temporal entre Frida e Gebara é considerável, no entanto, é perceptível que em Frida havia uma desobediência, do tipo da exposta acima por Ivone Gebara. A mulher não nasce desobediente, apenas se torna quando consciente dos sistemas patriarcas que coordenam todo o seu papel na vida social. Na Igreja não seria diferente.

No próximo subtema a “desobediência”, a “rebeldia” de Frida ficará evidente, mas não de uma mulher com os moldes revolucionários encontrados hoje em grupos feministas, mas de uma mulher, exemplo de vida cristã que, percebeu as imposições dos homens do seu tempo e, à sua maneira, na força de sua escrita, da sabedoria feminina, desobedeceu e criticou duramente o modelo religioso patriarcal do seu tempo.

4.1. A espiritualidade integradora de Frida Vingren: importantes recomendações às mulheres assembleianas

No subtema anterior, o último do segundo capítulo, observou-se que Frida foi uma mulher de fibra, que não mediu esforços para trabalhar em prol do anúncio do Reino de Deus no Brasil, embora, como mulher sofria os preconceitos históricos comuns a esse gênero.

As mulheres sempre foram importantes na vida oficial da Igreja e em muitas organizações voluntárias, como, por exemplo, as sociedades missionárias. Entretanto, o papel por elas desempenhado tem sido *secundário*. Os homens vêm ocupando as posições de liderança e em certas organizações apenas eles têm permissão de assumir cargos administrativos e também de pregar. Isso se deve ao sistema patriarcal que impregnou a Igreja até agora.¹³²

Este quadro apresentado acima, sobre a importância do papel da mulher na Igreja cristã, e o seu valor não reconhecido adequadamente, é um retrato da vida de Frida Vigren e de outras irmãs e pastoras que foram fundamentais à divulgação do Evangelho no Brasil. A verdade é que antes de Frida as irmãs assembleianas acreditavam que o seu papel na Igreja Assembleia de Deus e porque não dentro do cristianismo, era apenas secundário, posto num segundo plano, portanto, de pouquíssima relevância.

A predominância masculina persiste não só nas Igrejas Assembleias de Deus, mas em todas as outras denominações protestantes históricas em suas primeiras atuações dentro do contexto missionário brasileiro, como os metodistas,

¹³² GAARDER, J. Et al. O Livro das Religiões, 2005.

presbiterianos e batistas. Ou seja, este lamentável comportamento da liderança masculina, em que torna invisível ou irrelevante o papel das mulheres nas Igrejas cristãs, filhas do protestantismo, não é uma exclusividade da Igreja Assembleia de Deus.

A Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil em 1930, realizada no Rio Grande do Norte, que apresentou 04 temáticas para discussão, em que o quarto ponto era o centro do debate, “Atuação das mulheres na igreja”, foi convocada pela liderança masculina nordestina, unidos aos missionários suecos que atuavam na liderança da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Como já foi apresentado mais acima, este encontro ocorreu tão só por ocasião das atuações missionárias de Frida em Belém do Pará na Igreja fundada por seu esposo.

Poderia se imaginar que o silêncio imposto às mulheres assembleianas, simbolizadas numa única mulher, Frida Vingren, fosse fazer com que esta mulher de fibra encerrasse suas atividades definitivamente no Brasil. No entanto, ainda assim, Frida permaneceu firme em suas posições, embora forçada a se distanciar por seus algozes dentro da Assembleia de Deus do seu tempo.

Frida em momento algum aceitou o silêncio imposto na Convenção Nacional de 1930, talvez seja até mesmo por isso que o seu nome seja tão pouco mencionado pelos líderes da denominação. Ao não aceitar o silêncio dos homens que lideravam as Assembleias de Deus em âmbito nacional naquele tempo, Frida certamente foi interpretada como uma mulher “rebelde”, quando na verdade foi uma mulher “revolucionária” e de “vanguarda”, que simboliza ainda hoje a luta das mulheres pentecostais para assumir o seu papel de direito dentro das atividades voltadas para uma comunidade religiosa.

Portanto, mulheres não condicionadas pela imposição cultural misógina que reina dentro e fora das igrejas pentecostais brasileiras, ou seja, não só no espaço restrito a atuação das Igrejas Assembleia de Deus no Brasil.

Como redatora do jornal oficial da denominação, ela tem poder e o usa. Com uma argumentação genial em um texto arrasador, Frida declara guerra; não foi, portanto, sem motivo, que seu filho diz ter sido ela “muito perseguida”. No MP (Ano I, Nº 3, 1/02/1931, cinco meses após a convenção), na página 3, há um texto de sua autoria com o singular título “*Deus mobilizando suas tropas*”. Seu primeiro parágrafo diz o seguinte: Mobilização é um movimento pertencente às guerras. É o acto de preparação das tropas para lucta. Vivemos em tempos de apreensões, guerras e

revoluções (...). Quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para a mobilização. (mantida a grafia da época).¹³³

Este texto é claro, está diretamente convocando as mulheres, as assembleianas, alertando-as a não aceitarem as determinações, o silêncio imposto na Convenção Nacional de 1930. Foi um recado as lideranças masculinas, dirigentes da denominação, mensagem amplamente divulgada, já que publicado no jornal da denominação que Frida atuava como redatora.

Os dirigentes da Igreja Assembleia de Deus no Brasil desejaram utilizar Frida como exemplo negativo, “cabra expiatória”, e com isso enviar o seu recado para qualquer outra assembleiana que desejasse imitar Frida Vingren, contudo, o que lhe foi imposto, foi o silêncio da fala, mas não o da escrita.

Até mesmo porque, no jornal em que ela era redatora, não havia homens capacitados para exercer sua função, ou seja, os “irmãos capacitados” para este serviço na verdade eram “irmãos incapazes” de exercer o mesmo ofício que Frida, entre eles, trabalhando junto com ela no jornal, estava o seu algoz conterrâneo, lado a lado na redação, Samuel Nystron.

Os argumentos de Frida eram difíceis de refutar, ela se destacava intelectualmente nos textos que produzia, além das outras funções já mencionadas que exercia, tendo sempre como meta o anúncio do Reino de Deus. Portanto, os seus textos no jornal são verdadeiras pérolas em que convoca as mulheres assembleianas a se unirem, mais ainda, a compreenderem o seu verdadeiro valor e suas reais responsabilidades de atuação para a missão de divulgação do Reino de Deus.

Despertemo-nos, para atender ao chamado do Rei, alistando-nos nas Suas fileiras. As *irmãs* das “assembleias de Deus” que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se de que podem fazer *mais* do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também *quando chamadas pelo Espírito Santo* sahir e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, país pequeno com cerca de sete milhões de habitantes, existe *um grande número* de irmãs trabalhando *exclusivamente* no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o Pastor Lewi Pethus falar deste assunto, sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer: Creio que não. Será falta de coragem? (...) As irmãs, convém buscarem santificação e consagração, para que o Senhor possa dirigir e abençoar. Não há tempo a perder. Jesus vem em

¹³³ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 128.

breve. O Senhor diz: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Diremos nós: “Eis-me aqui, envia-me a mim”. (mantida a grafia da época: grifos no original).¹³⁴

Como se percebe, Frida tinha um pleno conhecimento do que o Espírito Santo poderia fazer com as mulheres, sua consciência teológica que este poder foi derramado também sobre elas em Pentecostes. Portanto, Frida tinha plena consciência de que este Espírito é quem capacitada homens e mulheres em suas missões pelo mundo, sem distinção de tarefas.

Ao tentarem impor o silêncio à Frida Vigren, provocaram reações certamente que não imaginavam, pois a consideravam como outras tantas mulheres do seu tempo, inclusive as suas, destinadas culturalmente ao serviço doméstico e ao silêncio imposto por seus maridos em seus lares, como se vê ainda hoje em muitas denominações que reduzem o papel das mulheres nas Igrejas e na sociedade.

Frida foi além, quem imaginaria que por trás daquela mulher, naqueles dias, estaria o “sexo frágil”, mas que não foge à luta. Ela já convocava todas as assembleianas a ir além do serviço doméstico, a ocuparem os campos que já estavam verdes para colheita. Frida desejava trazer ao Brasil a mesma atitude que as mulheres cristãs tinham na Suécia, por lá elas já pregavam, e não somente nas congregações, mas também em muitas conferências, conforme informa Alencar (2013).

A revolução feminina da mulher pentecostal, segundo as ações de Frida, estava sustentada no temor a Deus. Ela “convocava” as assembleianas, o grupo específico a que se dirigia os seus textos, a buscarem constantemente a santificação e a consagração, ou seja, fossem em grupo ou sozinhas em seus lares, não deveriam se abster desta vida espiritual, deveriam estar em pleno contato com Deus em oração, para que o Espírito Santo pudesse confirmar em suas vidas o caminho missionário a ser traçado.

Ela tinha razão, desde o início das missões evangélicas modernas há uma presença feminina significativa. “Estamos suprindo nossos postos com mulheres, durante toda a fase inicial de suas histórias, a missão de Tylor buscava mulheres solteiras e casadas para todas as tarefas missionárias, até mesmo pregar e ensinar.”¹³⁵

É notável que ainda hoje permaneça, não só nas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil, mas em inúmeras outras denominações protestantes, Pentecostais e

¹³⁴ VINGREN, Frida. Mensageiro da paz. Ano I, nº 3, 01/02/1931 citado por ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 129.

¹³⁵ Kraft & Crossman, 2009, p. 372, citados por Alencar, 2013, p. 129.

Tradicionais, o impedimento por parte das lideranças, sempre masculinas, para que as mulheres não sejam ordenadas em suas denominações e, por consequência, nas Igrejas locais. O problema não é o desconhecimento teológico de um texto tão claro, em que a efusão do Espírito Santo foi um evento de fé, fenomenológico, que as alcançou naquele mesmo instante junto aos homens em Pentecostes.

A questão se revela como puro preconceito e o desejo de domínio sobre as mulheres cristãs. A justificativa ocorre por meio de uma hermenêutica não reconhecida em muitos ambientes acadêmicos, sobre alguns textos do Novo Testamento. Não podendo encontrar justificativas hermenêutico-exegéticas plausíveis em Jesus de Nazaré, no seu trato com as mulheres, caminham em direção à contramão da evolução histórica do Cristianismo. Preferem olhar para trás, justificando o silêncio imposto ao papel da mulher na sociedade e na Igreja cristã moderna sustentado pelos textos da Bíblia Hebraica, apossando-se do costume dos judeus e sua percepção de fé, como modelo para o trato das mulheres, ao menos no que representa o domínio da religião judaico-cristã no Brasil.

Frida, como se pode observar em seu texto reproduzido acima, foi audaciosa, mas o fez sagazmente, à maneira daquelas mulheres sofridas que estão na genealogia de Jesus de Nazaré na abertura do Evangelho de Mateus. À maneira de uma Tamar, de uma Betsabéia, a “mulher de Urias”, elas que aceitaram num primeiro momento de suas histórias de vida, o silêncio cultural imposto, mas reagiram e transformaram às suas histórias com fé, crendo na justiça de Deus.

Frida, portanto, não poderia criar um estado de rebeldia entre as assembleianas com seus maridos, suas famílias e a liderança misógina do seu tempo. Certamente ela iria perder e sofrer mais as reprimendas daquela gente, além de colocar as mulheres assembleianas em grande risco naquele tipo de sociedade, pois o preconceito religioso das lideranças da Assembleia de Deus daquele tempo, reproduzia o retrato daquele contexto social do Norte e do Nordeste brasileiro.

O feminismo de Frida era de conotação teológica, espiritual, e não de uma luta sociopolítica. As mulheres brasileiras ainda não podiam votar e nem ocupar cargos públicos naqueles dias, portanto, o preconceito, a misoginia, hoje entende-se assim, encontrados no pentecostalismo brasileiro daquele momento histórica, foi uma imposição cultural dos homens que se infiltrou na Igreja Assembleia de Deus e em outros ramos do Pentecostalismo Brasileiro.

Quando Frida diz que as assembleianas podem “mais”, não tem em vista uma revolução sociopolítica, tal perspectiva seria impossível naquele contexto histórico brasileiro, mas que elas poderiam ir mais além da restrição do trabalho doméstico, atuando eficazmente no trabalho dentro das Igrejas Assembleias de Deus, e em constante oração, assumindo os mesmos cargos eclesiásticos dados aos homens da denominação.

O texto de Frida leva também uma mensagem direta aos homens suecos, que assim como ela atuavam como missionários no Brasil, o recado é claramente dirigido para o seu algoz no Brasil, Samuel Nystron e a todos os suecos que faziam coro junto a ela. Havia entre eles uma clara rejeição ao que determinava a principal liderança protestante pentecostal da Suécia, o Pr. Lewis Pethrus, que permitia mulheres trabalhando ativamente, isto é, em todas as ocupações possíveis dentro do organismo eclesiástico, mas no Brasil elas eram boicotadas por seus conterrâneos.

A Convenção Nacional das Assembleias de Deus em 1930 tentou silenciar Frida e todas as outras assembleianas que estivessem dispostas a dar ouvidos a ela e a lutar pelos espaços destinados somente aos homens, mas eles fracassaram. Frida ainda exercia suas funções ao lado do seu esposo e em muitos momentos de forma solitária, assumindo a liderança dos trabalhos missionários, devido a saúde frágil dele. Era preciso então, silenciá-la também no jornal ‘Boa Semente’, no qual cumpria a função de editora com excelência.

Foi no Jornal ‘Boa Semente’ que Frida passou a publicar os seus “protestos”, mesmo jornal onde trabalhava o seu algoz, Samuel Nystron, mas ele não tinha a mesma capacidade intelectual de Frida para exercer a função de editor e nem para elaborar os textos memoráveis que estão marcados na história “marginal” e “oculta” da Igreja Assembleia de Deus.

Isso, evidentemente [causou] muitos problemas para ela, para seu marido, para a igreja local e para as demais igrejas no Brasil, onde o jornal [era] lido – mais uma vez, nada registrado na história oficial, mas registrado em cartas que os missionários trocaram entre si e enviaram do Brasil para Suécia.¹³⁶

Neste sentido, o que se tem de maneira clara e objetiva é uma continuidade do boicote à imagem de Frida Vingren em vida e após sua partida deste mundo.

Pelo que até o momento foi exposto, o único homem que esteve o tempo inteiro ao lado de Frida, não só apoiando, mas também comprando a “guerra” que

¹³⁶ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 131.

foi direcionada a ela por seus algozes contrerrôneos na liderança da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, foi seu esposo.

Gunnar Vingren tinha saúde frágil desde sua adolescência, os ataques desferidos a sua esposa pioraram significativamente sua saúde, Vingren se esgotava a cada vez que tomava a luta de sua esposa como sua. Um breve exemplo de como Gunna Vingren estava em constante batalha junto à sua esposa, defendendo-a, pode ser comprovado na publicação que fez no jornal.

Ele escreve um texto com o singelo título “O Pastor” (MP, ano I, nº 4, 15/02/1931). Assunto: delimitações da vocação, disciplinamento do comportamento pastoral, diretrizes da condução da Igreja, dizendo que alguns têm o “título, mas não tem o dom”. Vejamos o que os pastores leram em 1931: Muitos pensam que é a consagração quem faz o pastor. É um erro – esta é unicamente uma confirmação de Deus, e um auxílio, diante da lei social, poder exercer as funções de um ministro do evangelho (...). É preferível, então, ter a realidade sem os títulos. O verdadeiro pastor nunca é “dirigente” em absoluto. Ele tem o Espírito Santo como dirigente, e não como ‘auxiliar’ [mantida a grafia original].¹³⁷

Estas e outras publicações realizadas por Gunna Vingren pioravam sua debilitada saúde. Fica quase evidente que os seus textos foram direcionados àqueles que questionavam e procuravam silenciar sua esposa. Dentre eles, inegavelmente o seu contrerrôneo Samuel Nystron.

Diante de tantos conflitos e com a saúde cada vez mais abalada, Gunna Vingren e sua esposa Frida Vingren, retornam para Suécia em 15 de agosto de 1932. Aquele que um dia foi o amigo mais próximo do casal, Samuel Nystron, mas que se tornou um dos perseguidores de Frida, atingindo também seu esposo, iria assumir os trabalhos da igreja no Rio de Janeiro.

Daniel Berg esteve por cinquenta e dois anos no Brasil, Gunna Vingren esteve por vinte e dois anos e sua esposa Frida Vingren, apenas quinze. Berg jamais assumiu qualquer cargo na igreja, Vingren sempre foi vencido nas propostas que fazia, coube, portanto, a Frida revolucionar teologicamente o contexto machista daqueles dias.

Não deixa de ser extremamente significativo que, na década de 1920, líderes, homens e mulheres reunidos, discutam e, mesmo que como exceção, mantenham a possibilidade das mulheres pastorearem. Questão que vai rondar como fantasma a história desta igreja nos próximos anos. Em 1983 e 2001, ao voltar a ser discutido na convenção, o assunto é rejeitado por unanimidade – numa reunião exclusiva de homens.¹³⁸

¹³⁷ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 132.

¹³⁸ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 134.

Na Convenção Geral de 1983 das Igrejas Assembleias de Deus, mais uma vez, a temática da ordenação de mulheres foi posta em discussão e por unanimidade foi rejeitada. Em 2001, na Convenção Geral em Brasília, o tema foi, mais uma vez, trazido à baila, sem surpresas, mais uma vez, a esmagadora maioria rejeitou a ordenação de mulheres dentro das Igrejas Assembleias de Deus. Como dado histórico, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, no ano de 1984, produziu um documento em que justificava o porquê da não ordenação de mulheres ao cargo pastoral.

Essa “maioria esmagadora” é contrária à oficialização do ministério feminino, conquanto as mulheres o continuem exercendo oficiosamente. Oficialmente marginais, na prática a igreja é mantida por elas, que são presença majoritária, pois enquanto há 5.586.520 homens assembleianos, existem 6.727.891 mulheres assembleianas – mais de um milhão de mulheres a mais. Conquanto no Brasil isso não seja uma especificidade feminina das ADs, pois, com exceção do Islamismo, Judaísmo e dos sem religião, todas as manifestações religiosas no Brasil têm maior membresia feminina. [...] Frida Vingren “tomou a frente”. De fato tomou, pois as lideranças assembleianas brasileiras e suecas jamais lhe dariam. Mais na “frente”, ela foi esmagada. Nas AD’s atuais diferentemente de décadas atrás, não há nenhuma Frida para *tomar a frente*. E a maioria continua esmagadora.¹³⁹

O fim de vida de Frida Vingren foi terrivelmente triste, não bastasse todo o silêncio que lhe foi imposto em vida e após a sua morte, criaram, ao que tudo indica, um falso testemunho, uma acusação de adultério, o que segundo Alencar, estava marcado na mente dos homens assembleianos que possuíam mais de 70 anos, há época em que ele estava cursando o seu mestrado.

Típica atitude covarde dos homens quando desejam justificar suas falhas, por exemplo, por seus adultérios, ou, no caso de Frida, buscando apagar definitivamente sua enorme importância junto à criação e implementação da Igreja Assembleia de Deus no Brasil.

Esta acusação possui inúmeros problemas, pois em nenhum momento foi mencionada em alguma carta ou outro documento qualquer que a comprove. Se fosse verdade, Frida já teria sido expulsa da igreja sueca e não mais faria parte das missões que empreendeu no Brasil. A verdade mais plausível, é que por ter sido uma mulher à frente do seu tempo, incomodando muito os líderes da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, procurou-se de diversas formas manchar o seu trabalho missionário no Brasil, este último ataque infelizmente foi certo e manchou a história de Frida junto às gerações posteriores que divulgaram e ainda

¹³⁹ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 135.

explanam esta mentira fora e dentro das paredes da Igreja Assembleia de Deus pelo Brasil.

Frida esteve por quinze anos no Brasil e retornando à Suécia, viveu por mais oito anos. Ficou viúva junto aos seus cinco filhos, ao todo teve seis filhos, mas uma menina morreu no Brasil e foi enterrada em Belém do Pará. Saiu do Brasil e retornou à fria Suécia com seus filhos. Tentou retornar às suas atividades na Igreja Filadélfia de sua terra natal, mas lá também foi impedida por aquele que um dia ela tão bem falara a respeito, dando-lhe dignidade por sua abertura ao valor das mulheres pentecostais na obra de Deus, o Pr. Lewis Pethrus.

As palavras de Alencar sobre os últimos dias de Frida são marcantes e revoltantes, quando tomamos conhecimento do que o humano, que se afirma seguidor de Cristo é capaz, ficamos estarecidos (as), o que coloca seriamente em dúvida a “conversão” dessa gente que ainda se encontra na igreja e que nos serve de alerta para que a nossa imitação seja apenas centrada na vida do Cristo e daqueles, assim como Frida, que fizeram das suas vidas como a dele ao longo da História da Igreja.

Depois da morte do marido, o que ela faria na Suécia? Tentou voltar para o Brasil, mas a Igreja Filadélfia não o permitiu; Tentou ir a Portugal, onde ocorreu o mesmo [...]. Por fim, decidiu voltar por conta própria, mas, quando estava na plataforma do trem com as crianças, um grupo da igreja a impediu [...]. Foi levada à delegacia e de lá internada compulsoriamente no *Hospital Psiquiátrico de Konradsberg*, em Estocolmo, no dia 25 de dezembro de 1934. Viveu os próximos seis anos com graves alucinações, vindo a falecer em setembro de 1940. [...] a partir da documentação do hospital, informa sobre alguns distúrbios mentais e alucinações persecutórias que Frida viveu nos últimos dias. Ela oscila em “afirmar” e “negar” as inúmeras acusações que sofreu em vida, inclusive de adultério. Considerando que uma viúva de quem lhe tomaram os filhos, hospitalizada compulsoriamente, abandonada e destituída de seus ministérios, vendo sua vida findando sem nenhuma perspectiva tanto na Suécia como no Brasil, enlouqueça. Era “louca” antes de ser hospitalizada ou se tornou “louca” posteriormente. As ADs elegeram os seus santos, mas falta assumir que têm uma mártir. Feita não por inimigos da igreja, mas por ela própria.¹⁴⁰

Este é o detalhe cruel do fim da vida expressiva de Frida Vingren no serviço missionário, pregando, ensinando, escrevendo e liderando homens e mulheres no Brasil. Por fazer-se uma com Jesus Cristo, porém, por ser uma mulher à frente do seu tempo, realizando uma teologia de vanguarda, liderando as mulheres assembleianas para que fossem “mais”, ou seja, sem abandonar o seu papel

¹⁴⁰ ALENCAR, G. F. Matriz pentecostal brasileira, p. 136.

fundamental junto às suas famílias, mas que ocupassem, todos os espaços dentro da estrutura eclesiástica das Igreja Assembleias de Deus.

Isto seria possível a partir da união delas em consagração, ou seja, em oração, no estudo da palavra, aguardando o chamado do Espírito Santo. Afinal, Frida ensinava que todas as ações na Igreja eram sinal da liderança e atuação do Espírito Santo. Este que foi derramado a homens e mulheres dentro de um mesmo evento, o Pentecostes.

Frida é apresentada como mártir dentro da História do Cristianismo, em particular, dentro da história da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, sofreu preconceito e perseguições em seu tempo de atuação no país, os líderes tentaram silenciá-la, não conseguiram, procuram então abalar sua honra, acusando-a de adúltera.

O perfil dos líderes brasileiros e suecos da Assembleia de Deus, apresentado nesta pesquisa, permite quase que afirmar que a história do adultério foi organizada por eles, dando um falso testemunho sobre aquela que tanto os incomodava, só porque era mulher e muito mais capaz do que eles para exercer as funções de liderança destinadas a um pastor, por ela se fazer pastora entre mulheres e homens em sua ação missionária, Frida causou o ódio deles.

É preciso frisar que a perseguição a Frida Vingren se iniciou no Brasil, motivada pelas lideranças que aqui exerciam o poder na Assembleia de Deus, entretanto, em sua pátria, tanto elogiada pelo modelo de protestantismo na Igreja de Filadélfia, dando liberdade às mulheres de lá para liderar muitos trabalhos, além de participações em grandes conferências, esta mesma Igreja em sua liderança, foi cruel para com ela perto do seu fim de vida, sendo aqueles irmãos, também irmãs. Portanto, responsáveis diretos por sua internação compulsória num hospital psiquiátrico, esta Igreja carrega em sua história a imputação dos problemas psicológicos desenvolvidos por Frida ao longo de seis sofridos anos até a data da sua morte.

4.2 As atividades das mulheres pentecostais: o círculo de oração

É inegável que há uma espiritualidade das mulheres pentecostais assembleianas, antes e depois da passagem de Frida Vingren pelo Brasil, foram quinze anos de trabalhos intensos, embora não houvesse um exclusivismo para com

elas, e nem seria possível, pois com Gunna Vingren constantemente adoecido, ela assumiu a tarefa de ser pastora de todos (as) na Igreja Assembleia de Deus.

A indicação de Frida, aí sim, particularmente para as assembleianas de que sempre estivessem unidas, congregando, orando e lendo a Palavra de Deus, é uma demonstração do modelo de espiritualidade pentecostal que conseguiu implementar entre elas aqui no país.

Já se sabe que desde sua criação em 1911, em Belém do Pará, na região Norte do país, as Igrejas Assembleias de Deus se tornaram o maior e mais popular segmento protestante de corte pentecostal do Brasil, estendendo-se pelo Nordeste até o Sul do país. Em 1927 chegam a São Paulo, aproveitando a onda de crescimento, da industrialização que chegava àquele Estado (Mendonça (2002) e em outros grandes centros urbanos.

No entanto, apesar de serem, à semelhança das demais igrejas pentecostais, tipicamente urbanas compostas de operários e pequenos servidores de baixa renda, elas já ganham corpo em áreas rurais de posseiros e trabalhadores assalariados. Só nas imediações dos seus grandes templos-sede, nas cidades maiores, é que essa composição se altera rumo aos setores sociais intermediários. A maioria das congregações, no entanto, é composta pelas camadas mais populares dos habitantes da cidade e do campo.¹⁴¹

Quando Mendonça publica o seu livro, em sua primeira tiragem em 1990, pela Edições Loyola, ele já fazia ressalvas a algumas mudanças no padrão histórico conservador direcionado aos membros das Assembleias de Deus. A igreja local possui certas liberdades e a Convenção Nacional algumas limitações. Mendonça, irá conformar que:

Há informação de que nas Assembleias de Deus começam a se verificar conflitos entre conservadores e alguns segmentos tendentes a modificar costumes tradicionais pentecostais e, em particular das Assembleias, com referências às vestes, principalmente das mulheres, ao uso da televisão, rádio, cinema etc. A ascensão social e o acesso à instrução acabam atingindo seriamente os pentecostais. Deve haver por isso muito desistência. Entretanto, as Assembleias de Deus não somente se renovam, mas crescem na medida em que os bolsões de pobreza aumentam na cidade e no campo. A liturgia livre, a possibilidade sempre aberta de acesso às lideranças, o apoio e solidariedade comunitários, assim como a probabilidade de manejo religioso do cotidiano, constituem atração permanente por parte das Assembleias de Deus às classes populares.¹⁴²

Segundo este aspecto apresentado, nota-se uma aproximação das Igrejas Assembleias de Deus nas classes mais populares, ainda que Mendonça identifique

¹⁴¹ MENDONÇA, A. G. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 50-51.

¹⁴² MENDONÇA, A. G. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 51.

algumas desistências, uma certa circularidade de membros nas Assembleias de Deus, possivelmente também pelo rigor dos seus usos e costumes, da exigência moral elevada, comum nas igrejas filhas da Reforma, com o decorrer da história e dos avanços culturais, isso pode ser um entrave.

No entanto, esta exigência moral que permanece fortemente em todas as Igrejas Assembleias de Deus é uma marca histórica, que como já afirmou, não parte dela, mas do tipo de teologia reformadora que recebeu dos missionários estrangeiro, como Gunna e Frida Vingren, que embora suecos, mantinham em si esta mesma percepção moral e espiritual de conduzia a vida de todos os segmentos pentecostais brasileiros.

As Assembleias de Deus pertencem ao período clássico do movimento Pentecostal no Brasil, aquele já retratado nesta pesquisa, segundo as atividades missionárias de Gunna Vingren, Daniel Berg em 1910, e posteriormente com Frida Vingren, estes somados aos trabalhos da Congregação Cristã no Brasil e da Igreja do Evangelho Quadrangular e, por fim, a Igreja Evangélica Brasil para Cristo, são estas, que segundo Mendonça, formam o grupo de igrejas que pertencem ao “pentecostalismo clássico”. “Comparadas com outras igrejas pentecostais elas são bem-estruturadas e hierarquizadas, com doutrinas, costumes e práticas cúlticas definidas.”¹⁴³

Estes rotulados de “pentecostais clássicos ou primitivos” possuem uma concepção da salvação operada por Jesus Cristo que pode ser compreendida em dois estágios, melhor, “doutrina da salvação em dois estágios.”¹⁴⁴ Mendonça identifica esses estágios da seguinte maneira, o que é importante considerar, deste rotulado “pentecostalismo primitivo”:

o primeiro é a conversão ou regeneração e o segundo o batismo do Espírito Santo acompanhado do falar em línguas estranhas. Essa concepção se opõe à “doutrina da salvação em três estágios”, surgida nos movimentos de santificação e reavivamento anteriores ao pentecostalismo, para qual o primeiro estágio é a conversão ou regeneração, o segundo é a santificação, também chamada de segunda bênção, que se distingue da conversão em tempo e em conteúdo, e o terceiro é o Batismo do Espírito Santo seguido do falar em línguas estranhas.¹⁴⁵

Observa-se neste aspecto, que para a doutrina estabelecida nas Assembleias de Deus, é preciso de imediato se regenerar, ou seja, dentro do contexto das

¹⁴³ MENDONÇA, A. G. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 257.

¹⁴⁴ MENDONÇA, A. G. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 257.

¹⁴⁵ MENDONÇA, A. G. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 257.

camadas mais pobres da população brasileira, há um comportamento social que apresenta inúmeras “tentações”, que, segundo a leitura teológica pentecostal, seriam cientificamente compreendidos como sinais evidentes de uma cultura, contudo, na leitura teológica moralista que por aqui abarcou, foram transformados em “pecados da carne”, que devem ser combatidos veementemente ao se aceitar viver com Jesus Cristo; é esta a concepção de uma vida espiritual digna com Cristo de todo assembleiano ou assembleiana.

Segundo Mendonça,

o pentecostalismo tradicional herdou do protestantismo seu puritanismo e seu pietismo e, como resultado, o dualismo histórico, o moralismo e o imediatismo que tipifica a relação do fiel com Deus. Acentua, ao mesmo tempo, a distância entre natural e sobrenatural; enfatiza de dois modos o falar em línguas estranhas: como sinal do batismo e como dom de Deus ao fiel; interpreta o comportamento como sinal externo da salvação; entende que o dom de curar pode ser ocasional ou permanente e lhe atribui grande importância comparativamente a outros dons. Curas têm lugar, regularmente, nos cultos e nas sessões de bênçãos de enfermos, mas podem ocorrer nas circunstâncias em que, segundo os pentecostais, o Espírito Santo quiser se manifestar.¹⁴⁶

Neste ponto de sua abordagem, Mendonça faz referência a sociologia do francês Roger Bastide (1898-1974), ele que efetuou diversas pesquisas no Brasil em meio ao povo negro, com obras por exemplo em meio ao candomblé específico do Estado da Bahia.

Mendonça, portanto, faz uso de parte de suas pesquisas para compreender melhor este *ethos* do Espírito Santo em meio ao comportamento dos pentecostais que analisou. Para este pesquisador, há uma tipificação de um comportamento selvagem em meio aos pentecostais nestas manifestações de cura.

É um tipo da manifestação do sagrado selvagem a que se referiu Roger Bastide: os curadores opõem ao empirismo dos médicos uma teoria terapêutica usando a linguagem dos físicos: ondas, fluídos ou átomos. Anunciam também a superioridade da cura divina sobre tratamentos médicos. A cura pode assumir, ocasionalmente, como ocorre nas agências de cura divinas, a forma de luta contra demônios que dominam o corpo e a alma [...]. Assim como são tênues as fronteiras entre carisma protestante e pentecostalismo e agências de cura divina. Isso faz com que o pentecostalismo assuma diversas características e ênfases, ora mais próximas do carisma protestante, ora mais próximos das agências de cura.¹⁴⁷

Nesse contexto, encontra-se o Círculo de Oração nas Igrejas Assembleias de Deus é uma marca de sua espiritualidade. Antes mesmo da fundação da Igreja em 1911, Celina Albuquerque numa reunião de oração, foi “batizada com o Espírito

¹⁴⁶ MENDONÇA, A. G. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 257-258.

¹⁴⁷ MENDONÇA, A. G. Introdução ao protestantismo no Brasil, p. 258.

Santo”, numa reunião organizada pelos missionários que atuavam no Brasil, os já constantemente mencionados Gunna Vingren e Daniel Berg, mas o ocorrido, como já visto mais acima nesta pesquisa, ocorreu na Igreja Batista de Belém do Pará. Consta que a irmã Celina, uma das 18 pessoas expulsas da Igreja Batista em Belém do Pará, foi a primeira mulher a ser “batizada” com o Espírito Santo no Brasil e que passou a fazer parte da Primeira Igreja Assembleia de Deus em Belém do Pará.

Mas não somente este dado, Celina também teria sido curada por meio das orações que ocorriam nas reuniões, este dado alimentou a fé e a confiança dos novos adeptos na força do Espírito Santo em sua manifestação diversa sobre os fiéis das Assembleias de Deus pelo Brasil.

Assim, com o tempo, o círculo de oração das mulheres passou a ter um valor importantíssimo e foi disseminando em todas as ADs de todo o Brasil. Essas reuniões geralmente são realizadas durante o dia e geralmente, conta com o apoio de esposas de pastores mais conhecidos em seu meio. Exemplo disso é a presença marcante de Wanda Freire, esposa do pastor presidente da CGADB, que além de coordenar a União nacional das esposas de ministros das ADs, UNEMAD, lidera também o departamento feminino e a área social da Igreja.¹⁴⁸

Esta herança certamente se deve ao trabalho de Frida Vingren, por isso mulheres assembleianas estão inseridas em vários trabalhos dos departamentos que compõem esta instituição religiosa pentecostal, são elas que oram pelos irmãos e irmãs, quando eles saem para o trabalho evangelístico.

Toda ação evangelística no meio pentecostal é vista, ao menos na forma do pentecostalismo brasileiro, como uma “guerra espiritual”, sendo fundamental o grupo de apoio espiritual, formado pelas irmãs de oração que já atuam constantemente em suas reuniões de oração na Igreja, e estão preparadas, portanto, para os enfrentamentos espirituais.

Geralmente a presença maciça nestes grupos de oração é formado por mulheres, ao que parece a cultura religiosa pentecostal delegou a elas este ofício, o que é também um dado histórico. Há a presença de mulheres nos grupos de evangelismos que percorrem as ruas e as comunidades carentes pelo Brasil, mas a força delas é mais presente nas chamadas orações de intercessão.

Dessa forma, mesmo sendo proibidas de exercerem a função de pastoras, as mulheres ADs são presenças marcantes dentro de suas comunidades. Consideradas anônimas por muitos, elas embalam muitos pastores. Ao contrário do que muitos pensam. “elas não são as cabeças, mas, o pescoço dos seus maridos”. Elas sabem articular uma opinião como ninguém se fazendo prevalecer nas decisões importantes. Para se ter uma ideia da importância dessas mulheres, na eleição realizada em abril de 2008, na

¹⁴⁸ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 262.

cidade de Serra, ES, para a escolha do novo pastor-presidente da Convenção Nacional e da nova Mesa Diretora para o quadriênio 2009-2013 da CGABD, o Círculo de Oração das mulheres assembleianas comandada por Wanda Freire reuniu cerca de 850 esposas de pastores vindas de todo o Brasil. A votação ocorria paralelamente com a reunião das mulheres das ADs sob o tema: “Deus na vida da mulher, uma história de adoração”. Segundo Wanda Freire, “as reuniões superaram as expectativas em participação”. Não se sabe as expectativas que estavam em questão, o que se sabe é que essas mulheres em matéria de “oração” ensinaram aos poderosos pastores, que são importantes e sabem articular o poder religioso como ninguém. Se as “orações articulantes” delas não fossem importantes, então o que justificaria a participação paralela delas ao evento? Os cuidados domésticos junto aos seus esposos?¹⁴⁹

Fica evidenciado, portanto, que ao longo da história das assembleianas a elas foi delegada esta responsabilidade da oração, fica a dúvida se os homens assembleianos, inclusive os pastores, também são dados a esta prática da vida espiritual. Evidente que todo pastor assembleiano ora, a questão que se põe é quanto a frequência com que este hábito, tão fundamental ao pentecostalismo ocorre.

A mulher pentecostal, não só as assembleianas, tem em si, dentro de sua fé, literalmente que as orações podem “mover montanhas”. É possível, portanto, que os homens pentecostais, inclusive pastores já tenham deixado esta responsabilidade às suas esposas, logo, há mais um peso de responsabilidade em seus ministérios, é comum a muitos pastores pentecostais se referirem às suas mulheres como as “colunas” dos seus ministérios.

Ora, a administração do lar, a educação dos filhos, a educação cristã, a ação social, os louvores e tantas outras funções, são apresentadas como responsabilidades que elas devem assumir, como se fosse uma delegação do próprio Deus elas. Evidente que, se o ministério, o serviço dos seus pastores na Igreja, o que muitas vezes é só preparar a mensagem e pregá-la, fracassar, é provavelmente um sinal do fracasso da vida espiritual de suas esposas, que não devem estar totalmente “ligadas” com o mundo espiritual, orando de forma indevida ou insuficiente ao Deus cristão.

Esta evidência fica clara no fragmento acima, enquanto os dirigentes das Assembleias de Deus, os pastores, se reúnem a fim de definir o novo pastor-dirigente Nacional e a Nova Mesa Diretora da denominação, suas esposas não podem se ocupar com outros afazeres, fossem domésticos ou de lazer, mas devem

¹⁴⁹ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 262-263.

paralelamente orar para que as escolhas sejam feitas pela condução do Espírito Santo.

Em suma, ao que parece, as assembleianas de forma geral, sejam as esposas de pastor ou não, já estão acomodadas em inúmeras funções, não só dentro das Igrejas, mas em suas responsabilidades no lar e na comunidade religiosa. É quase certo que elas sabem do poder que possuem em suas mãos, creem que suas orações podem alcançar o trono de Deus e que ele vai atendê-las. Como assinalou Max Weber, quando tratou a respeito dos poderes dos magos no mundo antigo.

Evidente que aqui não se trata de magia, de elementos mágicos, mas de oração, que se assemelha ao “carisma” apresentado pelo sociólogo alemão. Carisma para Max Weber é poder, neste sentido, para “convencer” a Deus que seus pedidos são feitos por mulheres justas, portanto, de uma vida dedicada a adorá-lo, no serviço que se cumpre com excelência na Igreja, no lar, ao lado do marido, que intercede por ele, pela família, portanto, uma mulher exemplar.

Em sua maioria, talvez rejeitem a possibilidade de assumir uma posição pastoral, até mesmo porque sabem que nas Assembleias de Deus isto não é possível, mas isto não significa que elas não possuem poder de decisão em suas igrejas.

Dentro dessa dinâmica, o Círculo de Oração das mulheres das ADs são extremamente políticos e, em determinadas situações elas elegem ou excluem determinados pastores em poucos gestos ou palavras. O exemplo disso ocorre em alguns cultos, quando um pregador está com a palavra, se pode ouvir uma negativa ou uma exaltação feminina, em caso negativo: “misericórdia Senhor”, ou, de exaltação: “Aleluia, ou, Glória a Deus”; e toda a assembleia ali presente, já sabe a opinião delas sobre o discurso do pastor. Para isso, elas se reúnem e trocam ideias, discutem as questões mais urgentes em suas reuniões que ocorrem geralmente às tardes em suas igrejas, tudo passa por uma análise, desde os pontos menores até os de grandes dimensões não escapam aos seus olhares.¹⁵⁰

Não se pode descartar, portanto, que muitas assembleianas, que não podem pela imposição dos líderes da denominação, passar pelo processo de ordenação, que as levaria a posição de pastoras, um mero rito, pois elas já exercem tais funções, sem necessariamente ter um matrimônio com um pastor, pois são sempre fundamentais a ordem material e espiritual em suas igrejas. Também na denominação, assumiram historicamente uma posição de poder, construído como um contradiscurso, um protesto, já que elas possuem a sagacidade de condenar ou exaltar o comportamento dos seus líderes.

¹⁵⁰ CORREA, M. A. C. dos S. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 263.

Talvez, este poder não tão percebido por quem está de fora, seja o motivo delas aceitarem as imposições dos homens da denominação, já que é nas reuniões, nos cultos que elas podem revelar suas emoções, seus sentimentos, alegrias e condenações à mensagem que está sendo pregada, isto é sinal de poder. Nenhum pastor pentecostal fica alheio a este tipo de “crítica” que ocorre durante a mensagem num ambiente pentecostal, aliás, esta ação por parte das mulheres é comum e ocorre em quase todas as reuniões.

Estas exaltações ou reprimendas em forma de “êxtase”, são, certamente após os cultos, motivo de deliberação entre elas, a mensagem do pastor, assim, não é absoluta, mas passa pelo crivo da análise crítica delas.

As assembleianas em sua grande maioria talvez desconheça a história de Frida Vingren, a mulher do fundador que foi propositadamente colocada no anátema da denominação. O conhecimento da história de Frida poderia ser uma motivação a mais na vida destas mulheres do Círculo de Oração, porém, jamais se saberá.

Em outras palavras, pode-se afirmar que sobre as relações de poder em um espaço ocupado majoritariamente por mulheres assembleianas, ainda tem na figura de um único homem, o pastor, seu líder máximo. O Círculo de Oração das mulheres das ADs representa um pilar de poder invisível dentro da denominação ADs, este poder é transferido de mãe para sua filha. Nota-se também a influência do patriarcalismo, presentes nas relações entre as mulheres. Elas detêm uma considerável autonomia no espaço que lhes é possível exercer o mesmo.¹⁵¹

Este perfil apresentado das mulheres assembleianas do Círculo de Oração, carece de mais dados quanto às dúvidas geradas, A posição delas seria por acomodação, por temor ao Deus percebido como homem ou diretamente aos seus maridos, compreendidos como ungidos do Senhor? Ou elas sabem do poder que há em suas mãos e controlam desta forma, ainda que de maneira imperceptível, invisível, as igrejas locais e, deste modo, toda a denominação a nível nacional? A ver estas possíveis respostas em pesquisas futuras.

¹⁵¹ CORREA, Marina A. C. dos Santos. A operação do carisma e o exercício do poder, p. 264.

5 Conclusão

Desde os primeiros passos desta pesquisa, que envolve a atuação da mulher pentecostal em sua missão missionária, observou-se que, apesar da legitimação de Jesus de Nazaré, que rompe com a percepção do judaísmo em relação a elas, colocando-as sempre em evidência, o que ocorre mais tarde dentro das ações do grupo que se reunia em Jerusalém, “homens e mulheres do caminho”, que se torna Igreja Cristã logo em seguida, apesar disto, houve ao longo da História do Cristianismo movimentos que buscaram reduzi-las ou silenciá-las.

Já na Bíblia Hebraica, há registros neste livro de fé, de mulheres que romperam com o padrão estabelecido pelos homens, portanto, padrão de cultura estabelecido como norma normativa, que por imposição deles sempre buscou enquadrá-las em suas ações, dando-lhes uma importância secundária.

No entanto, foram citadas nesta pesquisa algumas delas que romperam com o padrão cultural estabelecido pela cultura patriarcal judaica, pois compreenderam que o Sagrado, o Iahweh do seu povo também estava aberto a elas, em suas orações e petições que brotavam muitas vezes de um coração despedaçado, como no caso de Ana, a estéril, que no suplício de sua alma pedia um filho a Iahweh, para que ele a livrasse da vergonha de não poder ter filhos, o que dentro daquele padrão cultural era geralmente visto como o “peso da mão de Deus” sobre elas, era inconcebível naquela cultura que um homem fosse estéril, impossível. A culpa deste tipo de questão e tantas outras, recaía sobre as mulheres, sempre que possível, era oportuno culpá-las, já dizia o covarde Adão nos primórdios da fé de Israel. “Ele retomou: ‘E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!’ O homem respondeu: ‘A mulher que puseste junto a mim me deu da árvore, e eu comi!’”.¹⁵²

No Novo Testamento, especificamente nos registros do Evangelhos, Jesus de Nazaré as valoriza, está aberto a elas gratuitamente, não é preciso temê-lo, nem quando uma mulher impura segundo a Lei (Lv 15,25), com doze anos neste estado de aflição lhe toca o manto sem permissão, melhor, sabia que deveria se afastar de todos os homens em função de sua menstruação que se tornou para ela, vergonha, humilhação, impureza e enfermidade.

¹⁵² Gn 3, 11-12. Bíblia de Jerusalém.

Jesus sempre lhes trouxe plenitude de vida, pois elas também eram contadas negativamente, entre os que estavam à margem do judaísmo, como no Êxodo, “sem contar mulheres e crianças” (Ex 12,37), segundo a versão da Bíblia Nova Almeida Atualizada. Distante de tais padrões estabelecidos, Jesus de Nazaré, como apresentado neste trabalho, as disciplinava.

O ponto culminante da valorização feminina na Igreja, está na efusão do Espírito Santo, que é derramado no mesmo instante de sua chegada entre eles e elas, não dando margem a composições teológicas futuras para torná-las invisíveis, embora, como observado na pesquisa, o peso da mão do gênero masculino na Igreja, ao longo de sua história e, ainda hoje, sempre buscam “sufocá-las”.

Por isso, não só ao longo da Bíblia Hebraica e do Novo Testamento, há muitos exemplos delas que serviram ao Pai de Jesus de Nazaré, compreendendo que pelas palavras do Filho, o Pai também lhes estava totalmente aberto, acessível, não dependendo de intermediação humana, já que o Espírito Santo nelas também habita, o que confirma o Pentecostes em Jerusalém, apresentado pelo livro de Atos dos Apóstolos.

Neste sentido, Frida Vingren, a mulher do fundador da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, não deve mais ser contada neste aspecto, mas também como fundadora desta Igreja pentecostal centenária no Brasil. Como abordado, a Igreja Assembleia de Deus manteve uma forma antes da chegada de Frida Vingren.

Por ocasião da saúde frágil do seu marido, quando chegou ao Brasil, Frida tomou a frente de todos os trabalhos liderados por seu marido e contado com o apoio dele, conforme foi apresentado, atuou plenamente, enfrentando os alçózes do seu tempo, alguns homens nordestinos e um conterrâneo próximo à sua família, Samuel Nystron, este, que embora tenha o nome certamente em homenagem ao último juiz, sacerdote e vidente em Israel, agia com Frida, como o sacerdote Eli, que foi estúpido com Ana, que no seu pior momento de dor e desespero em oração no santuário, foi tida por ele como uma bêbada/embriagada, ao passo que ela mesma tem que se defender da ofensa, pedindo que ele não a tome como uma vadia (1Sm 1,9-18), conforme o texto da Bíblia de Jerusalém.

Frida Vingren, assim como muitas personagens bíblicas, enfrentou os alçózes do seu tempo. Frida o fez em palavras, junto aos artigos que escrevia nos jornais em que atuou, em Belém do Pará e no Rio de Janeiro, muito mais competente do que o seu pior alçóze que trabalhava junto a ela, o próprio Samuel Nystron.

As Igrejas Assembleias Deus têm uma enorme dívida com Frida Vingren, mas principalmente as mulheres desta denominação pentecostal, pois ela foi silenciada violentamente. Esta dívida precisa ser paga dignamente, é preciso corrigir esta “ficção” criada pelos homens da denominação que reduziram a importância de Frida Vingren, para a Igreja Assembleia de Deus, além das conquistas que abriu para as mulheres da denominação, num contexto histórico e social tão terrível quanto o que se mostra atualmente. Até mesmo foi plantada contra ela uma suspeita de adultério, para tentar enterrar todos os seus feitos na denominação (Alencar, 2011).

Viva Frida Vingren, discípula e pastora de Jesus de Nazaré!

6. Referências bibliográficas

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911 – 2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BAPTISTA, Douglas Roberto de Almeida. **História das Assembleias de Deus: grande movimento pentecostal**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

BLANCO, José Ignacio. Tamar, Rahab, Bat-Sheba: a humanidade posta a nu. In: AREGÜÉS, J. Alegre. et al. **Personagens do Antigo Testamento: volume 1**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BRÁULIO, Pablo. **O analfabetismo no Brasil caiu de 92% para 56% durante o Segundo Reinado?** Projeto Detecta, 2021. Disponível: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2021/09/22/o-analfabetismo-no-brasil-caiu-de-92-para-56-durante-o-segundo-reinado/>
Acesso em: 22 de ago. 2024.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2012.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. A luta pelo reconhecimento da ordenação pastoral feminina nas Assembleias de Deus do norte do Brasil: desafios e conquistas. **Mandrágora**. v. 29, n. 1, 2023, p. 217-246.

DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FERNANDES, Rubineide Oliveira Lima. **Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o estabelecimento da Educação Formal**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba – Faculdade de Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, SP, 2006.

FILHO, Fernando Bortolletto (organizador). **Dicionário brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1988.

CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

GALA, Paulo. **No século XIX os Estados Unidos adotaram uma política de forte protecionismo econômico**. Paulo Gala/Economia & Finanças. Disponível em: <https://www.paulogala.com.br/no-seculo-xix-os-estados-unidos-adotaram-uma-politica-de-forte-protecionismo->

economico/#:~:text=Durante%20o%20s%C3%A9culo%20XIX%2C%20v%C3%A1rios,visando%20favorecer%20a%20produ%C3%A7%C3%A3o%20local.

Acesso em: 22 de ago. 2024.

GAARDER, Jostein; HELLEEN, Victor; NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus v. 1**. São Paulo: Editoras Paulinas, 1977.

MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos**. Porto Alegre, Mazzarolo, I., 2000.

NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1987.

KONINGS, Johan. **A Bíblia nas suas origens e hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LADARIA, Luis F. **O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade**. São Paulo: Editora Loyola, 2015.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MESTERS, Carlos. **Rute**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça**. Edições Loyola, 2004.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2003.

ROCHA, Alessandro. **Celebração dos sentidos: itinerário para uma espiritualidade integradora**. São Paulo: Paulinas, 2009.

ROCHA, Alessandro. **Espírito Santo: aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

ROCHA, Alessandro. **Teologia sistemática no horizonte pós-moderno: um novo lugar para a linguagem teológica**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

ROCHA, Alessandro. **Pequenas doses de espiritualidade e teologia**. São Paulo: Editora Reflexão, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. **A Palestina nos tempos de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1983.

TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.